

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E
ECOLOGIA SOCIAL

Carine Morrot de Oliveira Villasanti

DRE: 119001909

Raízes do Brasil: uma abordagem psicossocial à micropolítica do
Movimento dos Pequenos Agricultores na cidade do Rio de Janeiro

Janeiro de 2022

Carine Morrot de Oliveira Villasanti

Raízes do Brasil: uma abordagem psicossocial à micropolítica do Movimento dos Pequenos Agricultores na cidade do Rio de Janeiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, do Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Tavares

Rio de Janeiro

2022

CIP - Catalogação na Publicação

MC277r Morrot de Oliveira Villasanti, Carine
Raízes do Brasil: uma abordagem psicossocial à micropolítica do Movimento dos Pequenos Agricultores na cidade do Rio de Janeiro / Carine Morrot de Oliveira Villasanti. -- Rio de Janeiro, 2022.
127 f.

Orientador: Frederico Tavares.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2022.

1. Movimento dos Pequenos Agricultores. 2. micropolítica. 3. análise semiótica. 4. consumo. 5. Raízes do Brasil. I. Tavares, Frederico, orient. II. Título.

Raízes do Brasil: uma abordagem psicossocial à micropolítica do Movimento dos Pequenos Agricultores na cidade do Rio de Janeiro

Carine Morrot de Oliveira Villasanti

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Frederico Augusto Tavares Junior - Orientador
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Patrícia Saldanha
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt
Universidade Federal do Rio de Janeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Ata de Defesa de Mestrado

Às 10:00 hs do dia **05/01/2022**, o(a) aluno(a) **CARINE MORROT DE OLIVEIRA VILLASANTI** (registro nº. 119001909), se submeteu à banca examinadora composta pelos Professores Doutores - membros efetivos: Frederico Augusto Tavares Junior (orientador e presidente da banca), CPF nº 837.016.487-00, Renato Nunes Bittencourt, CPF nº 084.744.397-36 e Patrícia Gonçalves Saldanha, CPF nº 954.461.507-59; membros suplentes: Mônica Machado Cardoso, CPF nº 933.770.707-10 e Denise Rugani Töpke, CPF nº 087.004.477-06. O trabalho do(a) aluno(a), intitulado **“Raízes do Brasil: uma abordagem psicossocial à micropolítica do Movimento dos Pequenos Agricultores na cidade do Rio de Janeiro”** foi: (x) aprovado, devendo entregar a versão final encadernada no prazo de 60 dias; () aprovado condicionalmente, devendo apresentar os ajustes exigidos pela banca, no prazo máximo de 90 dias*; () reprovado. **APROVADO(A)**, o(a) aluno(a) faz jus ao título de **Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social**. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata que é abaixo assinada pelos membros da banca e pelo(a) aluno(a).

Banca:

Orientador(a):

Aluno(a):

Observações:

Atestado de cumprimento das exigências*

O(A) aluno(a) cumpriu as exigências e a partir desta data e tem _____ dias para entregar a versão final encadernada.

Assinatura do Orientador

Data: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

À minha avó Dolores (*in memoriam*) por me apoiar incondicionalmente em toda a minha vida escolar e acadêmica, pela confiança, amizade, compreensão, abertura e escuta.

À minha mãe, Maria Elisa, por toda dedicação e incentivo às minhas empreitadas.

Ao meu esposo Hilton, por me acompanhar nessa jornada, pelo carinho e por me impulsionar nos momentos mais desafiadores.

À minha filha, Georgia, por me dar o combustível imprescindível para a concretização dessa pesquisa.

Ao meu orientador, Fred Tavares, pela abertura e direcionamentos assertivos.

Ao corpo docente e funcionários do EICOS, pelas vivências e momentos compartilhados, por me apoiarem em diversos momentos, em especial, Ricardo, Beatriz Takeiti e Paula Cerqueira.

Aos colegas de estudo do EICOS, pelas trocas e reflexões, pelo convívio e companheirismo, por me inspirarem tanto, em especial Flavia Rocha, Patricia Bevilaqua, Ana Melo Dias, Jean Fontes e Tainá Antonio.

Ao Movimento dos Pequenos Agricultores e à equipe do *Raízes do Brasil*, pela luta e resistência, pelas relações cultivadas, por tanto aprendizado, por me acolherem na construção de novos caminhos, em especial, Beto, Bruno, Camila, Evandro e demais companheiros com quem pude conviver e fazer junto.

RESUMO

O *Raízes do Brasil* é um espaço localizado no bairro de Santa Teresa, Rio de Janeiro, criado pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), com o objetivo de integrar a agroecologia camponesa e a sociedade urbana e comercializar alimentos saudáveis (livre de agrotóxicos e transgênicos) provenientes da agricultura familiar. A iniciativa é um importante marco na estratégia do movimento para escoar seus produtos na Sociedade de Consumo, ao mesmo tempo que pode ser entendida como uma atuação micropolítica que institui uma resistência (Guattari & Rolnik, 1986). Assim, o presente estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica que aborda, através de um recorte psicossocial, a atuação do MPA e sua luta pela Soberania Alimentar e Nutricional (SAN), e mais especificamente, sua ação incorporada no espaço *Raízes do Brasil* e as subsequentes relações entre consumo, produção de subjetividades e micropolítica, sustentada em Hardt (2000), Deleuze e Guattari (1996) e Guattari (1990). O caminho metodológico tem como sua primeira parte uma pesquisa exploratória, fruto de encontros e vivências de 2013 a 2018, organizados em uma experiência de pesquisa-ação com base em Thiollent (2003; 2011) e estruturada com a perspectiva de Peruzzo (2016). Na segunda parte foi feita a análise semiótica, com base em C. S. Peirce, das 5 postagens mais curtidas do Instagram do *Raízes do Brasil* no período de pandemia da Covid-19, de março a dezembro de 2020. Com o estudo foi possível observar aspectos no campo psicossocial da iniciativa que podem ser considerados como uma atuação micropolítica de resistência, a construção de sentidos, de uma semiótica e uma ecosofia que promove, em certa medida, a ressingularização individual e coletiva frente à cultura capitalística contemporânea.

Palavras-chave: Movimento dos Pequenos Agricultores, micropolítica, análise semiótica, consumo, Raízes do Brasil

ABSTRACT

Raízes do Brasil is a space located in the neighborhood of Santa Teresa, Rio de Janeiro, created by the Movement of Small Farmers (MPA), with the objective of integrating peasant agroecology and urban society and marketing healthy food (free of pesticides and transgenics) from family farming. The initiative is an important milestone in the movement's strategy to sell its products in the Consumer Society, while at the same time it can be understood as a micropolitical action that institutes resistance (Guattari & Rolnik, 1986). Thus, the present study consists of bibliographical research that addresses, through a psychosocial perspective, the performance of the MPA and its struggle for Food and Nutritional Sovereignty (SAN), and more specifically, its action incorporated in the *Raízes do Brasil* space and subsequent relations between consumption, production of subjectivities and micropolitics, supported by Hardt (2000), Deleuze and Guattari (1996) and Guattari (1990). The methodological path has as its first part an exploratory research, the result of meetings and experiences from 2013 to 2018, organized in an action-research experience based on Thiollent (2003; 2011) and structured with the perspective of Peruzzo (2016). In order to deepen the research and demonstrate the micropolitical performance of the initiative, in the second part a semiotic analysis was carried out, based on CS Peirce, of the 5 most liked Instagram posts by *Raízes do Brasil* during the Covid-19 pandemic period, from March to December 2020. With the study, it was possible to observe aspects in the psychosocial field of the initiative that can be considered as a micropolitical action of resistance, the construction of meanings, a semiotics and an ecosophy that promotes, to a certain extent, individual and collective re-singularization against the contemporary capitalist culture.

Keywords: Small Farmers Movement, micropolitics, Food Sovereignty, semiotic analysis, consumption, *Raízes do Brasil*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES – QUADROS, FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Quadro: Tricotomia do signo de Peirce (Fonte: Santaella, 1983, p. 62)..... | 64 |
| Figura 1: Comprando da Cesta Camponesa no Campus da Praia Vermelha em Fevereiro/ 2014 (Fonte: Barraca Camponesa, Facebook)..... | 76 |
| Figura 2: Noite organizando as Cestas Camponesas que seriam entregues no dia seguinte - Vila de Cava, Nova Iguaçu, Novembro/2015 (Fonte: própria)..... | 78 |
| Figura 3: Paisagem da batata doce, noite organizando as Cestas Camponesas que seriam entregues no dia seguinte - Vila de Cava, Nova Iguaçu, Novembro/2015 (Fonte: Instagram pessoal)..... | 78 |
| Figura 4: Cartaz de divulgação no meu prédio, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal) | 82 |
| Figura 5: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal)..... | 82 |
| Figura 6: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal) | 83 |
| Figura 7: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal) | 84 |
| Figura 8: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal) | 85 |
| Figura 9: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal) | 85 |
| Figura 10: Anotações de vendas feitas sem pedido prévio, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal) | 86 |
| Figura 11: Anotações da reunião feita em janeiro/2016 (Fonte: arquivo pessoal) | 87 |
| Figura 12: Anotações da reunião para construção do site feita em janeiro/2016 (Fonte: arquivo pessoal) | 88 |
| Figura 13: Anotações da reunião no Raízes do Brasil em fevereiro/2018 (Fonte: arquivo pessoal) | 89 |
| Tabela 1: Refeições servidas de 03 de março a 07 de abril de 2018 (Fonte: própria) | 91 |
| Figura 14: Consolidação financeira Cesta Camponesa de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal) | 93 |
| Figura 15: Consolidação financeira Feira Fiocruz de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal) | 93 |

| | |
|---|-----|
| Figura 16: Consolidação financeira Feira Botafogo de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal) | 94 |
| Figura 17: Consolidação financeira Feira Ilha do Governador de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal) | 94 |
| Figura 18: Consolidação financeira Feira Associação dos Moradores de Laranjeiras -AMAL de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal) | 94 |
| Figura 19: Consolidação financeira Evento UFRJ de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal) | 95 |
| Figura 20: Consolidação financeira Custos da kombi de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal) | 95 |
| Figura 21: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria) | 97 |
| Figura 22: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria) | 98 |
| Figura 23: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria) | 98 |
| Figura 24: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria) | 99 |
| Figura 25: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria) | 99 |
| Figura 26: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria) | 100 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|--|
| CMI | Capitalismo Mundial Integrado |
| EICOS | Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social |
| ESS | Escola de Serviço Social |
| FAO | Organização para Alimentação e Agricultura |
| INCRA | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária |
| MPA | Movimento dos Pequenos Agricultores |
| OGM | Organismos Geneticamente Modificados |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PSYCONN | Grupo de Pesquisa Processos Psicossociais de Consumo e Comunicação |
| SAN | Soberania Alimentar e Nutricional |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |

Sumário

| | |
|--|-----|
| Apresentação da Pesquisa | 11 |
| 1. Introdução | 13 |
| 1.1 Objetivos da Pesquisa | 15 |
| 1.1.1 Objetivo Geral | 15 |
| 1.1.2 Objetivos Específicos | 16 |
| 1.2 Questões de Pesquisa | 16 |
| 2. Referencial Teórico | 17 |
| 2.1 Produção de subjetividades e consumo: um olhar psicossocial | 18 |
| 2.2 O consumo como aspecto central na Sociedade Contemporânea | 18 |
| 2.3 Da Sociedade Disciplinar à Sociedade de Controle: algumas considerações | 24 |
| 2.4 A extensão do domínio do Capital na Sociedade contemporânea e <i>As Três Ecologias</i> | 27 |
| 2.5 Micropolítica, segmentaridade e o <i>Raízes do Brasil</i> | 30 |
| 3. O MPA e a luta pela Soberania Alimentar e Nutricional e pela Agroecologia | 36 |
| 3.1 A micropolítica do MPA no <i>Raízes do Brasil</i> | 42 |
| 4. Metodologia de Pesquisa | 49 |
| 4.1 Fundamentação Teórica | 49 |
| 4.2 Implicações da Pesquisa Social | 51 |
| 4.2.1 A Pesquisa-Ação | 52 |
| 4.3 Comunicação, Análise Semiótica e a escolha do Instagram | 56 |
| 4.3.1 A Semiótica de C. S. Peirce | 58 |
| 4.3.2 A Semiótica e as Estratégias Sensíveis de Muniz Sodré | 64 |
| 5. Resultados de Pesquisa | 74 |
| 5.1 As incursões feitas em campo: conhecendo e explorando a partir de noções de pesquisa-ação | 75 |
| 5.2 Análise semiótica do Instagram @raizesdobrasil.rj | 93 |
| 5.2.1 Postagem em 1º lugar em número de curtidas | 97 |
| 5.2.2 Postagem em 2º lugar em número de curtidas | 100 |
| 5.2.3 Postagem em 3º lugar em número de curtidas | 102 |
| 5.2.4 Postagem em 4º lugar em número de curtidas | 107 |
| 5.2.5 Postagem em 5º lugar em número de curtidas | 110 |
| 5.3 Algumas inferências dos resultados de pesquisa | 113 |
| 6. Considerações (não) finais | 118 |
| Referências | 124 |

Apresentação da Pesquisa

Durante a minha formação em Administração, percebi o quanto essa Ciência Social Aplicada está voltada para uma perspectiva utilitarista, no sentido de servir aos interesses capitalistas do mercado, muito mais do que à sociedade em si e ao seu bem-estar. Assim, busquei caminhos que desenvolvessem a minha visão crítica e me dessem recursos para, no âmbito de minha inserção na realidade profissional, atuar em um sentido contrário ao estabelecido.

Para chegar a essa visão sobre minha futura atuação profissional, devo ressaltar a importância da disciplina eletiva¹ que cursei com o Prof. Igor Valentim em 2013, na qual conheci a Economia Solidária e formatos de organização autogestionários, o que me revelou outras possibilidades de organização e relações humanas, além dos modelos hegemônicos disseminados pós Revolução Industrial. Concomitantemente a essa disciplina, entrava em contato com a Barraca Camponesa, fruto do projeto de extensão desenvolvido pela Escola de Serviço Social (ESS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) intitulado “Agroecologia em assentamentos rurais: uma estratégia de ampliação da renda familiar”, realizado no assentamento Fazenda Alpina, em Teresópolis, em parceria com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). O projeto foi desenvolvido por uma turma de estudantes de Serviço Social voltada para assentados da Reforma Agrária, criada por convênio com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Seu objetivo consistia em oferecer ao corpo da universidade alimentos livres de transgênicos e agrotóxicos, debater os modelos de produção de alimentos no Brasil e escoar a produção agrícola dos assentados (UFRJ, 2014) – uma vez que não conseguiam fechar parcerias com os comerciantes de hortifrutigranjeiros ou redes de supermercados.

Foi nesse cenário que estabeleci relações que me levaram a colaborar com a organização da Cesta Camponesa, instituída em 2015, que se configurou como mais um importante passo para o movimento camponês na cidade do Rio de Janeiro. A Cesta Camponesa é um projeto

¹ A disciplina cursada foi ACA536 – Tópicos Especiais em Estratégia Empresarial – Economia Solidária, com a carga horária de 60 horas/aula, apenas ministrada uma única vez em 2013/2. Os objetivos foram: Estimular a sensibilidade, bem como a atitude crítica e reflexiva. Discutir o conceito de Economia Solidária, sua atualidade, valores e aplicabilidade cotidiana. Estimular a aprendizagem vivencial e a reflexão sobre as possibilidades advindas da Economia Solidária a partir de encontros com integrantes de organizações de Economia Solidária. Na ementa, os conteúdos trabalhados foram: Capitalismo e sociedades contemporâneas. Subjetividade e subjetivação. Economia Solidária: emergência, princípios, valores, objetivos. Cooperativismo e associativismo. Experiências com a Economia Solidária. Críticas ao conceito de Economia Solidária. Virtualidades e possibilidades com a Economia Solidária.

que entrega cestas previamente encomendadas em diversos pontos do município. Os persistentes desafios de logística, organização e escoamento da produção fizeram com que o MPA optasse por ter uma base na cidade. Com essa finalidade, em maio de 2017 foi criado o *Raízes do Brasil*, um espaço no bairro de Santa Teresa, organizado de forma autogestionária para integrar a agroecologia camponesa e a sociedade urbana através da alimentação saudável, atividades culturais e hospedagem. Nele se organizam a Cesta Camponesa, a Barraca Camponesa, eventos culturais, artísticos e educacionais, estimulando novas formas de produção e consumo e o fortalecimento dos vínculos sociais e políticos entre o campesinato e setores urbanos progressistas e populares, além de valorizar as raízes camponesas do nosso país e consolidar-se como um espaço de encontro entre alimentação, cultura e política (MPA, 2018).

Em 2018 fui contatada outra vez pelo MPA, que buscava apoio na organização operacional e financeira do *Raízes do Brasil*. Durante alguns meses, visitei semanalmente o espaço, no intuito de entender, trocar e colaborar com os processos, ao mesmo tempo, verificar como estavam sendo percebidos e organizados. Com o tempo, senti a necessidade de desenvolver um olhar mais atento sobre questões relacionadas à dinâmica do *Raízes do Brasil* que, mesmo com gargalo financeiro que assegurasse a sua continuidade, trazia uma efervescência microssocial e parecia estar ressignificando as diversas relações psicossociais, entre produtores, consumidores e demais frequentadores do espaço com práticas relacionadas ao consumo de alimentos livres de agrotóxicos.

Nesse período, conheci mais de perto o EICOS - Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da UFRJ, dedicado ao pensamento psicossocial, com foco específico nos processos grupais e comunitários, com uma visão ecológico-social e ambiental. Por estudar processos contemporâneos ancorados em uma interdisciplinaridade enraizada no campo da Psicologia Social, levando em conta as questões ecológicas e ambientais, percebi que poderia ser um interessante abordar o movimento social dos pequenos agricultores e sua articulação que costura Agroecologia e mercado consumidor, o *Raízes do Brasil*, sob essa ótica. De outro lado, por já ter atuado junto ao MPA, considerei ser viável realizar um estudo que tivesse, simultaneamente, uma dimensão teórico-reflexiva e uma dimensão prática, que resultasse de pesquisas de campo e pudesse se constituir como uma colaboração para o próprio *Raízes do Brasil*. Assim nasceu o presente projeto de pesquisa cujo referencial teórico trago a seguir.

1. Introdução

Na sociedade contemporânea, a transformação das ordens social, econômica e política é permanente. O capitalismo se reconfigurou conexionalista e rizomático, atuando na ampliação de mercados de consumo e na fabricação das relações sociais, da cultura e de valores simbólicos. Seu foco é a produção de sujeitos consumidores, e a matéria-prima são os processos de subjetivação emanados em todo o meio cultural e social. Nada escapa, todas as esferas da sociedade são ocupadas de maneira rizomática.

É importante perceber como o consumo é tema central na sociedade contemporânea, não deixando de ser também o fio condutor da iniciativa do movimento social, que vem se organizando e experimentando diversos formatos para conquistar espaço na cidade.

Nesse sentido, a psicossociologia do consumo surge, com a reflexão da inserção dos sujeitos na contemporaneidade, observando suas interrelações e imaginários sociais, figurando-se, assim, como um terreno fértil para minha investigação. O presente estudo se baseia em uma perspectiva interdisciplinar que elucida a reflexão dos processos de subjetivação na produção do consumo de produtos agroecológicos – uma vez que a subjetividade capitalística conforma até mesmo um modo de ser ecologicamente correto, atribuindo outros significados à relação entre sociedade, consumo e natureza (Pontes & Tavares, 2017).

Para, desde já, sublinhar a realidade a partir da qual o estudo será desenvolvido, é importante ressaltar que a produção de alimentos baseada na agroecologia é profundamente conectada aos ciclos da natureza, sem uso de aditivos químicos nem de organismos geneticamente modificados (OGM), os transgênicos. A ação do campesinato, ao mesmo tempo que articula a sua inclusão e participação na sociedade capitalística, através do viés da sustentabilidade pela produção de alimentos saudáveis e o estímulo ao seu consumo, também reitera e reafirma o modo de ser camponês, sua cultura tradicional, sua ligação com a terra, sua luta política no sentido da Soberania Alimentar e Nutricional (SAN) e sua forma de produzir contra-hegemônica, através da Agroecologia. Assim, a iniciativa também pode ser vista como uma atuação micropolítica que institui uma resistência (Guattari & Rolnik, 1986).

Ações que nascem com um objetivo contra-hegemônico muitas vezes são cooptadas pelo poder constituído sobre a vida – o “biopoder”, como colocado por Foucault (2011) – sendo transformadas em objetos de manobra das estruturas vigentes. Ao mesmo tempo, Rolnik (2006)

traz uma perspectiva da ação micropolítica que se dá na construção da própria vida, em cada pessoa e sua rede de afetos. Iniciativas microsociais que busquem cultivar novas solidariedades, novas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente fazem com que as práticas sociais e políticas deixem de trabalhar apenas para as semióticas capitalísticas, mas para a humanidade como um todo (Guattari, 1990). Haveria, então, caminhos para escapar da produção rizomática de subjetividades? E o *Raízes do Brasil* poderia ser considerado como uma iniciativa micropolítica de resistência?

Parte-se da compreensão construída por Niemayer (2014) de que a dinâmica social provocada pelo Movimento dos Pequenos Agricultores em função da Soberania Alimentar é geradora de novas formas de conhecimento, tanto práticos quanto intelectuais. Essa autora percebe a Soberania Alimentar como um programa social que vem sendo desenvolvido por uma rede transnacional de movimentos sociais, articulados em redes de solidariedade transculturais atuante em distintos contextos e escalas de ação. Assim se justifica a relevância de abordar a iniciativa microsocial articulada pelo MPA, *Raízes do Brasil*, por meio de um estudo interdisciplinar de cunho psicossocial à luz da temática da produção do consumo e de subjetividades.

A Psicossociologia abrange um campo rico que concede a possibilidade de compreender como indivíduos e sociedade se interferem mutuamente no que tange aos dilemas socioambientais contemporâneos. A Linha 1 do Programa EICOS de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual esta pesquisa se insere, aborda e problematiza questões de desenvolvimento e compromissos de sustentabilidade levando em consideração dinâmicas culturais, inclusão social e a ecologia na constituição de subjetividades.

Esta pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Fred Tavares, e se insere no encontro dos grupos de pesquisa sob sua coordenação, Psyconn (Processos Psicossociais de Consumo e Comunicação) e Rizoma Verde (Comunicação, Consumo e Responsabilidade socioambiental), ambos vinculados ao Programa EICOS. Os grupos desenvolvem estudos interdisciplinares da interação dialógica entre os saberes da Comunicação e da Psicologia. O Psyconn foca o processo da investigação da Publicidade e da Psicossociologia no campo da produção do consumo. O Rizoma Verde, por sua vez, foca a investigação mais particular da interface entre a comunicação, o marketing ambiental, a responsabilidade socioambiental e a psicossociologia à luz da temática da sustentabilidade, através do debate com os processos de consumo.

Sendo assim, o estudo consistirá em uma pesquisa bibliográfica que aborde, através de um recorte psicossocial, a atuação do MPA e sua luta pela Soberania Alimentar e Nutricional (SAN), e mais especificamente, sua ação incorporada no espaço *Raízes do Brasil* e as subsequentes relações entre consumo, produção de subjetividades e micropolítica.

Antes da pandemia provocada pela Covid-19, intencionava-se uma segunda etapa em campo com o desenvolvimento de um planejamento participativo consensual junto ao grupo autogestionário responsável pelas diversas operações do *Raízes do Brasil*, a fim de constituir uma dimensão prática, que resultasse de pesquisas de campo e pudesse se constituir como uma colaboração para a iniciativa.

Com a inviabilidade de uma atuação presencial, o caminho metodológico escolhido foi de aproveitar os materiais coletados durante a pesquisa exploratória, fruto de encontros e vivências a partir de 2013, com sua culminância em 2018, organizados em uma experiência de pesquisa-ação, com base em Thiollent (2003; 2011) e estruturada com a perspectiva de Peruzzo (2016). Para aprofundar a pesquisa e demonstrar a atuação micropolítica da iniciativa, com a finalidade de arrematar o caminho metodológico, foi escolhida a análise semiótica, com base em C. S. Peirce, das 5 postagens mais curtidas do Instagram do *Raízes do Brasil* no período de pandemia da Covid-19, de março a dezembro de 2020, com o intuito de perceber sua construção imagética e os sentidos transmitidos nos signos do conteúdo veiculado. Isto posto, a seguir são trazidos os objetivos e as questões da presente pesquisa.

1.1 Objetivos da Pesquisa

1.1.1 Objetivo Geral

- Estudar a iniciativa *Raízes do Brasil*, para compreender o tecido social que emerge a partir de um movimento social organizado que estimula o consumo de produtos agroecológicos sob a perspectiva da psicossociologia, com o viés da micropolítica.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Investigar como o *Raízes do Brasil* tem afetado a produção de subjetividades de seus apoiadores e consumidores com uma perspectiva de consumo de alimentos livres de agrotóxicos;

- Perceber os aspectos da iniciativa que podem ser considerados como uma atuação micropolítica que atua como resistência.

1.2 Questões de Pesquisa

A presente pesquisa busca observar a construção de mercados de consumo, corporificada no *Raízes do Brasil*, ao mesmo tempo que se leva em consideração sua atuação em relação à questão da fome enquanto um problema político, a luta pela SAN e a lógica de produção agroecológica que preserva a natureza e as suas consequências sociais, ambientais e econômicas. Tal constatação traz algumas questões:

De que forma a iniciativa afeta os processos de subjetivação na produção de consumo?

Em que medida o *Raízes do Brasil*, atravessado pela cultura capitalística e inserido na sociedade de consumidores, vem contribuindo microssocialmente no cultivo de novas solidariedades e novas práticas?

É possível dizer que essa prática social e política trabalha para além de uma semiótica capitalística? Em que medida?

Dessa forma pretende-se contribuir qualitativamente para a compreensão no campo psicossocial dos sentidos atribuídos à iniciativa pelos atores sociais envolvidos no *Raízes do Brasil* e no movimento social, seus discursos e práticas na cultura capitalística e rizomática contemporânea.

2. Referencial Teórico

Para o embasamento teórico deste projeto se faz necessário compreender o ponto inicial desse estudo, a abordagem psicossocial. Trata-se de uma perspectiva interdisciplinar que propõe uma reflexão sobre os processos de subjetivação na produção de consumo (Tavares, 2004; 2014), observando os fenômenos, as relações e interações entre o individual e o macrossocial. Para apoiar tal reflexão, são trazidos os ensinamentos teóricos de autores como Bauman (1999; 2001; 2005; 2008), Hardt (2000), Deleuze e Guattari (1995; 1996) que dão o contorno da Modernidade Líquida, a Sociedade de Consumo, a Sociedade de Controle, o Capitalismo Mundial Integrado e mais autores que dialogam com suas visões.

Para investigar a produção de subjetividade e consumo, mais especificamente, a produção de consumo de produtos agroecológicos, toma-se como base as três ecologias de Guattari (1990), para abordar visões e atuações diferenciadas que levem em conta a natureza, os seres humanos e suas constituições sociais e subjetividades. Essa perspectiva se faz importante pela tendência que agenciamentos coletivos de enunciação, que atravessam e são atravessados, ao conformarem a cultura e valores simbólicos, têm de produzir subjetividades em todos os âmbitos das três ecologias, entrelaçadas ecosoficamente nas redes do mercado (Pontes & Tavares, 2017). Nesse sentido, até mesmo um modo de ser ecologicamente correto vem sendo percebido como um produto forjado de modo capitalístico, que ressignifica a relação entre sociedade, consumo e natureza.

Observar a construção de mercados de consumo em relação à sustentabilidade, ao mesmo tempo que se leva em consideração a atuação do MPA em relação à questão da fome enquanto um problema político, a luta pela SAN e a lógica de produção agroecológica que preserva a natureza e as suas consequências sociais, ambientais e econômicas tendo como base a visão micropolítica de resistência trazida por Guattari & Rolnik (1986), é um caminho de diálogo psicossocial profícuo na sociedade de consumidores. Em que medida pode-se perceber a atuação micropolítica (Deleuze & Guattari, 1996) do *Raízes do Brasil*, ainda que atravessado pela cultura capitalística? De que forma essa iniciativa vem contribuindo microssocialmente na construção de novos significados éticos e estéticos? Para que se encontrem algumas pistas e os pontos que tangenciam e imbricam as questões expostas, é necessário percorrer o caminho teórico a seguir.

2.1 Produção de subjetividades e consumo: um olhar psicossocial

A psicossociologia, de acordo com Moscovici e Hewstone (1985), observa os fenômenos e relações numa perspectiva que vai além de uma visão binária de mundo, que separa sujeito e objeto. Muito pelo contrário, a integração entre o sujeito e o social é buscada, costurando um diálogo em um tecido de laços interpessoais diversos, através de um olhar interdisciplinar. Para Nasciutti (1996), a psicossociologia se baseia nas relações que o indivíduo tem com o social, o modo como são estruturadas e as consequências dessa interação no indivíduo. Maisonneuve (1977), por sua vez, propõe a psicossociologia como uma ciência-charneira, dada a insuficiência de a sociologia por si só - e também de a psicologia - esclarecer a conduta humana de forma integral.

Dessa forma, a psicossociologia abarca a complexidade da inserção do sujeito na contemporaneidade em uma visão interdisciplinar que viabiliza diversos ângulos. Sendo assim, seu objeto de estudo é complexo e foca a interação entre imaginários e simbolismos do coletivo com os sujeitos. Para Tavares (2004),

o domínio próprio da psicossociologia aparece na interação dos processos sociais e psíquicos ao nível das condutas concretas, assim como na interação das pessoas e dos grupos no quadro da vida cotidiana (Tavares, 2004, p.125).

O enfoque desenvolvido por esse autor permite problematizar um campo complexo, que envolve os processos de subjetivação na temática do consumo, permitindo o diálogo entre diferentes ciências das áreas sociais. A psicossociologia, portanto, é interdisciplinar e ampla, e por isso, a partir dela, é possível aprofundar o estudo do consumidor e sua subjetividade mutável no âmbito do capitalismo, que na sociedade contemporânea, se constitui de forma rizomática. Para caracterizar o contexto coletivo e social no qual os indivíduos estão inseridos e interagem, é primordial olhar mais de perto algumas abordagens teóricas.

2.2 O consumo como aspecto central na Sociedade Contemporânea

As teorias do consumo, relacionadas com a modernidade, requerem um olhar mais atualizado para abordarmos a contemporaneidade pós-moderna e questão de um consumidor com uma subjetividade plural e fragmentária. Assim, se faz necessário percorrer um caminho

para aproximá-las da perspectiva de capitalismo desta pesquisa para “compreender um sujeito que escolhe marcas comerciais como pertencimento psicossocial, através de identidades revogáveis, temporárias e flutuantes” (Tavares, 2004, p. 123).

Sendo assim, entendemos que o moderno, alicerçado no paradigma estruturalista, é orientado pela racionalidade, pelo desenvolvimento das técnicas e da produção científica. Remete à estabilidade da sociedade industrial, voltada para a produção de bens de consumo. Na modernidade, a subjetividade é centrada, estável, fixa (Bauman, 2001).

As transformações da sociedade aos poucos foram conformando costumes e valores em um sentido de uma cultura de consumo que foi reforçando a ideia de livre-arbítrio, de progresso, de valores universais e privados. Em um segundo momento, como reflexo da crescente complexidade do mundo moderno, o sujeito passou a ser visto como sociológico, no sentido de que o núcleo interno do sujeito é formado “em relação”, numa concepção interativa da identidade e do eu. O núcleo é formado e modificado no diálogo com os mundos culturais e as identidades exteriores.

Contudo, as transformações sociais se tornaram ainda mais profundas, ao ponto de serem tão fundamentais, abrangentes e estruturais que foi a própria modernidade que se transformou. Tais modificações vêm sendo estudadas por diversos autores, que trazem diferentes recortes. Tavares (2007) traz em sua pesquisa um apanhado dos termos e expressões utilizados por diferentes teóricos para caracterizar a sociedade contemporânea em questão, nomeadamente: sociedade pós-moderna (para autores como Bauman e Jameson), sociedade pós-industrial (para Bell), sociedade programada (para Touraine), sociedade supermoderna (para Balandier), modernidade tardia e modernidade reflexiva (para Giddens), sociedade da informação (para Castells), sociedade de consumo (para Baudrillard), dentre mais uma dezena de outros termos.

Importante notar que, mesmo trazendo vieses distintos, os teóricos que anunciam a chamada pós-modernidade convergem no que tange à mudança paradigmática e às tendências de fragmentação das instituições e ao dismantelamento das noções de fronteira, estabilidade, bem como da razão e da verdade. Se o moderno é a estrutura, o pós-moderno é sua antítese e tem o intuito de trazer o não-pensado ao pensamento, tratando da desestrutura.

Sendo assim, dentre as distintas perspectivas citadas, abordaremos, em um primeiro momento, o ângulo pelo olhar de Bauman através do paradigma da Modernidade Líquida

(2001). Para seguirmos na perspectiva de consumo e subjetividade que alicerça a presente pesquisa, seguiremos as pistas indicadas por Tavares (2004; 2007), que em sua obra costura as doutrinas econômica, sociológica e psicológica do consumo, fazendo um estudo aprofundado sobre as diversas correntes que noticiam a pós-modernidade, a fim de preencher a lacuna do eixo subjetividade descentrada-consumo-pós-modernidade, apoiado especialmente em Hardt e Negri (2001), Deleuze e Guattari (1992) e Guattari e Rolnik (2000).

Isto posto, no sentido de Bauman (2001), a pós-modernidade é um período de mobilidade, globalização, flexibilidade, imprevisibilidade, descentralização e fluidez incessante. Esse caráter transitório e efêmero, marcado por indefinições constantes, derrete a modernidade pesada, fixa, solidificada pela sociedade industrial e suas instituições. Assim, em contraponto com o período anterior, o autor adota o termo Modernidade Líquida para delimitar seu olhar sobre a pós-modernidade.

A Modernidade Líquida, se caracteriza, portanto, na incerteza, na multiplicidade, no liquefeito, na volatilidade das identidades, na produção interminável de subjetividades. O pertencimento e a identidade também não possuem mais a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida que, nesse contexto, passam a ser negociáveis e revogáveis (Bauman, 2005).

Outra marca desse período é a subordinação da produção ao consumo, que passa a ser o elemento central da sociedade contemporânea. A sedução e os desejos nunca satisfeitos são os guias, até porque o consumo não busca a satisfação de necessidades por estar voltado para os desejos voláteis, efêmeros e que não cessam. É através do ato de consumir que se obtém status. O consumo passa a ser a senha para pertencer, tornando-se uma compulsão, um vício (Bauman, 2001).

Dessa forma, na sociedade contemporânea, marcada pelas indefinições, incertezas e constante fluidez, o consumo passa a ser visto como ponto nevrálgico do tecido social. Essa sociedade, observada pelo viés da Modernidade Líquida, se configura em uma Sociedade de Consumo, uma vez que seus membros são, em vez de cidadãos, consumidores (Bauman, 1999). Os sujeitos são, ao mesmo tempo, promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem, tornando-se *commodities* e tendo seu valor estabelecido pelo mercado (Bauman, 2008).

Existe também nesse âmbito um conceito de libertação ou liberdade pelo ato de consumir. Há uma ideia de liberdade de escolha individual e de pertencimento que demonstra

que o ordenamento social está sendo organizado pelo consumo, direcionada pela sedução e pelo desejo (Bauman, 2008). Os consumidores são instigados a um estado de perpétua insatisfação, uma vez que o consumismo não visa à satisfação das necessidades, que na visão do Bauman (2008), são sólidas, finitas. O consumismo se volta para a esfera do desejo, que são fluidos, voláteis e nunca cessam.

Portanto, a pós-modernidade, sob o viés da Modernidade Líquida, se configura em uma Sociedade de Consumo pelo fato de o consumo passar a ser a forma de inserção social (Barbosa, 2004). Entendendo que na conjuntura contemporânea da sociedade de consumidores da modernidade líquida as subjetividades são agenciadas pelo mercado de consumo, podemos fazer uma associação à perspectiva desenvolvida por Deleuze (1992), Guattari (1985) e Pelbart (2003). Para esses autores, a dimensão subjetiva é absorvida pelos movimentos do capital, tornando-se fundamental para sua expansão, permeando todo o espaço social. Assim, a vida, orientada pelo consumo, em uma pós-modernidade, configura um capitalismo desterritorializado, móvel, sem fronteiras que é definido por Guattari (1990) como Capitalismo Mundial Integrado.

Para Deleuze (2000), o consumo não é apenas aspecto central da reprodução e inserção social. O autor vai além ao colocar que o consumo, através do marketing, cria realidades, como um simulacro. O marketing e a propaganda² então seriam os dispositivos que manipulam produzindo desejos e subjetividades na Sociedade de Consumo; ou seja, são os modos de ser que passam a ser consumidos através de identidades efêmeras, mutáveis e descartáveis de forma incessante e sempre de acordo com os interesses do mercado (Tavares & Irving, 2009).

Importante notar que, assim como há uma difusão de termos para conceituar a mudança de paradigma da sociedade contemporânea, também há uma abrangência plural no entendimento teórico do consumo, que traz diferentes matizes e perspectivas em sua abordagem. Tavares (2004) traz algumas das dimensões de investigação partem de ideias de sociedade de consumo, cultura de consumo, consumidores, consumismo e comportamento do consumidor, ligadas a diferentes perspectivas ideológicas como o marxismo, neomarxismo, estruturalismo e a corrente da pós-modernidade ou modernidade líquida, abordada neste capítulo. Ademais, o consumo pode ser contemplado por diversos olhares, tais como da antropologia, moda, sociologia, semiologia e da indústria cultural. Neste trabalho, olhamos para

² Aqui está sendo utilizado marketing e propaganda devido ao sentido de propaganda: propagar sentidos.

o consumo pelo recorte da psicossociologia, baseado em autores como Deleuze, Guattari, Rolnik, Tavares entre outros.

Destarte, o consumo, pelo prisma da psicossociologia, está intimamente ligado à produção da ordem social e à formação subjetiva do indivíduo, imersa em uma instância coletiva ditada pelo mercado. De acordo com Barbosa (2004),

a cultura da sociedade pós-moderna (...) inclui a relação íntima e quase causal entre consumo, estilo de vida, reprodução social e identidade, a autonomia da esfera cultural, a estetização e a comoditização da realidade (...). (BARBOSA, 2004, p. 10).

Guattari & Rolnik (1986) problematizam o conceito de cultura, indicando que é uma maneira de separar atividades semióticas em âmbitos que remetem aos indivíduos. Uma vez divididas, tais atividades podem ser padronizadas e capitalizadas para o processo de semiotização dominante.

O capital funciona de modo complementar à cultura, enquanto o primeiro trata da sujeição econômica, o segundo ocupa-se da sujeição subjetiva. Essa última não se refere apenas à publicidade para a produção e consumo de bens, mas “é a própria essência do lucro capitalista que não se reduz ao campo da mais-valia econômica: ela está também na tomada de poder da subjetividade” (Guattari & Rolnik, 1986, p.16).

A cultura de massa é elemento fundamental da produção de subjetividade capitalística. Tal cultura de massa produz indivíduos normalizados atrelados a sistemas de valores e de submissão dissimulados. Nesse sistema a produção de subjetividade é coletiva e se dá no nível inconsciente, sendo encontrada em todos os níveis da produção e do consumo.

A interação entre indivíduo e sociedade passa a ser organizada pelas relações de consumo, que regula e demarca as relações sociais. “O consumo se delineia, portanto, como um processo sociocultural, ou seja, um elemento criador de vínculos e valores entre indivíduo e sociedade” (Pontes & Tavares, 2017, p. 38).

Pelbart (2003), nesse sentido, explicita a configuração do capitalismo conexcionista, em rede, na contemporaneidade, com o máximo de mobilidade:

o mundo conexcionista é inteiramente rizomático, não finalista, não identitário, favorece hibridismos, a migração, as múltiplas interfaces, metamorfoses, etc. Claro que o objetivo final do capitalismo permanece o mesmo, visa o lucro,

mas o modo pelo qual ele tende a realizá-lo é através da rede (PELBART, 2003, p. 97).

Guattari (1985) coloca que os principais aspectos do Capitalismo Mundial Integrado (CMI) são a desterritorialização e a capacidade de se introjetar em todo e qualquer espaço ou instância. Conforme o autor,

o capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele (os países do bloco soviético, a China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora do seu controle (GUATTARI, 1985, p. 211).

Guattari ainda ressalta que há

captação geral de todos os tipos de atividade, inclusive os que formalmente escapam da definição econômica do trabalho. Os setores mais "atrasados", os modos de produção marginais, a vida doméstica, o esporte, a cultura, (...), estão caindo sob o seu domínio (GUATTARI, 1985, p. 212).

Entende-se assim, através da visão de Guattari, que estruturas que aprioristicamente se davam como resistência foram capturadas e incorporadas como parte do CMI. Se antes havia espaços que eram excluídos, hoje a configuração do capital se expandiu e colonizou tais territórios e espaços sociais através da modelagem da subjetividade dos indivíduos. Ou seja, setores da sociedade menos favorecidos alcançar o pertencimento através do ato de consumir.

O autor coloca:

O CMI integra numerosos sistemas maquínicos e semióticos ao trabalho humano, de modo que há uma maior dificuldade em se pretender compreender mecanismos de valorização econômicos unicamente através de uma noção quantitativa de "trabalho socialmente necessário". O lugar da integração maquínica não se circunscreve mais unicamente aos lugares de produção, mas igualmente a todos os outros tipos de espaços sociais e institucionais (agenciamentos técnico-científicos, equipamentos coletivos, meios de comunicação, etc.). A revolução informática acelera consideravelmente um processo de integração que contamina igualmente a subjetividade inconsciente, tanto individual como social. Esta integração maquínico-semiótica do trabalho humano requer, portanto, que seja considerada, dentro do processo produtivo, a modelização de cada trabalhador, não só no registro do seu saber — o que certos economistas denominam "o capital de saber" —, mas também seus sistemas de interação com a sociedade e seu ambiente maquínico (ambiente que diz respeito tanto a máquinas propriamente ditas, máquinas técnicas, como máquinas semióticas, e "máquinas desejantes", funcionando na qualidade de "logicial", no meio dos comportamentos sociais em todos os níveis de sensibilidade, de interiorização dos sistemas

hierárquicos, de adaptação aos tecidos urbanísticos...). (GUATTARI, 1985, p. 212-213).

Nesse sentido, Guattari e Rolnik (1986) afirmam que o capitalismo contemporâneo compreendeu que “a produção de subjetividade talvez seja mais importante do que qualquer tipo de produção, mais essencial até do que petróleo e energias” (p.26).

Pelbart (2003) aprofunda esse entendimento ao explicitar que tais modos de produção capitalísticos se dão de forma dissimulada, através manipulação dos sistemas semióticos da cultura e do consumo, em que os indivíduos estão inseridos. A cultura, nesse âmbito, é articulada perversamente no sentido de uma sujeição subjetiva. Trata-se da tomada do poder da subjetividade (Guattari & Rolnik, 1986). Ainda conforme esses autores,

essa grande máquina capitalística produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo o caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p.16).

Assim se dá a mercantilização da vida em todas as esferas da existência que, através da produção incessante de desejos de forma rizomática, também produz valores e novos modos de ser (Tavares, 2004). Esses novos modos de ser apontam para a constituição uma sociedade de controle, uma vez que a identidade de consumidor começa a se dar num jogo de imagem, estilo, desejo e produção de desejos, que podem ser traduzidos em “kits de subjetividade”.

Para Guattari & Rolnik (1986), assim se designa a “cultura-mercadoria”. A ela estão vinculados todos os equipamentos, pessoas e tudo o que contribui com a produção de objetos semióticos, produzindo e difundindo mercadorias culturais. Não se trata de uma cultura prévia, mas de uma cultura que tem por objetivo se produzir, se reproduzir e se modificar constantemente.

2.3 Da Sociedade Disciplinar à Sociedade de Controle: algumas considerações

A subjetividade móvel e volátil é condição do sujeito na sociedade de consumo. O cidadão, antes de qualquer coisa, é consumidor, uma vez que seus desejos são socialmente regulados. A ordem mundial passa a ser a ordem do mercado (Hardt & Negri, 2001). O consumo torna-se o fator de controle social entre os próprios indivíduos, que não precisam mais ser

confinados. Nesse sentido, Deleuze (1992) aborda o aprimoramento dos mecanismos de vigilância, que passaram da disciplina de Foucault para o controle.

Na Modernidade Líquida, em que a sociedade se estabelece como uma Sociedade de Consumo, o consumo passa a ser a nova forma de controle. Na disciplina o capitalismo voltava-se para a produção. No controle, volta-se para o consumo, uma vez que se expandiu e desterritorializou, sendo mais leve e fluido, como um CMI (Guattari, 1990).

A Sociedade de Controle está intrinsecamente conectada com uma forma de poder inerente à vida humana, o Biopoder. Para Pelbart (2003),

a vida tornou-se um objeto de poder, não só na medida em que o poder tenta se encarregar da vida na sua totalidade, penetrando-a de cabo a rabo e em todas as suas esferas, desde a sua dimensão cognitiva, psíquica, física, biológica e até genética, mas, sobretudo, quando esse procedimento é reformado por cada um dos seus membros. O que está em jogo nesse regime de poder, de qualquer modo, é a produção e reprodução da vida nela mesma (PELBART, 2003, p.82).

É nesse âmbito que as marcas ditam novos modos de ser. A ordenação política e social do consumo gera uma senha de pertencimento dita um paradigma: para estar dentro do espaço desterritorializado, os indivíduos precisam ser consumidores.

Assim, a produção de subjetividade é agenciada no espaço liso da Sociedade de Controle, pelas redes flexíveis moduláveis “como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro” (Hardt, 2000). Esse autor também esclarece o que seria a Sociedade Mundial de Controle, que é a forma social do Império que tem por objetivo o biopoder, ou seja, a natureza humana.

Para Guattari e Rolnik (1986), a produção de subjetividades capitalística atua diretamente na formação coletiva de controle social, que, por sua vez, tolera territórios marginais, que escapam à essa cultura geral. Segundo os autores, não se trata apenas de tolerância, mas de um empenho da própria produção capitalística em produzir suas margens e outros territórios subjetivos de forma calculada. Conforme os autores,

a cultura não é apenas uma transmissão de informação cultural, uma transmissão de sistemas de modelização, mas é também uma maneira de as elites capitalísticas exporem o (...) mercado geral de poder. Não apenas poder sobre os objetos culturais, ou sobre as possibilidades de manipulá-los e criar

algo, mas também de poder atribuir a si objetos culturais como signo distintivo na relação social com os outros (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 20).

Hardt (2000) coloca que, no mundo pós-moderno, todas as forças e fenômenos são artificiais e não existe mais fora, uma vez que as fronteiras entre o público e o privado (fora e dentro) se dissiparam. Os espaços públicos estão cada vez mais privatizados, o que significa um déficit do político – ou seja, o lugar do político foi desrealizado ou desterritorializado. A Sociedade de Controle para esse autor se organiza em uma rede flexível de microconflitos, de caráter rizomático e não ao redor de um conflito central. Nessa lógica, o poder não é regido na forma de um panóptico, como na Sociedade Disciplinar³, mas de forma em que todos controlam todos e os indivíduos exercem uma autovigilância. Assim, o controle está mais introjetado na subjetividade, sendo contínuo, simultâneo e descentralizado (Tavares & Irving, 2009). O poder não tem lugar: ele está em todos os lugares e em nenhum deles. O Império é um não-lugar (Hardt, 2000).

É importante frisar que, a partir dessa ótica da Sociedade de Controle, não há mais a resposta do capitalismo às demandas dos indivíduos, mas o contrário: criam-se demandas e mercados a partir da produção das subjetividades. Através da multiplicidade de sentidos e valores, a sociedade se dá por meio de uma moldagem autodeformante, baseada na perspectiva rizomática, ou seja, em constante movimento, seja de criação, transformação ou desconstrução. Tudo e todos se produzem e se controlam o tempo todo (Tavares & Irving, 2009).

Deleuze e Guattari (1995) trazem o conceito de Capitalismo Rizomático, no qual abordam a ideia de desterritorialização do capital com o desmanche das estruturas mecanicistas rígidas e hierárquicas do fordismo e da concepção moderna, deslocando-o para uma ideia de capitalismo maleável, aberto, flexível. De acordo com Tavares (2014), trata-se de uma rede de aspectos, tessituras e agenciamentos de produção como um organismo vivo, em permanente criação que não pode ser destruído. Produz subjetividades reguladas pelo desejo e pelo consumo nos mais diversos platôs e contextos, sem que nenhuma atividade humana fique fora de seu controle, “fabricando a relação do homem com o mundo e consigo mesmo” (Tavares, 2014, p. 85). Ainda conforme o autor, o capitalismo rizomático é capaz de resignificar e maximizar o

³ Importante ressaltar mais alguns aspectos da Sociedade Disciplinar para diferenciá-la da Sociedade de Controle. A Sociedade Disciplinar, cunhada conceitualmente por Foucault, mas também desenvolvida por Bentham, trata da burocratização da vida, aplicando cálculo infinitesimal sobre o trabalho, a decomposição da atividade maquínica do trabalhador. Ou seja, a razão instrumental aplicada no controle do corpo, da mente, o que, na verdade, conduziu o homem a sua própria dominação política, econômica, ideológica, no auge do capitalismo industrial no século XIX.

sentido de lucro, uma vez que opera em uma expansão desterritorializada, em estratégias de terceirização, produtivização do que antes não era produto – semiotizando a própria natureza como valor de consumo e marca, na gestão de inovação tecnológica, no discurso da “responsabilidade” socioambiental e novos agenciamentos possíveis.

2.4 A extensão do domínio do Capital na Sociedade contemporânea e *As Três Ecologias*

Como abordado no tópico anterior, quanto às considerações trazidas em relação às Sociedades Disciplinar e de Controle, prosseguimos em sequência com a abordagem da expansão do capital desterritorializada, que se alastrou pelos mais variados domínios, inclusive os subjetivos, atravessando instâncias psíquicas, sociais e ambientais através de uma atuação em rede (Guattari, 1990).

As relações sociais e de consumo passaram a ser reguladas pela lógica do Capitalismo Mundial Integrado que exerce poder através dos dispositivos de produção de subjetividade. A lógica capitalística é descentralizada e policêntrica, engloba dimensões diferentes da vida política, cultural, ambiental, social, etc. e produz comportamentos sociais. Assim, em nível mundial e integrado, subjetividades são modelizadas em função da construção de novos mercados de consumo. Nesse sentido, Guattari (1990) ressalta que a recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios é um trabalho a ser feito, a fim de reconstruir sua plenitude subjetiva através do viés ecosófico. Esse viés, de acordo com o autor, renova as relações humanas por meio de uma nova ética, política e estética, para que as bases da sociedade, que é permanentemente atravessada pelo capital, sejam repensadas.

Guattari (1990) indica que o caminho é através de uma tentativa de ressingularização das subjetividades, como uma saída do ser por ele mesmo em detrimento ao domínio do capital.

Guattari & Rolnik (1986) sustentam que a grande oposição a essa máquina de produção de subjetividades é o desenvolvimento de modos de subjetivação singulares ou processos de singularização. Segundo os autores, através desse processo, seria possível refutar os modos de manipulação e telecomando preestabelecidos e construir, em alguma medida, modos de sensibilidade, relação com o outro e criatividade que sejam capazes de produzir uma subjetividade singular.

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 17).

Em *As Três Ecologias*, Guattari (1990) chama atenção para a deterioração dos modos de vida humanos individuais e coletivos, pontuando o consumo de mídia como um importante articulador. O cerne de tal deterioração encontra-se na relação da subjetividade com sua exterioridade e apenas uma articulação ético-política – uma ecosofia – entre os três âmbitos da ecologia, quais sejam: meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana, pode trazer à tona o assunto de forma completa. O autor ainda ressalta a necessidade de uma revolução política, social e cultural para que os objetivos da produção material e imaterial sejam reorientados, não só no nível das forças visíveis como também nos níveis moleculares de sensibilidade, inteligência e desejo.

Mais especificamente, a ecologia ambiental se refere à relação com a “natureza” e seu princípio é o de que tudo é possível, dos piores desastres às evoluções flexíveis, todos profundamente conectados às intervenções humanas.

Para Guattari, “mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar "transversalmente" as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais” (Guattari, 1990, p. 25).

Já a ecologia social se baseia na reconstrução das relações humanas em todos os níveis do *socius*, “sem perder de vista que o poder capitalista se deslocou, se desterritorializou” (Guattari, 1990, p. 33) em extensão e em intenção, e como colocado pelo autor,

infiltrando-se no seio dos mais inconscientes estratos subjetivos. Assim sendo, não é possível pretender se opor a ele apenas de fora, através de práticas sindicais e políticas tradicionais. Tornou-se igualmente imperativo encarar seus efeitos no domínio da ecologia mental, no seio da vida cotidiana individual, doméstica, conjugal, de vizinhança, de criação e de ética pessoal (GUATTARI, 1990, p. 33).

Portanto, o princípio particular à ecologia social se refere ao estímulo em grupos de variados tamanhos de investimento afetivo e pragmático.

Por fim, oportunamente aborda-se o aspecto da ecologia mental, cuja temática trata da relação com a psique. Sob essa ótica, pode-se dizer que, no trabalho de coletividades, a ecologia mental traduz o sentido de ação direcionada à remodelação das relações humanas, de cultivar o dissenso e a produção singular de existência, uma vez que a subjetividade capitalística está manufaturada.

Dessa forma, um dos pontos nodais entre a ecologia social e mental é a inoculação de aspectos de repressão por parte dos próprios oprimidos. Como coloca Guattari (1990), os próprios defensores dos interesses dos oprimidos reproduzem em suas relações íntimas os mesmos padrões de comportamento que reproduzem a opressão. Assim sendo, é primordial enfrentar tais efeitos da alçada da ecologia mental. É nesse sentido que devem se organizar novas práticas micropolíticas e microssociais, com novas solidariedades, novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente para que as práticas sociais e políticas deixem de trabalhar somente para as semióticas capitalísticas, mas para a humanidade como um todo.

Retomando as questões abordadas por Guattari (1990), percebemos que a condição paradoxal da inabilidade das formações subjetivas e organizações sociais de apropriar o saber técnico-científico para colocá-las a favor da sociedade está sendo modificada por setores da sociedade que estão fazendo reivindicações de singularidade. Através do cenário de ruptura, descentramento e multiplicação de antagonismos e processos de singularização estão se revelando as novas problemáticas ecológicas alicerçadas no novo viés ecosófico, indicando linhas de recomposição da ação humana em áreas diferentes. Trata-se de se empenhar na ressingularização individual e coletiva dos dispositivos de produção de subjetividade. “A ecologia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser” (Guattari, 1990, p. 15), especialmente do ser-em-grupo através de práticas de experimentação microssociais até escalas maiores.

Em um sentido ético, o autor sublinha a responsabilidade e a necessidade de engajamento⁴ daqueles que têm a capacidade de intervir nas instâncias psíquicas tanto individuais quanto coletivas através da saúde, educação, cultura, esporte, arte, mídia e afins,

⁴ O termo engajamento será utilizado neste trabalho de duas formas. Em um primeiro momento, filosoficamente, dentro de seu próprio sentido, relativo a empenho em uma causa. Em um segundo momento, na parte de análise semiótica de imagens veiculadas no Instagram, o termo é utilizado da forma como foi apropriado pelo sistema capitalístico e ressignificado. Aqui engajamento tem o sentido de número de curtidas.

uma vez que não há neutralidade, para que possa haver um sentido de reinvenção. Inspirado nos paradigmas estéticos, o autor assinala a vocação de evoluir, inovar e inaugurar panoramas que os novos impulsos têm, a fim de projetar a capacidade de desenvolvimento de outros agenciamentos subjetivos individuais e coletivos. A recomposição das lutas emancipatórias devem ser correlativas aos três tipos de práxis ecológicas evocados por Guattari (1990).

2.5 Micropolítica, segmentaridade e o Raízes do Brasil

A segmentarização é uma realidade do ser humano, presente nos mais variados estratos, lados e direções, inclusive nas atividades cotidianas. “O vivido é segmentarizado espacial e socialmente. A casa é segmentarizada conforme a destinação de seus cômodos; as ruas, conforme a ordem da cidade; a fábrica, conforme a natureza dos trabalhos e das operações” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 76).

As figuras de segmentaridade conforme esses autores são classificadas em: binária, circular e linear. A perspectiva binária aborda as oposições duais tais como as classes sociais e as divisões homens e mulheres, adultos e crianças por exemplo. A circular, por sua vez, se refere ao que nos rodeia, em círculos cada vez mais amplos: as ocupações da minha casa, as ocupações do meu bairro, da minha cidade e assim por diante. A linear representa a segmentarização em linhas retas, como episódios e etapas que se sucedem umas às outras. É importante ressaltar que todas são misturadas e podem se transformar de acordo com o ponto de vista.

Os autores trazem as sociedades ditas primitivas, que não possuíam um aparelho de Estado, para demonstrar que a segmentaridade nessa ocasião se dava de forma mais maleável, de acordo com as tarefas e situações. O ajuste de um segmento ao outro, dada a adaptabilidade e comunicação intensa entre heterogêneos, era possível de múltiplas formas, configurando um tecido de segmentaridade relativamente flexível (Deleuze & Guattari, 1996, p. 78).

Ainda conforme os autores, não é porque os Estados modernos possuem um aparelho de Estado central que deixam de ser segmentarizados. Não há oposição entre segmentário e centralizado. O Estado se exerce sobre os segmentos, além de estar constituído em uma segmentaridade própria. Ou seja, é justamente por meio da segmentarização que o sistema político moderno global se impõe. Tal sistema

implica um conjunto de subsistemas justapostos, imbricados, ordenados, de modo que a análise das decisões revela toda espécie de compartimentações e de processos parciais que não se prolongam uns nos outros sem defasagens ou deslocamentos. (...) A burocracia só existe através de suas repartições e só funciona através de seus “deslocamentos de meta” e “desfuncionamentos” correspondentes. (...) a vida moderna não destituiu a segmentaridade, mas ao contrário, a endureceu singularmente (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 78).

Assim, Deleuze e Guattari (1996) distinguem dois tipos de segmentaridade, uma primitiva e flexível e outra moderna e dura. A segmentaridade dura, expressa pela árvore, se opõe a uma segmentaridade flexível, expressa pelo rizoma. Tal diferenciação é feita pelos autores para “não só indicar dois estados de um mesmo processo”, mas também “para evidenciar dois processos diferentes” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 82).

Ainda conforme os autores, enquanto as sociedades primitivas são conduzidas por códigos e territorialidades, as sociedades modernas substituíram os códigos por uma sobrecodificação unívoca e as territorialidades por uma reterritorialização específica. É importante ressaltar que apesar de distintas, a segmentaridade flexível e primitiva e a dura e moderna são inseparáveis, estão imbricadas uma na outra. Conforme os autores,

as sociedades primitivas têm núcleos de dureza, de arborificação, que tanto antecipam o Estado quanto o conjuram. Inversamente, nossas sociedades continuam banhando num tecido flexível sem o qual os segmentos duros não vingariam (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 82).

Nesse sentido é imprescindível a compreensão de que essas duas segmentaridades atravessam tanto as sociedades como também os indivíduos ao mesmo tempo, sendo uma molar e outra molecular. A distinção entre elas se faz necessária pelo fato de não possuírem a mesma natureza nem as mesmas correlações e ainda assim, coexistem e são inseparáveis, uma pressupondo a outra. “Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 83).

Para trazer uma maior elucidação, os autores consideram um tipo de percepção ou sentimento como exemplo:

sua organização molar, sua segmentaridade dura, não impede todo um mundo de microperceptos inconscientes, de afectos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas, que se distribuem de

outro modo, que operam de outro modo. Uma micropolítica da percepção, da afecção, da conversa, etc. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 83).

Ainda nessa perspectiva, os autores trazem que ao mesmo tempo que a burocracia define uma segmentaridade dura entre os departamentos e a centralização de um chefe, existe uma flexibilidade e comunicação entre repartições que perverte a burocracia, com uma inventividade que vai contra os regulamentos. As barreiras em um nível molecular se dissolvem, apagando os limites rígidos e revelando coexistência de um outro modo de funcionamento.

Ferreira Neto (2015), em sua leitura, coloca que muitas descrições de entrelaçamentos das segmentaridades são trazidas com o intuito de exemplificar e esclarecer a inseparabilidade entre a segmentaridade molar e a molecular, entre a macro e a micropolítica. Devido à sua complexidade, tais conceitos podem ser usados de forma imprudente. “A dimensão plural do molecular, sempre entrelaçado às demarcações molares, impede a montagem de um quadro classificatório definitivo” (Ferreira Neto, 2015 p.401).

Segundo esse autor, o diferencial da contribuição de Deleuze e Guattari não está na segmentaridade molar, na macropolítica, mas na segmentaridade molecular e na micropolítica que, mesmo indiscernível, traz novos aspectos à discussão política. É importante notar que a análise micropolítica não deve substituir a macropolítica, mas sim colaborar na construção de um entendimento multifacetado.

A circunstância da dimensão molecular, composta por agenciamentos complexos, ser entrelaçada e imbricada na molar leva a erros de avaliação tanto na teoria quanto na prática. Deleuze e Guattari (1996) trazem quatro aspectos de equívocos para serem observados na compreensão e uso da segmentaridade molecular. O primeiro erro é axiológico e considera o flexível, portanto o molecular, melhor. Os autores usam o exemplo do fascismo para demonstrar que níveis de segmentação finos podem ser mais perigosos e nocivos. Afinal “é muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 85).

O segundo engano é de cunho psicológico, pressupondo que o nível molecular se refere à imaginação e só está em uma esfera individual e interindividual. O terceiro desacerto seria interpretar o macro e o micro como tamanhos diferentes, grande e pequeno. Ainda que o

molecular ocorra no detalhe, ele é “coextensivo a todo campo social, tanto quanto a organização molar” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 85). Por último, é preciso considerar que há uma relação de proporcionalidade de forma direta ou inversa entre o molar e o molecular. Como colocam os autores,

quanto mais a organização molar é forte, mais ela própria suscita uma molecularização de seus elementos, suas relações e seus aparelhos elementares. Quando a máquina torna-se planetária ou cósmica, os agenciamentos têm uma tendência cada vez maior a se miniaturizar e a tornar-se microagenciamentos (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 86).

Para um melhor entendimento de como interagem os segmentos molar e molecular, os autores trazem como exemplo a máquina dual sobrecodificante e superarmada que opera na dinâmica da macropolítica entre leste e oeste. Quanto mais tenta-se articular o equilíbrio entre esses dois polos, mais outro polo dual é desestabilizado, o norte-sul. Os conjuntos molares leste e oeste, com ranhuras em ziguezague, são agitados pelo molecular de forma que linhas de fuga sejam capazes de escapar pelos segmentos. Segundo os autores, assim se dão os movimentos que sacodem uma sociedade, como um embate aos segmentos molares. Deleuze e Guattari (1996) ainda afirmam que é errôneo dizer que uma sociedade é definida por suas contradições. Tal percepção só é verossímil em grande escala. A proposta micropolítica dos autores é que uma sociedade se define por suas linhas de fuga. A “evolução dos costumes” se dá através do que escapa às organizações binárias.

Sendo assim, os movimentos e fluxos moleculares e suas subseqüentes fugas não teriam relevância se não atravessassem as organizações molares trazendo um rearranjo de seus segmentos e suas distribuições binárias.

Os autores trazem que a real distinção entre molar e molecular é a natureza do sistema de referência levado em consideração. Definem que as palavras “linha” e “segmento” compõem de forma mais adequada a dimensão molar, enquanto que para a composição molecular adotam o termo fluxo de quanta. O termo remete à microfísica de Foucault, que atua no detalhe, mas se expande para todo o campo social. Esse fluxo, vinculado ao desejo e a forças materiais e psíquicas, é efervescente, criador, oscilante e circulatório; sempre tende a escapar aos códigos, sendo de difícil captura. “Os quanta são precisamente signos ou graus de desterritorialização no fluxo descodificado” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 91).

Imprescindível esclarecer que esses dois sistemas de referência complementares e coexistentes se relacionam em razão inversa, uma vez que “um escapa do outro e o outro detém o um, impedindo-o de fugir mais” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 91).

Os autores ainda relatam que o campo social é constantemente agitado por diversos movimentos de descodificação e de desterritorialização que afeta "massas", com diferentes velocidades e andamentos. Não se trata de contradições, mas de fugas.

É preciso pontuar que, da mesma forma que ocorrem as fugas, também são produzidas sobrecodificações e reterritorializações capazes de obstruir as linhas de fuga. Deleuze e Guattari (1996) descrevem uma conjugação de fluxos que sinaliza uma parada relativa, um ponto de acumulação que acaba por operar a reterritorialização. É o fluxo mais desterritorializado que opera a acumulação, determina da sobrecodificação e acaba por assentar a reterritorialização. Existem períodos em que é possível discriminar o aspecto molar do molecular, por haver a simultaneidade dos dois movimentos: descodificação-desterritorialização e sobrecodificação-reterritorialização.

Deleuze e Guattari (1996) entendem que a política opera por macrodecisões, interesses e escolhas binarizados, mas o que pode ser decidido é restrito, uma vez “a decisão política mergulha necessariamente num mundo de microdeterminações, atrações e desejos, que ela deve pressentir ou avaliar de um outro modo” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 93). Portanto, a política e seus julgamentos são molares, mas a sua ocorrência seu acontecer é molecular e micropolítico.

As três linhas

Após a construção das concepções apresentadas, os autores desdobram as atribuições à palavra “linha” em três: A linha flexível com códigos e territorialidades emaranhadas; a linha dura que opera de forma binarizada os segmentos sobrecodificados; e a linha de fuga, assinalada por *quanta*, descodificação e desterritorialização. As três coexistem de maneira intrinsecamente misturada, tendo como imagens tribos, impérios e máquinas de guerra. E para além disso, se transformam, perpassando umas às outras.

Os autores trazem os centros de poder, que concernem aos segmentos duros e molares, para demonstrar o emaranhamento das linhas. Nele podem ser identificados três zonas: a de potência, relacionada aos segmentos da linha dura; a de indiscernibilidade, relacionada ao tecido microfísico; e a zona de impotência, relativa aos fluxos e *quanta*. Nessa última, o centro

de poder é incapaz de controlar ou determinar, sendo possível apenas consegue converter. Interessante notar que “é sempre do fundo da sua impotência que cada centro de poder extrai sua potência” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 99).

Os autores, assim, vão fazendo o fechamento do texto trazendo uma preocupação dos perigos de cada linha, bem como do uso acertado dos conceitos trazidos em sua obra. Torna-se imprescindível frisar que a proposta das linhas não é representar, interpretar ou simbolizar, mas traçar mapas, sinalizando suas misturas e diferenças.

Dessa forma, Deleuze e Guattari nomeiam quatro perigos: Medo, Clareza, Poder e Desgosto. O Medo é relativo ao medo de perder, que se associa à segurança da organização molar e nos fazem fugir da fuga, nos tornarmos duros e resistentes às mudanças.

A Clareza, por sua vez, relativa ao molecular é trazida de forma preocupante e indicada como um caminho não desejável. O perigo é levar a nossa desterritorialização ao extremo em uma tentativa de compensar a segmentaridade molar, de modo a inventar reterritorializações piores, tais como os microfascismos. Ou pior, uma grande quantidade de buracos negros que só cavam “vazios nas percepções e nas semióticas moleculares” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 102), tornando-se mais inquietantes que as certezas sólidas da primeira linha.

O terceiro perigo, o Poder, se encontra nas duas linhas ao mesmo tempo. A tentação de deter as linhas de fuga de modo a “fixar a máquina de mutação na máquina de sobrecodificação” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 102), resultando na fixação e na produção artificial das condições do totalitarismo.

O quarto perigo, o grande Desgosto está relacionado com as próprias linhas de fuga. Os autores colocam que elas não são apenas linhas de criação e mutação que podem ser reterritorializadas. O grande perigo é que “ela se transforme em destruição, abolição pura e simples” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 103), revelando e liberando sua carga mais danosa. Os outros perigos são irrelevantes perto desse.

Na perspectiva de Ferreira Neto (2005), a valorização dada por Deleuze e Guattari (1996) às linhas de fuga indica um estímulo às experimentações e alternativas sem um modelo prévio a ser implementado. Sendo assim, os alicerces da ética deleuzo-guattariana estão no devir, nas linhas de fuga, e sua tarefa principal é fazer escapar uma situação qualquer, desterritorializar.

Relacionados os devidos cuidados que se deve ter com a micropolítica e sua análise, a presente pesquisa busca observar a construção de mercados de consumo, corporificada no *Raízes do Brasil*, feita pelo MPA, ao mesmo tempo que se leva em consideração sua atuação em relação à questão da fome enquanto um problema político, a luta pela SAN e a lógica de produção agroecológica que preserva a natureza e as suas consequências sociais, ambientais e econômicas. Essas considerações levam a questões fundamentais: tendo como base a visão micropolítica de resistência trazida por Guattari & Rolnik (1986), de que forma a iniciativa afeta os processos de subjetivação na produção de consumo? Em que medida o *Raízes do Brasil*, atravessado pela cultura capitalística e inserido na sociedade de consumidores, vem contribuindo microssocialmente no cultivo de novas solidariedades e novas estéticas? É possível dizer que essa prática social e política trabalha para além de uma semiótica capitalística? As respostas, para serem justas e bem fundamentadas, não poderão prescindir da harmonia entre os eixos epistemológico e empírico, como destacarei ao discriminar a metodologia a ser seguida.

3. O MPA e a luta pela Soberania Alimentar e Nutricional e pela Agroecologia

O Movimento dos Pequenos Agricultores surgiu, como diversos outros movimentos sociais rurais ao redor do mundo no final do século XX, compelido pelo forte processo de liberalização da agricultura característico dos anos 1990. No Brasil, os pequenos agricultores que desenvolviam uma agricultura de base familiar, variada e voltada para o mercado doméstico foram perdendo apoio do governo, que cada vez mais priorizava o modelo de agricultura capitalista, baseada na mecanização e na monocultura e voltada para o mercado externo. De acordo com Niemayer (2014), foi mais precisamente no ano de 1995, em meio ao esgotamento do movimento sindical, que uma estiagem no sul do país levou trabalhadores rurais a se mobilizarem no Acampamento da Seca, marco inicial da criação do MPA. Não obstante sua regionalização no sul do Brasil, o trabalho que já vinha sendo feito anteriormente, visando a construção de um modelo alternativo ao sindical, em colapso, proporcionou uma resposta satisfatória às crises institucional, econômica e de representatividade, propiciando a consolidação do movimento em nível nacional, também por ser opção de representação dos estratos mais empobrecidos da agricultura familiar (Niemayer, 2014). Para Görden,

a Mobilização da Seca forjou uma consciência popular nova entre uma enorme massa de pequenos agricultores e criou uma esperança para os agricultores familiares em todo o Brasil (...). É neste contexto que surge o Movimento dos Pequenos Agricultores, construído a partir da prática por um grupo de sindicalistas do Rio Grande do Sul e logo a seguir espalhando-se para outros estados brasileiros (GÖRGEN apud NIEMAYER, 2014, p. 136).

Inicialmente, o movimento se consolidou no Rio Grande do Sul, no Paraná e em Santa Catarina, Rondônia e Espírito Santo. O MPA pode ser entendido como

um movimento camponês, de caráter nacional e popular, de massas, autônomo, de luta permanente, cuja base social é organizada em grupos de famílias nas comunidades camponesas. O MPA busca resgatar a identidade e a cultura camponesa, na sua diversidade, e se coloca ao lado de outros movimentos populares do campo e da cidade para a construção de um projeto popular para o Brasil baseado na soberania e pelos valores de uma sociedade justa e fraterna. A organização do MPA significa que os camponeses têm necessidades comuns que são maiores que seus limites territoriais. Por isso vimos a necessidade de construir uma nova forma de organização política, capaz de unificar esses processos de luta e desenvolver-se numa perspectiva nacional (MPA, 2021).

Para tanto, o movimento apresenta seu modelo de desenvolvimento, o Plano Camponês. Trata-se de um programa estratégico, desenvolvido de forma coletiva e com uma pedagogia de elaboração permanente, que coloca os camponeses e os povos tradicionais e originários como base do desenvolvimento do campo (MPA, 2021). O Plano, aberto e em expansão, possui cinco grandes eixos:

Campesinato e história: afirmação dos camponeses e dos povos originários e tradicionais como a base do desenvolvimento do campo.
Soberania: biodiversidade, hídrica, mineral, energética, alimentar e territorial.
Terra e Território: reforma agrária, ocupação popular do território e projeto demográfico, cultura, educação, saúde e comunicação.
Nova base produtiva: agroecologia camponesa e abastecimento popular, cooperação, agroindústria e nova ciência e tecnologia.
Nova geração camponesa e feminismo camponês e popular: a construção de uma nova geração camponesa com base no acesso à Terra e o Território, agroecologia camponesa e abastecimento popular, bem como pelo desenvolvimento de novas relações sociais que superem o capitalismo e o patriarcado (MPA, 2021).

Importante ressaltar que hoje, o movimento está presente em 17 estados do país e faz parte de outros movimentos que aglutinam a luta por uma “agricultura sustentável de pequena escala como uma forma de promover a justiça e a dignidade” (Via Campesina, 2021), em uma

posição de antagonismo às empresas transnacionais que desenvolvem uma agricultura corporativa, responsáveis, em grande medida, pela destruição socioambiental contemporânea.

Dessa forma, a articulação entre diversos movimentos sociais do campo culmina na Via Campesina Internacional, que apareceu como agente transnacional com atuação relevante em 1996, durante assembleia realizada pela FAO (Organização para Alimentação e Agricultura, sigla em inglês), agência responsável pelo combate à fome da ONU (Niemayer, 2014). O movimento

reúne milhões de camponeses, pequenos e médios agricultores, sem-terra, mulheres e jovens rurais, indígenas, migrantes e trabalhadores agrícolas de todo o mundo. Construído sobre um forte senso de unidade e solidariedade entre esses grupos, defende a agricultura camponesa pela soberania alimentar como forma de promover a justiça e dignidade social e se opõe fortemente à agricultura corporativa que destrói as relações sociais e a natureza (VIA CAMPESINA, 2021).

Ao seu redor se congregam 182 organizações locais e nacionais em 81 países da África, Ásia, Europa e Américas, representando cerca de 200 milhões de agricultores. A Via Campesina Internacional (2021) se declara como um movimento autônomo, plural, multicultural, político em sua demanda por justiça social que atua de forma independente de qualquer partido político ou afiliação.

Observando o quadro geral, se faz mister notar que a luta que o Movimento dos Pequenos Agricultores trava enquanto movimento social organizado ao questionar o modelo hegemônico é global e se dá nas mais variadas linhas de frente e instâncias, sejam macrossociais, como em assembleias promovidas por órgãos internacionais que discutem macropolíticas e diretrizes, representados pela Via Campesina Internacional, como a nível tático e microsocial, organicamente atuante nos territórios, fomentando e articulando sua forte base social, através de uma lógica de produção que preserva a natureza e a cultura tradicional, para assim ampliar o acesso da população à alimentação saudável.

Para abordar de forma mais específica a questão da Soberania Alimentar e da fome no mundo, precisamos compreender sua dinâmica. De certa forma, é possível conceber teoricamente que houve uma mudança no cenário dada a progressão das técnicas agroalimentares; no entanto, a prática demonstra que a instauração de zonas de miséria e fome

é parte constituinte que retroalimenta o Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1990), portanto, questão que está longe de obter resolução.

Foi Josué de Castro, nos anos 1940, que deu estatuto científico e político à fome, sendo o primeiro a perceber que tratava de uma questão relacionada à estrutura da economia global: “a fome é regra geral o produto das estruturas econômicas defeituosas e não de condições naturais e insuperáveis” (Lachtermacher & Tandler, 1994). Josué, através do desenvolvimento de seu trabalho, demonstrou a generalidade do fenômeno da fome e ao mesmo tempo como ela se dava em diferentes áreas, diferenciando a fome nos séculos anteriores, que se dava como consequência de guerras e da dificuldade de transporte, da fome no século XX. Nesse último os transportes ficaram muito mais facilitados e, no entanto, a fome se generalizou, chegando inclusive ao primeiro mundo. As causas reais da fome e a possibilidade de solução foram o foco deste trabalho relevante.

Nesse sentido, Ignacy Sachs aponta a metodologia inovadora do trabalho de Josué de Castro, de mapear os problemas sociais. Ainda coloca que muitos acadêmicos gostam de estatística, “mas as médias encobrem a verdade. É só através de um mapa que a gente sabe onde estão as vítimas de uma situação, onde estão as concentrações” (Lachtermacher & Tandler, 1994). Outra duas grandes relevâncias de seu trabalho apontada por Sachs é distinguir diferentes formas de fome e subnutrição crônica e analisar o problema dentro de um contexto ecológico.

Mais grave do que a fome aguda e total, é fenômeno da fome crônica ou parcial, que corrói silenciosamente inúmeras populações do mundo. E quando eu cresci e saí pelo mundo afora vendo outras paisagens, me apercebi com nova surpresa que o que eu pensava ser um fenômeno local, um drama do meu bairro, era um drama universal. Aquela lama humana do Recife que eu conheci na infância, continua sujando até hoje toda paisagem do nosso planeta com negros borrões de miséria. As negras manchas da Geografia da Fome. A fome não é um produto da superpopulação. A fome já existia em massa antes do fenômeno da explosão demográfica do pós-guerra. Apenas a fome que dizimava a população do terceiro mundo era escamoteada, era abafada, e era escondida. A luta contra a fome constitui uma espécie de guerra fria, que ameaça congelar toda a vitalidade da nossa civilização se não pudermos ganhá-la de modo definitivo. (LACHTERMACHER & TANDLER, 1994).

A condição de acesso adequado aos alimentos é uma questão de saúde pública e deve ser discutida, uma vez que se relaciona não só com as consequências da desnutrição e da obesidade, mas também com as condições em que os alimentos são produzidos e consumidos. O enfoque da Soberania Alimentar e Nutricional (SAN) vem sendo desenvolvido no Brasil por

diversos autores e visa contribuir no diagnóstico e proposição de ações sobre os mais diversos aspectos relacionados com a produção, o acesso e a utilização biológica dos alimentos (Maluf 2007, p.12-13).

No entanto, o Estado brasileiro, como já abordado, vem sofrendo desmonte com o avanço neoliberalista desde os anos 90, tendo dificuldades para estabelecer limites e avanços acerca de políticas públicas referentes à Soberania Alimentar. O vício no aspecto financeiro e no aumento da lucratividade a qualquer custo vem gerando crescimento da pobreza, redução de investimentos sociais e consequente deterioração de seus serviços, aumento da concentração de renda, estabelecendo um quadro pouco favorável para a construção de equidade social e cidadania. A área rural, marcada pela concentração fundiária e a automação agrícola, deixa apenas o espaço urbano para a sobrevivência dos pequenos agricultores. O modelo macroeconômico brasileiro, de forma geral, privilegia uma política que inviabiliza a construção de soluções socioambientais sustentáveis (Freitas & Pena, 2007).

Nesse sentido, é típico que políticas de bem-estar social como a Soberania Alimentar e Nutricional (SAN) sejam conduzidas sem prioridade, sofrendo flexibilizações em função de políticas econômicas, servindo apenas para reter tensões sociais. Quando são feitas geralmente não abarcam aspectos da cultura que envolvem a nutrição – principal entrave do paradigma biomédico dominante e que tem finalidades duvidosas, já que apesar da redução das taxas referentes à desnutrição no Brasil, há a persistência da fome com estratégias que levam aos mais pobres à uma dieta que propicia aumento do peso corporal. “Nessas condições, os famintos podem também ser obesos” (Freitas & Pena, 2007 p.77).

É importante ressaltar que a fome crônica ultrapassa os limites da visão clínica biomédica, possuindo uma estreita relação com elementos históricos, socioeconômicos e culturais. Ainda conforme esses autores, a alimentação deve ser observada nas suas relações com os valores afetivos, aos sincretismos e religiosidades e outras associações ainda que desconhecidas.

O conceito de Soberania Alimentar e Nutricional (SAN), é amplo e integral e, além de englobar “a qualidade dos alimentos, as condições ambientais para a produção, o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da população” (Freitas & Pena 2007, p. 70), também versa sobre os valores socioculturais da alimentação e da nutrição, em representações e significados expressos no cotidiano através de práticas, hábitos e crenças, sejam de higiene,

sejam com a finalidade de amenizar os efeitos da fome. “A produção e reprodução de crenças alimentares se constituem como fundantes da identidade sociocultural e interagem de muitas maneiras com os valores do mundo moderno, globalizado” (Freitas & Pena, 2007 p. 79).

O contexto socioeconômico, portanto, atravessa e direciona a SAN e sua exequibilidade na realidade da população. Assim sendo, somente com a inclusão dos aspectos culturais em sua análise e pensando seu desenvolvimento com enfoque no território e na comunidade, ou seja, com viés microssocial, além da ação protagonista dos sujeitos afetados por essa questão é que se tornam possíveis políticas relativas a SAN efetivas e comprometidas com a sociedade (Freitas & Pena, 2007). Esses autores também reforçam a ideia de que somente uma organização social é capaz de qualificar o programa social de alimentação e nutrição.

Nesse sentido, Portilho (2005), ao discutir consumo e sustentabilidade, coloca que a crescente conscientização de setores da sociedade reveladas em ações individuais, tem demonstrado o consumo como uma transação politizada. A autora dá a entender que uma estratégia de autorresponsabilização em relação ao meio ambiente e à sociedade de tais indivíduos vem tomando forma em tarefas cotidianas, o que delinea uma resposta política que pode ser fortalecida. Esse mesmo sentido de fortalecimento de ações sociais coletivas também é posto por Grisa e Schneider (2014), que relatam como vem sendo feita a terceira geração de políticas para a agricultura familiar. É através da ação social de grupos engajados que a construção de mercados para a segurança alimentar e a sustentabilidade ambiental vem se formando nos últimos anos.

Dessa forma é possível observar a formação de um caminho para o florescimento de uma política de SAN, baseado no respeito aos valores culturais, na ação individual responsável e consciente criando coletivos e organizações sociais capazes de dar contorno não só ao conceito de alimentação saudável, seus significados e símbolos, mas também às questões socioeconômicas atuais, protagonizando iniciativas que geram mudança a níveis coletivos, com ganhos sociais, alinhadas às três ecologias (Guattari, 1900), podendo se transformar em políticas públicas.

Assim, pelo conteúdo exposto, é possível perceber como a atuação do MPA no *Raízes do Brasil* pode ser considerada relevante para a ampliação do acesso da população à alimentação saudável e valorização da cultura tradicional, sendo resistência ao modelo hegemônico.

3.1 A micropolítica do MPA no *Raízes do Brasil*

Como já abordado anteriormente, Guattari (1990) ressalta a importância do engajamento daqueles que tem a capacidade de intervir nas instâncias psíquicas tanto individuais quanto coletivas através da saúde, educação, cultura, esporte, arte, mídia e afins, uma vez que não há neutralidade, para que possa haver um sentido de reinvenção. Inspirado nos paradigmas estéticos, o autor assinala a vocação de evoluir, inovar e inaugurar panoramas que os novos impulsos têm, a fim de projetar a capacidade de desenvolvimento de outros agenciamentos subjetivos individuais e coletivos, de forma a recompor as lutas emancipatórias de acordo com os três tipos de práxis ecológicas.

Pode-se observar coletividades se articulando no seio social para atuar conforme as propostas desse autor. Como relata Tanaka (2019), a partir dos anos 2000 diversos movimentos sociais do campo começaram a ocupar o núcleo de sua estratégia com as temáticas da alimentação e da comida, no sentido de sustentar a defesa de uma agricultura que produz alimentos saudáveis e na construção de sistemas de comercialização direta, com o intuito de politizar o consumo. Para tanto, esses movimentos do campo vem atuando no meio urbano, e mais particularmente na esfera do consumo.

Este é o caso do *Raízes do Brasil*, objeto dessa pesquisa, que teve seu espaço inaugurado em Santa Teresa em maio de 2017 pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), mas também do Armazém do Campo, inaugurado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em setembro de 2018 na Lapa (RJ) e presente na capital paulista, em Recife e Caruaru (PE) e São Gabriel (RS). Mais recentemente, em 2020, o MPA abriu dois novos espaços também chamados de *Raízes do Brasil*, um em Salvador (BA) e outro em Picos (PI).

Na dissertação desenvolvida por Tanaka (2019) foi possível averiguar que a incorporação do consumo político pelo MPA é um fenômeno consistente que amplia sua ação política e tem relação com um projeto político que objetiva fortalecer alianças com os consumidores urbanos. A autora faz um estudo minucioso de como o movimento social tem se articulado, inclusive em sua base teórica, trazendo as Sete teses sobre a agricultura camponesa, de Jan Douwe van der Ploeg (2009), a seguir:

1. a agricultura camponesa constitui parte altamente relevante e indispensável da agricultura mundial;
2. a atual luta por autonomia é determinante para a agricultura camponesa;

3. a luta por autonomia fundamental implica – e funciona como – a construção, o uso e o desenvolvimento contínuo do capital ecológico;
4. a centralidade do capital ecológico ajuda a desenvolver (de forma sustentável) a produção agrícola, mesmo sob condições altamente adversas;
5. o mercado global e os impérios alimentares geram crises agrárias e alimentares permanentes;
6. se de um lado os campesinatos do mundo estão sofrendo com muitas consequências do ordenamento imperial da produção de alimentos, por outro eles constituem a maior resposta;
7. a resistência camponesa é a principal força motriz da produção de alimentos. (PLOEG apud TANAKA, 2019 p. 30-31).

Tanaka (2019) relata que esse autor defende uma noção de desenvolvimento da agricultura camponesa que não é obrigatoriamente unidirecional nem um retorno ao passado. Muito pelo contrário, o diferencial da agricultura camponesa, em um cenário de expansão dos impérios alimentares, é exatamente o uso dos conhecimentos que valorizam os potenciais ecológicos e socioculturais locais. Ou seja, o modo de produção camponês é multifuncional: além da produção de alimentos em quantidade, qualidade e diversidade, seu formato é baseado na manutenção de relações positivas com os ecossistemas – o que significa adaptabilidade aos contextos de mudanças climáticas, dinamização das economias locais, diversificando atividades e criando empregos estáveis. Fica evidente o diálogo que tal formato de desenvolvimento estabelece com a proposição das três ecologias de Guattari (1990).

Em relação à sétima tese, Tanaka (2019) ressalta que o autor aborda a criação de arranjos mais sustentáveis no que concerne à participação dos consumidores:

Os consumidores valorizam cada vez mais a autenticidade, os produtos recém colhidos, o sabor e a diversidade e estão dispostos a remunerar produtores engajados em novas e apropriadas formas de sustentabilidade. Esse processo requer o compartilhamento do conhecimento a respeito da origem dos produtos e serviços, o que ajuda a criar e sustentar mercados que oferecem preços diferenciados (um pouco acima do valor convencional). [...] Finalmente, quero fazer referência à notável capacidade dos camponeses de elaborar mecanismos de conversão que diferem das transações comerciais. Os mercados operam cada vez mais como o domínio exclusivo onde se organizam todas as conexões, transformações e traduções. Com a prática da resistência, estão sendo criados ou mantidos modos contrastantes, como a reciprocidade, trocas socialmente mediadas e empreendimentos voltados para o autoabastecimento, que permitem às pessoas se organizarem para além dos limites do mercado” (PLOEG apud TANAKA, 2019 p.31).

Pode-se perceber como a questão do consumo, do poder de compra e das motivações dos consumidores ganham importância e se tornam pontos chave para a reconstrução da aliança

entre campo e cidade, sendo o alimento o elo principal que une essas duas esferas. A alimentação saudável, com “comida de verdade” e a “aliança com a cidade” se tornam o foco da luta política do movimento e são evocadas através de diversos símbolos utilizados nesse sentido, como por exemplo, a realização do I Congresso Nacional do MPA, com o tema alimentação, em São Bernardo do Campo (SP) em outubro de 2015, berço da luta operária, durante o “Dia Internacional da Alimentação”, comemorado no dia 16 de outubro (Tanaka, 2019).

Seguindo essa linha, a abertura do *Raízes do Brasil*, em Santa Teresa, como um sistema de abastecimento popular de alimentos representa a importância da comercialização direta com os consumidores, que tem se utilizado de ferramentas das redes digitais para se comunicar diretamente com o público. Em dezembro de 2019, o perfil do *Raízes do Brasil* no Instagram tinha mais de 1.500 postagens e contava com mais de 4.700 seguidores. Em fevereiro de 2021, já podia se contabilizar 1.700 publicações e mais de 9.100 seguidores⁵.

Com o intuito de compreender melhor como se dá a incorporação da temática do consumo no *Raízes do Brasil*, a pesquisadora Jennifer Tanaka (2009) além de entrevista e pesquisa documental para compreender a história do movimento, sua chegada e estabelecimento no Rio de Janeiro, realizou observação participante convivendo e acompanhando algumas realizações no local e em alguns pontos externos, em suas principais atividades, quais sejam:

- Acompanhamento das dinâmicas aos sábados no Raízes do Brasil: Feira e Loja Camponesa, Café da Manhã Camponês, Almoço e Tarde de Petiscos;
- Visita à feira semanal na quadra da Associação de Moradores de Laranjeiras;
- Acompanhamento das entregas quinzenais da Cesta Camponesa no núcleo de Copacabana;
- Participação em uma reunião do grupo de coordenadores dos núcleos de entrega da Cesta Camponesa;
- Participação na roda de conversa “Unindo Campo e Cidade: Como construir espaços de comercialização popular?”

⁵ Em janeiro de 2022, a página possui mais de 11.700 seguidores.

A abertura do *Raízes do Brasil* significou um período rico de experimentações e arranjos no repertório de ação do MPA, “tais como o uso da alimentação como um instrumento de (re)conexão entre campo e cidade e a adesão às diferentes tendências da alimentação contemporânea” (Tanaka 2019, p.48). A autora percebe que, para além do objetivo de escoamento da produção, a análise da experiência indica uma estratégia política de formar e fortalecer alianças, compromissos e solidariedades entre MPA e consumidores urbanos. Tal indício reforça o pressuposto da presente pesquisa, de que para além dos objetivos de mercado relacionados ao consumo, o *Raízes do Brasil* é uma iniciativa micropolítica de resistência, incitando novos devires e novos arranjos sociais. Para Portilho e Castañeda (2008), o espaço pode ser entendido como

uma organização física, política, afetiva e moral, ou seja, um espaço de sociabilidade que possibilita encontros e trocas sociais concretas: convivência, interação, socialização, associação, pertencimento e materialização de visões de mundo, estilos de vida, desejos, propostas, sonhos e utopias. Trata-se de um espaço intermediário entre as escolhas e responsabilidades da esfera privada (a casa, o corpo, a família, as preferências individuais) e coletiva (a cidade, a “natureza”, o “planeta”, a “humanidade”) (PORTILHO & CASTAÑEDA 2008, p. 11).

Tanaka (2019) revela que o *Raízes do Brasil* não é um espaço homogêneo e seus frequentadores não constituem uma unidade ou comunidade. Contudo, a experiência está cumprindo seu objetivo de articular e organizar o movimento, expandindo consideravelmente suas ações. Conforme dados coletados pela pesquisadora na roda de conversa “Unindo Campo e Cidade: Como construir espaços de comercialização popular?”,

Antes da vinda do MPA para o Rio de Janeiro, a gente tinha 12 famílias camponesas cadastradas no sistema da Cesta Camponesa, esses dados são do final de 2017 e início de 2018. A gente tem 44 famílias cadastradas, no momento. Antes, a gente tinha 99 cestantes. [...] Hoje estamos com uma média de 800 a 830 cestantes. A gente tem os dados [dessas pessoas] de e-mail, telefone, que foi uma forma melhor de fazer divulgação. Antes da vinda dos Raízes, a gente tinha a comercialização por ano de 176 cestas. Agora, atualmente, no início do levantamento a gente tinha uma média de 600 cestas por ano. Teve um crescimento de 216%.

Em relação aos produtos cadastrados, antes a gente tinha 128 e atualmente, a gente tem mais de 400 produtos cadastrados na cesta. [...] Outros dados que nós temos são: a gente tem cooperativas nas regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro Oeste. A gente tem 18 cooperativas e associações vinculadas ao *Raízes do Brasil*, uma vez que os produtos vêm de várias partes do Brasil. Tem produtos de 10 estados da federação no *Raízes do Brasil*. Entre famílias associadas à essas associações e cooperativas são mais de 6 mil famílias. A

gente tem em média [o número de] 25 a 30 mil pessoas que a gente consegue chegar [com o *Raízes do Brasil*] (TANAKA, 2019, p.55).

Em relação ao público consumidor do *Raízes do Brasil*, a autora relata serem pessoas que possuem estabilidade e poder de compra, tipos específicos de trabalhadores urbanos de classes mais abastadas, uma vez que a produção agroecológica ainda é mais cara do que a convencional, que muitas vezes recebe isenções fiscais. Fica evidente na pesquisa que o MPA objetiva acessar as populações de favelas, mas que ainda existem entraves para tanto.

Na pesquisa de Tanaka (2019) também ficou denotado um desconforto com as categorias “consumo” e “consumidor”, aparentes por não haver menções claras e diretas a esse termos, apenas de maneira elusiva. Conforme a autora,

para o MPA, campesinato e consumidores assumiriam o núcleo de uma estratégia política de ruptura da lógica neoliberal, sendo reconhecidos como sujeitos ativos e políticos, capazes, por exemplo, de outorgar seus direitos, decidir suas próprias políticas e gerir recursos naturais e produtivos. Ambos os atores são igualmente caracterizados como agentes potenciais, e aparentemente indissociáveis, de uma mudança sistêmica que, por sua vez, almeja que alimento, alimentação e agricultura deixem de ser tratados como “mercadorias” (TANAKA 2019, p. 61).

A menção da relação entre as esferas de produção e consumo são feitas através da expressão “integrar a agroecologia camponesa e a sociedade urbana através da alimentação saudável”. A autora explica que é notável o predomínio das discussões entorno das questões da produção e sua circulação ou escoamento e que as palavras de ordem como “comer é um ato político” e “comida de verdade no campo e na cidade” estão declarados tanto no espaço *Raízes do Brasil*, quanto na recepção ao público. Isso indica que além das discussões sobre a produção, a temática do comer começa a abarcar também a esfera do consumo.

Nesta seara é importante colocar que os conceitos trazidos por Tanaka (2019) a respeito da temática do consumo se alicerçam numa visão que dista do que foi discutido nesta pesquisa. No estudo trazido pela autora,

o consumo deixou de ser percebido pelas teorias sociais apenas como uma atividade que visa a reprodução das estruturas sociais hegemônicas, para ser compreendido como um conjunto de práticas e escolhas que expressam as identidades, os estilos de vida dos consumidores e, conseqüentemente, suas visões de mundo. (...) O consumidor passa, então, a ser compreendido como um cidadão ativo, criativo, confiante e racional que articula a sua identidade pessoal ao interesse público (TANAKA 2019, p.81).

Assim, na visão trazida por essa pesquisadora, é essencial superar o entendimento das categorias consumidor e cidadão como oposição, tensionando as fronteiras das ciências sociais que relacionam o consumo a uma dimensão privada e a cidadania à ordem coletiva. A autora evoca a noção porosa e sobreposta da justaposição “cidadão-consumidor” elaborada por Trentmann (2004; 2007). A politização do consumo, portanto, é o entendimento de que o ato de consumir se torna uma prática de participação em um cenário de disputas sobre a produção social, suas formas e significados, incorporando no ato da compra ideais e valores éticos, direitos e outros aspectos não econômicos. Dessa forma, os referenciais que concernem a temática do consumo político consideram o consumidor enquanto cidadão, o que na visão de Tanaka (2019), mais se aproxima às reivindicações ideológicas do MPA. A autora não deixa de fazer ressalvas quanto aos limites das categorias apresentadas e utilizadas em sua pesquisa e que ainda assim, trazem uma perspectiva interessante no que tange à construção de possibilidades desejáveis em sintonia às três ecologias de Guattari (1990).

Nas conclusões de sua pesquisa, Tanaka (2019) sugere que o *Raízes do Brasil* é um ponto de interface concreto entre movimento social e consumidores urbanos que popularizou a distribuição e acesso a produtos camponeses. Sua característica marcante é sua multifuncionalidade, sendo além de base para organização do movimento no estado, serviu de palco para atividades de formação política, debates, saraus, visitas de estudantes e intercambistas, exibição de filmes e terapias complementares. Representa, portanto, um ponto de encontro, de escolhas, de responsabilidades e de utopias (Portilho, 2009).

Em relação à análise do consumo, Tanaka (2019) ressalta que através das pautas “comida saudável” e “aliança com os trabalhadores da cidade”, o MPA atua no sentido do consumo político, por mais que não faça referência a essa noção. A atuação se dá por meio do fomento ao *buycott*, de esforços de desfeticização da mercadoria e da promoção de uma cadeia alimentar curta, com a valorização da origem dos alimentos e da aproximação de produtores e consumidores, criando uma relação de confiança. Em relação ao *buycott*, a autora aponta a divulgação feita aos consumidores sobre o consumo de alimentos do MPA como um “ato de solidariedade”. Ao enaltecer as relações de produção por detrás da produção dos alimentos, a autora entende que o movimento atua na inversão do fetichismo da mercadoria. Por fim, a autora sugere que há um processo de formação e fortalecimento de alianças, compromissos e solidariedades entre o movimento social e consumidores urbanos, por mais que seja permeado

por ambiguidades e tensões relacionadas à identificação do consumidor como aliado e seu reconhecimento como ator político. Também foram verificadas restrições e ressalvas no que se refere ao uso das categorias “consumo” e “consumidor”, que apareceram apenas ocasionalmente. As expressões mais utilizadas foram “povo brasileiro”, “trabalhadores urbanos” e “operários”. A pesquisadora infere que a preferência por tais termos evidencia a luta de classes defendidas pelo movimento, e o receio de uso da categoria “consumidor” pode levar ao enfraquecimento da questão de classe.

Tanaka (2009) assinala a necessidade de aprofundar o debate acerca do consumo em pesquisas futuras, uma vez que o consumo se torna centralidade no contexto contemporâneo, sendo tanto o problema, quanto uma possível solução para o futuro global. Em especial, pesquisas que verifiquem os limites e possibilidades do consumo político e sua capacidade de influenciar agendas.

Nesse sentido, a pesquisa de Tanaka (2019) revela algumas das interferências que a iniciativa micropolítica do *Raízes do Brasil* tem na esfera psicossocial e na produção de subjetividades daqueles que permeiam e estão na sua esfera de ação. Tal constatação reforça os pressupostos da presente pesquisa e a direciona para uma melhor compreensão de sua metodologia, que será desenvolvida a seguir.

4. Metodologia de Pesquisa

4.1 Fundamentação Teórica

Conforme discutido nos capítulos anteriores, a revisão bibliográfica dessa pesquisa foi realizada com o intuito de basear os assuntos abordados na literatura existente para construir uma leitura psicossocial e transdisciplinar da temática. Autores como Peter Pelbart, Félix Guattari e Gilles Deleuze foram trazidos para embasar o pensamento teórico-filosófico e o entendimento de como a vida está voltada para o consumo no contexto de um capitalismo desterritorializado, móvel e sem fronteiras, configurando o Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1990).

A Sociedade Disciplinar deu lugar à Sociedade de Controle, que está intimamente conectada com uma forma de poder inerente à vida humana, o Biopoder (Deleuze, 1992). É nessa lógica de controle imanente e do capitalismo rizomático que se deve olhar para a atuação dos movimentos sociais, uma vez que além de tencionarem imprimir mudanças na sociedade em que atuam, são produtores de conhecimentos (Poker & Abarotti, 2015).

Com apoio de Niemayer (2014) e Tanaka (2009), compreendemos melhor os movimentos sociais do campo e sua luta e como vieram se organizando a partir dos anos 1990. Muitos deles, a partir dos anos 2000, começaram a ocupar o núcleo de sua estratégia com as temáticas da alimentação e da comida, no sentido de sustentar a defesa de uma agricultura que produz alimentos saudáveis e na construção de sistemas de comercialização direta, com o intuito de politizar o consumo. E para isso, vem atuando no meio urbano, e mais particularmente na esfera do consumo. Esse é o caso do *Raízes do Brasil*, objeto da presente pesquisa, criado pelo MPA em 2017, e também do Armazém do Campo, criado pelo MST em 2018, presente em outras cidades como Caruaru (PE) e São Gabriel (RS). O *Raízes do Brasil* também possui duas outras unidades, em Salvador (BA) e em Picos (PI). O estudo desenvolvido por Tanaka (2009) demonstra que a incorporação do consumo político pelo MPA é um fenômeno consistente que amplia sua ação política e tem relação com um projeto político que objetiva fortalecer alianças com os consumidores urbanos. Afirma que a agricultura camponesa fortalece os potenciais ecológicos e socioculturais locais e traz considerações relevantes referentes à esfera psicossocial e de produção de subjetividades almejados na presente pesquisa.

Destarte, a iniciativa criada pelo MPA *Raízes do Brasil*, localizada em Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro, foi escolhida como foco de investigação para compreender suas influências no tecido social de apoiadores e consumidores a que se vincula, tanto na produção de subjetividades quanto na produção do consumo sob uma perspectiva psicossocial.

Conforme trazido na Introdução, o objetivo geral desta pesquisa é, no contexto do Capitalismo Rizomático, estudar a iniciativa *Raízes do Brasil* para compreender o tecido social que emerge a partir de um movimento social organizado que estimula o consumo de produtos agroecológicos sob a perspectiva da psicossociologia, com o viés da micropolítica. Nesse sentido, também buscar-se-á: investigar como o *Raízes do Brasil* tem afetado a produção de subjetividades de seus apoiadores e consumidores com uma perspectiva de consumo de alimentos livres de agrotóxicos; e perceber os aspectos da iniciativa que podem ser considerados como uma atuação micropolítica que atua como resistência.

Com essa perspectiva teórica, embasada pela revisão bibliográfica e documental, e levando em consideração as peculiaridades desta investigação, optou-se em utilizar a abordagem qualitativa como método de pesquisa.

A proposta metodológica inicial tinha como objetivo costurar a pesquisa teórica com a atuação prática, ou seja, intencionava-se uma segunda etapa em campo com o desenvolvimento de um planejamento participativo consensual junto ao grupo autogestionário responsável pelas diversas operações do *Raízes do Brasil*, a fim de constituir uma dimensão da práxis, que resultasse de pesquisas de campo e pudesse se constituir como uma colaboração para a iniciativa.

Com as mudanças ocorridas pela pandemia da Covid-19, necessidade de isolamento social e diversas adaptações do modo de viver, foi percebida a importância de um novo arranjo para a pesquisa. Não haveria tempo hábil para a condução de uma pesquisa-ação de forma segura, então outras possibilidades de pesquisa do movimento social e sua iniciativa *Raízes do Brasil* foram avaliadas e encaminhadas.

As experiências vividas junto ao Movimento dos Pequenos Agricultores pela pesquisadora de 2013 a 2018, neste último ano no espaço *Raízes do Brasil*, foram utilizadas como objetivo assimilar à pesquisa como a proposta teórica do movimento social vem sendo aplicada e vivida micropoliticamente, através do recorte com noções de pesquisa-ação.

Por fim, em um contexto de aumento da interação virtual em função da restrição da interação presencial apontou um caminho interessante para a investigação: analisar o Instagram do *Raízes do Brasil*, plataforma bastante utilizada pela iniciativa. Dessa forma, o presente estudo será complementado pela análise semiótica, para demonstrar, através do olhar de C. S. Peirce, a construção imagética e os sentidos transmitidos nos signos do conteúdo veiculado no Instagram da iniciativa. Abaixo segue uma breve apresentação sobre as abordagens qualitativas escolhidas.

4.2 Implicações da Pesquisa Social

As sociedades humanas possuem uma formação e configuração social moldadas por seu cunho histórico. “Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído” (Minayo, 1994 p. 13).

A presente pesquisa segue a linha proposta pela autora e opera na atividade básica da Ciência Social, que é a indagação sobre a construção de realidade. Sua função, por vincular uma prática teórica à ação, passa por atualizar essa teoria frente à realidade do mundo. De tal maneira, não existe intelectualmente um problema se o mesmo não tiver existido na vida prática. O que emerge, portanto, como questões de investigação tem origem em uma determinada circunstância social condicionada.

Assim, para além dos estudos acadêmicos que abordem o campo psicossocial do MPA e suas práxis em relação ao consumo e sua produção de sentidos, de significados e subjetividades, serão utilizadas as vivências em campo da pesquisadora, ocorridas de 2013 a 2018, neste último ano no espaço *Raízes do Brasil*. Esta etapa tem como objetivo assimilar à pesquisa como a proposta teórica do movimento social vem sendo aplicada e vivida micropoliticamente. Para tanto, se faz necessário aprofundar o entendimento sobre pesquisa-ação, que se segue abaixo.

4.2.1 A Pesquisa-Ação

Tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante tem origem nos 1940 na Psicologia Social de Kurt Lewin e ambas estão ligadas à crítica às metodologias tradicionais das Ciências Sociais que, nesse período, sustentavam uma ilusão de neutralidade científica. De acordo com Haguette (2010), essa nova corrente, além de questionar o distanciamento entre sujeito e objeto de pesquisa, problematizou a não inserção dos grupos pesquisados no processo de geração de conhecimento e, sobretudo, na socialização da ciência. As formas de produção de conhecimento e os usos de seus resultados historicamente vieram beneficiando grupos dominantes na manutenção do *status quo*. Na América Latina se popularizam nos anos 1960, em um contexto de efervescência social que questionava as ditaduras militares em prol da democratização, tendo ligação com os movimentos que visavam à transformação social (Peruzzo, 2016).

Assim, a pesquisa participante e a pesquisa-ação em sua origem representam um afastamento da proposta teórica da corrente psicossociológica e, ao mesmo tempo, um ancoramento na vertente educativa e emancipatória de Paulo Freire (Haguette, 2010). O entendimento é que, para haver compreensão de determinado contexto social, os pesquisadores devem ir além do campo teórico, participando, interagindo e se engajando em uma realidade prática (Lewin, 1946). Assim, o presente projeto caminha esse sentido por perceber a necessidade de um tipo de pesquisa que rompa as barreiras da teoria, com o intuito compreender as leis que governam a vida social.

Não há unanimidade na comunidade científica sobre este método – uma demonstração de tal fato é o entendimento como sinônimo de expressões como “pesquisa participante” e “pesquisa-ação”. De fato, tais propostas se assemelham por desempenhar um papel importante na aprendizagem dos pesquisadores e dos grupos implicados, tendo por objetivo dar a eles os meios de se tornarem capazes de responder com eficiência aos problemas da situação que vivem (Thiollent, 2003). Ainda de acordo com o autor, “toda pesquisa-ação é do tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária. No entanto, tudo o que é chamado de pesquisa participante não é pesquisa-ação” (Thiollent, 2003, p. 15). Thiollent ressalta que esses métodos se diferenciam pelo fato de a pesquisa-ação ir além da simples participação ao articular uma ação planejada de caráter social, educacional, técnica ou outra, o que nem sempre ocorre na pesquisa participante. Dessa forma, a pesquisa-ação pode ser definida como

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2003 p. 14).

Para tanto, Lewin (1946) afirma que é primordial uma avaliação sistemática dos fatos para perceber o sentido do planejamento, das ações e dos resultados. Seu objetivo prático é aperfeiçoar a administração social e as relações intergrupais. É com este autor que o conceito de intervenção na vida social a fim de transformá-la se estrutura como método de pesquisa (Haguette, 2010).

Sendo assim, a pesquisa-ação não se refere a levantamento de dados, mas a uma pesquisa pautada na ação e na interação com um grupo, que tenha algo a “dizer” e “fazer”, para a construção da ação e tomada de consciência (Thiollent, 2011). Esse método de pesquisa tem em sua essência uma função social. De acordo com Barbier (2002),

se por muito tempo o papel da ciência foi descrever, explicar e prever os fenômenos, impondo ao pesquisador ser um observador neutro e objetivo, a pesquisa-ação adota um encaminhamento oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social (BARBIER, 2002 p. 18).

Portanto, é importante que a ação não seja banal ou corriqueira, mas problemática e relevante em um contexto social ou psicossocial, demandando pesquisa para o seu encaminhamento. Outros aspectos que caracterizam a pesquisa-ação são: a elaboração de um diagnóstico em que os participantes tenham vez e voz, a obediência às prioridades estabelecidas e deliberações coletivas que definem as decisões por consenso, sempre que possível (Thiollent, 2003; 2011).

É importante também esclarecer que este tipo de pesquisa não é adequada à aplicação de nível macrossocial, que seriam a sociedade e movimentos de abrangência nacional ou internacional. Sua aplicação se limita ao nível microssocial, ou seja, pequenos grupos, instituições ou coletividades de pequeno ou médio porte, sendo uma ferramenta de trabalho e investigação com tais grupos.

Como colocado anteriormente, esse método também é circunscrito ao contexto de pesquisa de base empírica, ou seja, voltada para a descrição de situações concretas e intervenção para a resolução de problemas efetivamente detectados na coletividade que está sendo considerada, principalmente nos campos da educação, comunicação e organização. No entanto,

por mais que a pesquisa-ação priorize o lado empírico, não deixa de trazer as questões relativas ao quadro teórico, sem o qual não faria sentido. O intuito é manter a atenção tanto nas exigências teóricas quanto nas práticas, a fim de equacionar os problemas pertinentes da situação social em voga (Thiollent, 2003). Para Peruzzo (2016), a pesquisa-ação é um anúncio de uma metamorfose no campo da epistemologia da ciência, uma vez que é uma prática que questiona as bases epistemológicas do próprio fazer científico, também sendo um formato inovador de pesquisa empírica ao mesmo tempo que se afasta do empirismo.

Nesse sentido, Peruzzo (2016), para delinear as críticas ao racionalismo e às regras de pesquisa científicas universais, traz Feyerabend e Fals Borda. De acordo com esse último, é possível dizer que

a ciência é um produto cultural do intelecto humano, produto que responde a necessidades coletivas concretas [...] e também a objetivos determinados por classes sociais que aparecem como dominantes em certos períodos históricos. Se constrói a ciência mediante a aplicação de regra, métodos e técnicas que obedecem a um tipo de racionalidade convencionalmente aceita por uma comunidade minoritária constituída por pessoas chamadas de científicos, que por serem humanas, ficam precisamente sujeitas a motivações, interesses, crenças e superstições, emoções e interpretações de seu desenvolvimento social específico. Por isso mesmo, não pode haver nenhum valor absoluto atribuído ao conhecimento científico (FALS BORDA, 2013, p. 302).

Ou seja, não se deve assegurar a verdade científica como única e universal, uma vez que a ciência também é histórica, se transforma e avança de acordo com o processo histórico das civilizações. Sendo assim, “se a ciência não é unívoca, também não o é a epistemologia da ciência” (Peruzzo, 2016, p. 4). Aqui cabe questionar o papel do cientista e da ciência por ele desenvolvida, e se ambos estão comprometidos com os projetos de luta do outro e interessados em “compreender para servir” (Brandão, 1999). Trata-se de uma prática científica que caminha no sentido de “atuar como força transformadora” (UFRJ, 2014), a fim de buscar a geração de valor econômico, ambiental e social, proporcionar inovação e mobilização de energias sociais capazes ampliar as oportunidades e as condições de vida. Peruzzo (2016) coloca em debate os pressupostos epistemológicos da ciência, seus modelos e regras tradicionais em relação aos pressupostos da pesquisa participativa, que dialoga com o tradicional, mas abre espaço para a construção de conhecimentos de forma coletiva e o reconhecimento de saberes.

Importante mencionar que esse tipo de pesquisa vai ao encontro de romper a relação sujeito-objeto transformando-a em sujeito-sujeito – os atores investigados são sujeitos, sejam

coletivos ou individuais, atuantes, ativos e com protagonismo (Peruzzo, 2016), no sentido de uma nova forma de produzir conhecimentos, uma ecologia de saberes (Santos, 2007).

Em relação à sua forma, Dionne (2007) coloca que a pesquisa-ação é conduzida em procedimentos cíclicos, estabelecendo um constante vai-e-vem nas questões trazidas pelos participantes, com o intuito de fazer a coleta de dados e levantamento de ideias. Estimula-se o uso da criatividade coletivamente para que possam ser elaboradas soluções, que muitas vezes, surgem por intuição. Portanto, trata-se de um processo que não é linear, mas uma ida-e-vinda constante que se torna indispensável por estimular as camadas de consciência e criação ao longo do processo. Sendo assim, nesse método há um alto nível de envolvimento e intervenção do pesquisador na conjuntura vivida pelo grupo como também se espera a participação ativa de representantes desse grupo, de forma que a interação contribua para a solução das questões vividas, amplificação da cidadania e transformação social (Peruzzo, 2016).

É importante mencionar que a pesquisa-ação pode ser focalizada em três perspectivas: resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento. Thiollent (2011) revela que é possível abranger todas essas perspectivas de forma simultânea, gerando benefícios tanto no campo teórico quanto no prático, mas que, para tanto, é imprescindível haver amadurecimento metodológico e boa condução.

Existem diversas linhas da pesquisa-ação desenvolvidas por autores, como a pesquisa-ação colaborativa de Thiollent (2003; 2011), a pesquisa-ação local aplicada de Dionne (2007), e a pesquisa-ação existencial de Barbier (2002), cujos autores foram trazidos na presente pesquisa. Outros autores relevantes são Desroche (2006) e André Morin (2004), que desenvolveu a pesquisa-ação integral e sistêmica.

Essa última se vale do pensamento sistêmico de forma intencional, para que o fenômeno complexo se torne mais compreensível através da interação e deliberação com todos os participantes em um formato de espirais sucessivas (Morin, 2004). É na realidade complexa das interrelações e interações subjetivas da coletividade que emergem soluções criativas. O engajamento e o investimento por parte dos participantes de afeto e valores subjetivos no diálogo entre diversos pontos de vista com vai-e-vem constante propiciam a modelagem de estratégias e soluções das questões com todos os envolvidos ao longo do processo (Morin, 2004).

Assim, o método a ser utilizado envolve a participação direta dos pesquisadores em um processo de transformação social, passando por quatro fases básicas: pesquisa exploratória, pesquisa aprofundada, ação e avaliação (Thiollent, 2003; 2011).

Importante ressaltar que a presente pesquisa foi estruturada a partir de incursões em campo, que, por sua relevância, serão trazidas como resultados de pesquisa. Com o intuito de fazer uma sistematização adequada das experiências vividas nos principais aspectos metodológicos da pesquisa-ação com base em Thiollent (2003; 2011), será utilizada a perspectiva de Peruzzo (2016).

4.3 Comunicação, Análise Semiótica e a escolha do Instagram

As novas formas de comunicação mediadas pelas novas tecnologias parecem estar aumentando o fluxo constante das linguagens, em especial, as formas visuais de expressão. A cibercultura⁶ e os aplicativos de rede social configuram uma sociedade contemporânea imersa em imagens.

Em relação à produção de imagem, Santaella e Nöth (2001) trazem os três paradigmas na evolução da produção de imagem: o pré-fotográfico, o fotográfico e o pós-fotográfico. O paradigma pré-fotográfico é relativo às imagens produzidas artesanalmente, sejam desenhos, pinturas e esculturas. Já o paradigma fotográfico concerne às imagens produzidas por meio de captação física de fragmentos do mundo visível através de dispositivos ou máquinas, requerendo situações e objetos reais para serem registradas. Estão incluídos nessa categoria fotografias, vídeos, cinema, TV e holografia. O paradigma pós-fotográfico está relacionado com as imagens sintéticas, os infográficos, feitas por computação e sem utilização de dispositivos para captação no mundo real.

O papel desempenhado pela imagem nos livros tem sido crescente ao longo do desenvolvimento da humanidade. Com o advento da fotografia e posteriormente de veículos de

⁶Cibercultura, de acordo com Pierre Lévy (1999) é o conjunto de técnicas, materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Este último, por sua vez, que também pode ser compreendido também pelo termo “rede”, segundo o autor, é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Não se trata apenas da infraestrutura material da comunicação feita de forma digital, mas do universo oceânico de informações abarcado por ela e os seres humanos que fomentam esse universo.

comunicação como jornais e revistas, a imagem veio se destacando e ganhando espaço em sua relação com a palavra (Santaella, 2018).

Mais tarde, com as redes sociais, a imagem chega a ganhar centralidade em especial, instaurando um novo um novo relacionamento com o real. O *bios* midiático, veremos mais à frente com o apoio de Muniz Sodré (2016), traz a indistinção entre tela e realidade, tônica da sociedade do espetáculo.

Nesse contexto, o Instagram, plataforma de rede social fundada em 2010, focada no compartilhamento de imagens e vídeos e que vem ganhando espaço de forma expressiva ao longo dos anos, tanto para fins pessoais como comerciais, chama atenção pela alta interação de seus usuários.

De acordo com Socialbakers (2019), o Instagram é a rede social com maior engajamento, tendo em vista que 500 milhões de usuários acessam a plataforma todos os dias (Statista, 2018), sendo que, em junho de 2018, atingiram a marca de 1 bilhão de usuários ativos.

O engajamento está relacionado com a forma que os usuários que seguem a uma conta, ou seja, seguidores, reagem aos conteúdos publicados. Tal interação pode acontecer através de curtidas, comentários e repostagens.

Como o foco da plataforma é visual e imagético, com variados recursos – como filtros, gifs e enquetes por exemplo – leva a um alto engajamento e a um estímulo por criação e consumo de conteúdos interativos. Dessa forma, o Instagram vem sendo visto como uma poderosa ferramenta de marketing para as empresas, uma vez que é sabido que 90% das contas seguem ao menos uma empresa no Instagram (Instagram, 2019).

Uma vez que o Instagram do *Raízes do Brasil @raizesdobrasil.rj* é bastante ativo, com mais de 1.700 publicações e mais de 9.100 seguidores⁷, assim, se configura um local bastante propício para investigação dos significados e sentidos propagados através das imagens compartilhadas pela iniciativa.

À luz da semiótica de C. S. Peirce, através da leitura da pesquisadora e autora Lucia Santaella, com contribuições valiosas de Muniz Sodré, as imagens fotográficas publicadas no Instagram do *Raízes do Brasil @raizesdobrasil.rj* serão analisadas, em relação à forma como se

⁷ Dados coletados em 02 de fevereiro de 2021.

configuram visualmente. Partindo da noção de signo, seus fundamentos e sua relação aos conceitos de ícone, índice, símbolo será possível analisar a presença de elementos semióticos específicos, com o intuito de compreender as camadas de sentido que compõem as imagens compartilhadas.

Para tanto, com o apoio da plataforma Ingramer, que compila diversos indicadores da conta de Instagram indicada, serão analisadas as imagens fotográficas das 5 publicações mais curtidas do Instagram do *Raízes do Brasil @raizesdobrasil.rj*, durante período de pandemia do ano de 2020, ou seja do dia 11 de março a 31 de dezembro de 2020.

De acordo com Machado (1984), as imagens fotográficas, refletem a realidade e, nesse ato, podem transformar e até mesmo deformar o que é refletido. Nesse sentido, a presente pesquisa, ao estudar as imagens compartilhadas e seus signos, busca tentar entender não só o processo sígnico, mas a própria realidade propagada pelo Instagram do *Raízes do Brasil*.

Para que tal análise seja realizada, se faz necessário aprofundar a compreensão sobre semiótica e as estratégias adotadas nos meios de comunicação pelo Capitalismo Mundial Integrado, a seguir.

4.3.1 A Semiótica de C. S. Peirce

Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo; sendo assim a ciência dos signos (Santaella, 2012), sendo entendida mais especificamente como a área de investigação das representações e da linguagem por meio dos signos.

O trabalho desenvolvido por Peirce é vasto e pode ser assimilado como uma complexa arquitetura filosófica, com sua estrutura baseada na fenomenologia, que de acordo com Santaella (2018), trata de investigar os modos como apreendemos as coisas que surgem à nossa mente, podendo ser um cheiro, o ruído da chuva ou a lembrança de um tempo vivido. Sendo assim, a fenomenologia origina a estética, a ética e a lógica, disciplinas abstratas que focam no estudo de ideias, valores e normas. De maneira mais específica, a lógica, também chamada de semiótica, se debruça nos ideais e normas que conduzem o pensamento, se fazendo necessário o estudo sobre as condições gerais dos signos. A semiótica, por sua vez, tem três ramos: a gramática especulativa, a lógica crítica e a metodêutica. E é pelo caminho da gramática

especulativa, que pode ser entendida como uma teoria geral de todos os signos e suas formas de pensamento, propriedades, modos de significação, denotação e interpretação (Santaella, 2018), que seguiremos o presente estudo.

Sendo assim, é importante salientar que a teoria peirciana foi desenvolvida com base em uma tríade de classificações e inferências do signo. Ele pode ser analisado: (i) em si mesmo, ou seja, em suas propriedades e qualidades internas; (ii) na referência àquilo que a que se refere ou representa; (iii) nos efeitos que pode produzir em seus interpretantes.

Abordando a tríade desenvolvida por Peirce é possível adentrar em camadas mais profundas nas mensagens veiculadas, captando como são concebidas, arquitetadas e articuladas, com seus procedimentos e vetores de referência não só em uma conexão mais imediata, mas também em um cenário mais amplo, uma vez que “em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz” (Santaella, 2018, p. 5). Naturalmente, é relevante que a busca das classificações abstratas dos signos procurem princípios-guias que transpareçam e desvelem as mensagens transmitidas nos mais diversos meios, podendo funcionar como um mapa-lógico. Ao mesmo tempo, a semiótica não é capaz de nos revelar processos de signos que desconhecemos. É primordial conhecer um contexto sociocultural e seu sistema de signos para reconhecer suas marcas na mensagem.

A seguir, vamos aprofundar um pouco mais a teoria da semiótica de Peirce, entendendo sua relação com a fenomenologia para dar base às análises que serão feitas na presente pesquisa.

A palavra fenômeno vem do grego *phaneron*, e pode ser entendida como tudo aquilo que surge à mente e à percepção. Como já colocado anteriormente, a fenomenologia apresenta como os fenômenos são apreendidos pela mente através de categorias formais e universais (Santaella, 2018). De acordo com Peirce, são três os elementos formais e universais que se apresentam à nossa mente em todos os fenômenos, nomeados de: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

A Primeiridade se refere à relação do signo com ele mesmo. Ou seja, está relacionado com a natureza do seu fundamento, ou com sua capacidade para funcionar como signo. Tal aspecto é relativo à sua qualidade, existência concreta ou seu caráter de lei. É embasada pela teoria das potencialidades e limites da significação.

A Secundidade é sobre a relação do fundamento com seu objeto. Em outras palavras, aquilo que define o signo e ao mesmo tempo, aquilo que o signo representa. Relacionado a este item existe a teoria da objetivação, que observa os problemas que concernem à denotação, realidade e referência.

A Terceiridade trata da relação do fundamento com o interpretante e os efeitos que o signo causa na pessoa que o interpreta. Aqui há uma teoria da interpretação e suas implicações. Em sua forma mais simples, a terceiridade é manifestada no signo, dado que o signo é um primeiro (algo que aparece na mente), ligando um segundo (aquilo que se refere) a um terceiro (o efeito que irá provocar em um intérprete). De forma geral,

signo é qualquer coisa de qualquer espécie (...), que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo (SANTAELLA, 2018, p. 8).

Contudo, a autora coloca que além dos signos genuínos, ou seja, os signos de terceiridade, também existem quase-signos, isto é, signos de primeiridade e secundidade. A noção de signo desenvolvida por Peirce não exige uma natureza plena de linguagem, que sejam palavras, desenhos, diagramas. Ações e reações, ou emoções e sentimentos sem muita definição também são considerados, pois, qualquer coisa que dá corpo ao pensamento, às reações e às emoções, estando presente à mente, tem natureza de signo. No mesmo sentido, os efeitos interpretativos provocados pelos signos também não precisam ter uma natureza bem formulada e comunicável de pensamento. Essas são as bases de uma “semiótica antirracionalista, antiverbalista e radicalmente original” (Santaella, 2018, p. 11), oriunda de uma ligação íntima com a fenomenologia, que torna muito próximos o sentir, o reagir, o experimentar.

Por outro lado, levanta-se então o questionamento: o que precisa haver em determinada coisa para que seja considerada um signo? De acordo com Peirce, são os aspectos relativos à Primeiridade que asseguram tal atributo. São as três propriedades formais, anteriormente citadas: sua qualidade, existência concreta ou seu caráter de lei. E nessa teoria, basta que um signo possua uma simples qualidade para ser considerada como tal. Isso acontece porque meras qualidades tem a capacidade de produzir uma cadeia de associações e assim, funcionam como signos. Vejamos o exemplo trazido por Santaella (2018): a cor azul-claro, sem consubstanciá-la em algum local, sem contexto, somente levando em consideração a cor. Imediatamente, ao

pensar apenas na cor, nos recordamos do azul do céu e possivelmente, de roupas de bebê. O azul-claro, não por acaso, também é chamado de azul-celeste e de azul-bebê. Outras qualidades também são capazes de criar cadeias associativas, bem como cheiros, texturas, sons e conseqüentemente, funcionam como signos ou, de forma mais específica, como qualissignos.

Do mesmo modo, a existência concreta também é um atributo que valida algo como um signo. Tudo o que existe ocupa um lugar no espaço e no tempo, se conecta e afeta outros existentes, atuando como parte daquilo ao qual se relaciona, aponta ou se refere. Esses aspectos são nomeados de sinsigno.

A terceira propriedade que possibilita algo vigorar como signo, seu caráter de lei, tem relação com atuação da lei, que nada mais é do que a conformação do que é singular à sua generalidade. As convenções sociais, as palavras, tudo, de certa forma funciona de acordo com leis. A vida como um todo se organiza baseada nas leis da natureza. Assim, o aspecto relacionado com a propriedade de lei é chamado de legisigno. É importante ressaltar que, de modo geral, as três propriedades explicitadas acima atuam concomitantemente, habilitando as coisas a atuarem como signos.

Além dos três tipos de propriedades, existem também três os tipos de relação que os signos tem com os objetos a que se referem, segundo seus aspectos fundamentais. Se o signo em seu fundamento é um qualissigno, sua relação com o objeto será um ícone. Se for um sinsigno, sua relação com o objeto será um índice e, se for um legisigno, será um símbolo. Por fim, para complementar a tríade teórica peirciana, também existem três níveis de relação do signo com o interpretante final: rema, dicente e argumento (Santaella, 2018). Abaixo segue o quadro explicativo.

Quadro: Tricotomia do signo de Peirce

| | Signo 1º em si mesmo | Signo 2º com seu objeto | Signo 3º com seu interpretante |
|----|----------------------|-------------------------|--------------------------------|
| 1º | Qualissigno | Ícone | Rema |
| 2º | Sinsigno | Índice | Dicente |
| 3º | Legisigno | Símbolo | Argumento |

Fonte: Santaella (1983, p. 62).

Vamos nos concentrar no entendimento da relação dos signos com seus objetos. De acordo com Campuzano (2016), o ícone pode ser entendido como um signo visual, que tem como fundamento um qualissigno, e que representa o objeto por semelhança. Voltando ao exemplo já utilizado: o qualissigno da cor azul-clara. Na ocasião em que o azul-claro rememora o céu ou roupas de bebê, tal lembrança só é possível pela semelhança dessa cor com a cor do céu e das roupas de bebê. “O ícone só pode sugerir ou evocar algo porque a qualidade que ele exibe se assemelha a uma outra qualidade” (Santaella, 2018, p. 17).

O índice, por sua vez, é fundamentado por sua existência concreta, ou seja, pelo sinsigno. Para esclarecer, vamos usar como exemplo uma fotografia de uma montanha. Registrada sua imagem em uma foto, a montanha existe no mundo real, independente de tal foto. São possíveis diversos ângulos de fotos da montanha, e todas essas variações podem ser entendidas como ícones, imagens da montanha. Assim, a fotografia indica a montanha, mas não a representa – claramente a foto não é a montanha, apenas a aponta, de acordo com um recorte específico dentro dos limites da fotografia. A imagem da montanha é seu índice por demonstrar a conexão entre a captura da foto e a montanha (Santaella, 2018). Outros exemplos de índices sem o aspecto icônico inerente à fotografia ressaltados pela autora são a fumaça como índice do fogo e a luz como índice do Sol ou de uma lâmpada. Ou seja, a fumaça não manifesta qualquer semelhança com o fogo e do mesmo modo, a luz não se assemelha à lâmpada, mas os aspectos existenciais da fumaça e da luz são parte de outro existente e apontam para o mesmo, no caso indicando o fogo e a lâmpada. Pode-se dizer que o índice veicula a informação do objeto, denotando sua existência (Monteiro, 2018).

Por fim, o símbolo tem como seu fundamento o legissigno. Ou seja, sua relação com o objeto será uma representação através de uma convenção, um hábito associativo, uma lei – ainda que inclua dentro de si aspectos de qualissignos icônicos e sinsignos indiciais, mas é a convenção que faz com que o símbolo represente o que representa. Por exemplo, a bandeira brasileira representa o Brasil ou o alfabeto e as palavras que representam uma língua.

O terceiro e último elemento da tríade de Peirce é o interpretante, isto é, o efeito interpretativo que o signo produz em uma mente, seja ela real ou potencial. Aqui temos três níveis de interpretantes. O primeiro se refere a possibilidade interpretativa do signo em nível abstrato, antes do seu encontro com um intérprete.

O segundo nível de interpretante tem relação com o efeito singular que o signo produz em um intérprete específico e, sendo exposto com as categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade, pode ser distribuído nas categorias de interpretante emocional, energético e lógico. Aprofundando esse olhar, pode-se compreender que a primeira repercussão que um signo pode suscitar é uma simples qualidade de sentimento ou interpretante emocional – aspecto bastante relacionado a ícones como músicas, poemas, filmes que trazem qualidades de sentimento à tona. O segundo efeito, por sua vez, é o energético, relativo a uma ação física ou mental, movimentando o interpretante em direção ao objeto indicado. Portanto, relacionados com os índices. Por último, o interpretante lógico tem a ver com a interpretação do signo por meio de uma regra interpretativa internalizada. Santaella ressalta que

sem essas regras interpretativas, os símbolos não poderiam significar, pois o símbolo está associado ao objeto que representa através de um hábito associativo que se processa na mente do intérprete e que leva o símbolo a significar o que ele significa (SANTAELLA, 2018, p. 25).

Em outras palavras, o símbolo se torna símbolo através do interpretante, pois a lei que lhe dá fundamento precisa estar integrada, pode-se dizer, de certo modo instintivo, na mente quem o interpreta.

O terceiro nível do interpretante é o interpretante final, que diz respeito ao resultado interpretativo a que os interpretantes podem chegar. São os três níveis de interpretante final mencionados anteriormente: rema, dicente e argumento (última coluna do Quadro). De acordo com Santaella (2018), o rema se relaciona com a possibilidade qualitativa de um signo. É uma hipótese, uma elocubração, como por exemplo, quando associamos uma nuvem a uma forma de castelo. Trata-se apenas de uma conjectura. O dicente, no que lhe diz respeito, é um signo de existência concreta, sendo assim interpretantes de sinsignos indiciais. Por fim, o argumento é para seu interpretante, um signo de lei, um legissigno, associado, portanto, às sequências lógicas simbólicas de determinado signo.

Para complementar o estudo, o próximo capítulo traz a abordagem desenvolvida por Muniz Sodré sobre como a comunicação e os signos veiculados na mídia são modelados pelo mercado transnacional e por tecnologias avançadas de informação.

4.3.2 A Semiótica e as Estratégias Sensíveis de Muniz Sodré

O trabalho desenvolvido por Muniz Sodré (2016) é proveniente da oposição clássica entre afeto e razão, sendo capaz de revelar como as estratégias sensíveis estão incrustadas na socialidade da era da mídia.

Olhando para a função da comunicação, é importante lembrar que transmitir algum conteúdo referencial não abarca a abrangência da função de uma linguagem ou discurso. Na relação comunicativa deve haver o reconhecimento da relação entre duas subjetividades, seus interlocutores. Este ponto ressaltado pelo autor deflagra a incapacidade da racionalidade linguística e das lógicas argumentativas de dar conta do interlocutor com quem eu falo. “Em termos práticos, a questão pode ser resumida assim: quem é, para mim, este outro com quem eu falo e vice-versa?” (Sodré, 2016, p.10). As estratégias sensíveis, portanto, tem relação com “os jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem” (Sodré, 2016, p.10).

Logo, há um artifício para a aproximação das diferenças entre as partes, podendo ser um ajustamento afetivo ou somático que nada tem a ver com a racionalidade crítico-instrumental do conceito ou às figurações abstratas do pensamento, mas com o lugar singular do afeto. Dessa maneira, em sua obra, Sodré (2016) demonstra na mídia e na propaganda como os afetos podem ser manipulados através da instrumentalização do sensível, na maior parte das vezes sem apreensão da consciência. O autor coloca que em estratégias discursivas a consciência do sujeito não rege por completo sua posição de falante, portanto, menos consciência ainda existe no campo anuviado dos afetos e de toda dimensão sensível em que estamos imersos.

Outro aspecto relevante trazido por Muniz Sodré é o fato de o aspecto sensível ser um campo escorregadio até mesmo para o pensamento crítico, uma vez que se respalda em uma argumentação racionalista e ética. O campo das impressões dos sentidos, que pode ser entendido como estética, gradativamente se faz mais presente na vida, sendo inclusive, um eixo ideológico da linha de pensamento pós-modernista. O autor revela, assim, uma defasagem nas pesquisas de Comunicação, que tem como base um discurso linear e sequencial, com a atual realidade, organizada por uma nova realidade específica das tecnologias de informação: a antítese entre razão e paixão, sendo o aspecto sensível destacado, deslocado, para a racionalidade e a lógica predominarem. No entanto, o campo da Comunicação precisa reconhecer a diversidade das trocas e dos afetos:

Nos fenômenos da simpatia, da antipatia, do amor, da paixão, das emoções, mas igualmente nas relações em que os índices predominam sobre os signos com valor semântico, algo passa, transmite-se, comunica-se, e nem sempre se sabe muito bem do que se trata (SODRÉ, 2016, p. 11-12).

Para elucidar de forma mais grave, o autor cita o ensaísta francês Amiel, que traduz tal aspecto da seguinte forma: “tudo o que a natureza faz em nós sem nós”. Seria, portanto, uma via teórica que valoriza e reconhece os aspectos emocionais, afetivos e sentimentais como inerentes à socialidade, e que reitera um dissenso com as grandes categorias racionais que teimam por explicar o mundo em sua totalidade. Mais recentemente, com a tendência de o cotidiano ser fundida com tecnologia, há o risco de “conversão de toda a vida em emoção controlável” (Sodré, 2016, p.13).

Isto posto, o que entendemos por “cultura” conceitualmente precisa ser atualizado para abarcar as transformações causadas pela tecnologia e não apenas seguir parâmetros da tradição sociológica e histórica que não comportam mais a complexidade dos dias atuais. Sodré coloca que é imprescindível incluir a questão da comunicação concomitantemente em uma epistemologia compreensiva e em um encaminhamento político e emancipatório perante às articulações da mídia transnacional do mercado, que trabalha para conformar esteticamente a dimensão do sensível. Em outras palavras,

profundamente imersos num processo civilizatório em que as imagens exercem um poder inédito sobre os corpos e os espíritos, começamos, de fato, a nos inquietar com o mistério da realidade sensível de todos esses signos visíveis e sonoros que administram o afeto coletivo, e também a indagar sobre o encaminhamento político de nossas emoções. É aqui então que o agir ético-político, quando acontece, faz emergir o ser comum como possibilidade de inscrição do diverso na trama das relações sociais, para além das medidas fechadas da razão instrumental e da lei estrutural do valor, o capital (SODRÉ, 2016, p. 15).

Muniz Sodré pretende trazer uma abordagem compreensiva da Comunicação que descreve e integra a experiência imediata e comum que estamos vivendo: a articulação das instituições com as mídias, ou em outras palavras, *a midiatização, o bios virtual* – essa nova esfera da existência a qual todos estamos submersos sensorialmente. Ele explica:

na cognição comunicacional, a matéria sensível (imagens, formas, aparências, sinestesias, ritmos, etc.) não é “fato social” ou qualquer objeto separado do sujeito, e sim “coisa” que já inscreve em si mesma um agenciamento cognitivo, uma espécie de pensamento operativo, se não uma “estratégia sensível”, totalmente aberta para a possibilidade de que se conceba uma episteme do humano saída diretamente da técnica (SODRÉ, 2016, p. 16).

Com o intuito de compreender o modo como as estratégias sensíveis inerentes na sociedade da era da mídia atuam, faz-se necessário nos aprofundarmos nesse campo, a seguir.

Muniz Sodré (2016) inicia o desenvolvimento de sua teoria sobre os aspectos emotivos e o indiciais na mídia evocando a manipulação retórica e estética das emoções, utilizadas nas primeiras ditaduras tecnológicas do século XX. Em relação às táticas de discurso hitleristas, o autor explicita que as convicções políticas e religiosas são validadas pelo sensível, como em todo frenesi de fanatismo, fazendo uso racional do afeto pela retórica e comunicando ideias a fim de produzir sensações. O ponto chave desta forma de expressão e persuasão para o controle de comportamentos é o enredamento entre retórica e estética. Posteriormente, com o desenvolvimento do império midiático, tais artifícios foram apropriados pela publicidade comercial.

Nesse sentido, Sodré (2016) traz aspectos que ressaltam a pouca diferenciação da propaganda e da publicidade; a primeira com um intento mais universal e a segunda pautada em padronização e uniformização, relacionadas com estratégias mercadológicas globais, utilizadas antes mesmo do nazismo. Como exemplo dos mecanismos retóricos que agitavam o cotidiano social na década de 1920, o autor cita a campanha publicitária orientada por Edward Barnays, que deu início ao consumo de cigarro por mulheres norte-americanas, explorando o aspecto emancipatório e o caráter ilimitado dos desejos. A identidade de consumidor, conforme já abordado anteriormente, começa a se dar num jogo de imagem, estilo, desejo e produção de desejos, que podem ser traduzidos em “kits de subjetividade”, em que se criam demandas e mercados a partir da produção das subjetividades. Sodré corrobora ao assegurar:

a mídia não se define como mero instrumento de registro de uma realidade, e sim como dispositivo de produção de certo tipo de realidade, espetacularizada, isto é, primordialmente produzida para a excitação e o gozo dos sentidos (SODRÉ, 2016, p. 79).

De forma mais específica, a sociedade contemporânea na qual vivemos é caracterizada pelo espetáculo *difuso* – termo cunhado por Debord (1997) para ilustrar o uso da mídia pelo mercado para consolidar o fetichismo da mercadoria através da publicidade. O espetáculo, na sociedade de mercado global, é configurado como uma relação social, em que o valor-afeto do indivíduo é explorado psiquicamente pelo capital, tendo sua vida objetivada e manipulada por imagens arquitetadas pelas corporações midiáticas. Tais imagens-espetáculo conformam

sensações, comportamentos, hábitos e percepções (Sodré, 2016). Como já colocado por Deleuze e Guattari (1996), toda a vida social passa a ser não só colonizada, mas produzida.

Para tanto, o uso de romance e fantasia é feito no intuito de criar um mundo imaginário ao redor dos anúncios publicitários, que ao mesmo tempo que ludibriam, testam sua eficácia na conformação das subjetividades no sentido de serem cada vez mais compatíveis com o consumo. “E essa compatibilidade é de ordem mais afetiva do que racional, mais persuasiva do que disciplinar, já que a persuasão ou o convencimento (...) são as formas ideológicas privilegiadas na realidade midiática” (Sodré, 2016, p. 84).

Sodré (2016) ressalta a expressão tátil sobrepujando as demais dimensões do sensível no sentido da orquestração midiática, pelo fato da taticidade estar relacionada com signos que produzem propriedades capazes de alterar o estado de consciência de forma afetiva e cognitiva. Trata-se de um jogo complexo de linguagem que tem efeitos na corporalidade maquínica moldada pela estrutura da sociedade capitalista contemporânea que organiza a vida com base em tecnologia da informação avançada, em que as imagens vão sucessivamente se evocando, se associando, se espalhando e se infiltrando como um vírus nas práticas sociais por meio dos hábitos, percepções e sensações.

Para compreender melhor a teoria do sensível, o autor se debruça sobre o conceito de estética, com sua origem moderna em Baumgarten. Para esse último, a estética tem autonomia em termos de conhecimento, uma vez que é o único meio possível para determinados objetos se manifestarem (Sodré, 2016). Seria assim uma “arte de perceber”, perceber por meio dos sentidos, ou melhor, um modo de conhecimento do sensível de forma abrangente. O termo *aisthesis* significa sensibilidade, estesia, podendo ser entendido, portanto, como sensação e percepção sensível. Em outras palavras, estético pode ser compreendido como aquilo que está ligado à dimensão subjetiva intuitiva na representação de um objeto ou o que está subordinado à sensibilidade. Sodré (2016) traz também a perspectiva kantiana, em que o entendimento de belo e sublime na natureza e na arte são assegurados por uma comunidade abstrata, isenta de aspectos psicológicos ou subjetivos, inerentes à individualidade. Para além da interpretação que Sodré faz de Kant, seguindo os desdobramentos do entendimento que a acepção da estética teve ao longo do tempo no ocidente, o autor coloca que o entendimento transborda o sentido artístico e pode ser compreendido como uma forma de “acolher a experiência sensível de captação de valores” e igualmente uma “teoria da sensibilidade, entendida como o conhecimento intuitivo transmitido pelos sentidos, sem a mediação reflexiva dos conceitos” (Sodré, 2016, p. 88-89).

Com o apoio de outros autores, Muniz Sodré (2016) conclui que a estética está ligada à polissemia, ou seja, à pluralidade de sentidos. Isso está relacionado com a abertura do sentido, que nada mais é do que a transformação da significação no decorrer do tempo, e com a relação cambiante com o mundo exterior. Nesse caso, o signo está aberto para o imaginário coletivo, podendo aparecer como conteúdo afetivo do vivido.

Trazendo a discussão do signo para o aspecto comunicacional, Sodré se dedica ao trabalho desenvolvido por Peirce, enfatizando que seu enfoque nas questões da mediação, da comunicação e da representação. Na perspectiva de Peirce, o signo é um meio. Em uma conversa em que o signo tenha agido de forma satisfatória, não se sabe e não é possível reproduzi-la nas exatas palavras em que foi passada, pois, de fato, foram as expressões faciais e o tom que transmitiram a mensagem.

Ao reinterpretar o raciocínio desenvolvido por Peirce em uma genealogia constituinte dos grupos sociais organizados, Sodré depreende o *socius* a partir das vinculações econômicas, políticas, culturais e afetivas que constituem o ser social. Nas palavras do autor, “surtem as instituições (nação, família, associações diversas, etc.) capazes de funcionar tanto como pano de fundo quanto operadores da identidade humana” (Sodré, 2016, p. 93). É de suma importância frisar que vincular-se tem um sentido profundo e simbólico, pois está relacionado às esferas existenciais constitutivas do ser humano e sua partilha com o Outro, “uma lógica profunda de *deveres* para com o *socius*” (Sodré, 2016, p. 93) – muito além de um simples processo interativo ou de qualquer racionalismo instrumental.

Dessa forma, Sodré (2016), para aprofundar tal entendimento, recorre a Kant para trazer o termo comunidade, relativa à possibilidade do indivíduo se disponibilizar para algo em comum, uma tarefa em comum, que implica o coletivo, em oposição ao que é particular. Para além de estar junto em um mesmo território, existe um compartilhamento implícito que gera obrigações e deveres com o Outro, como uma dívida simbólica. Há uma diferenciação e uma identificação dos indivíduos que partilham tal dinâmica de comunidade. Nesse mesmo sentido se constitui a comunicação linguística coletiva. Essa “radicalidade simbólica da vinculação” é “necessária aos códigos de funcionamento da comunicação humana. O vínculo faz aparecer o sentido (...) e se converte em realidade intersubjetiva e social” (Sodré, 2016, p. 93-94). Em outras palavras, nos processos interativos de discursos sociais há uma realidade efetivamente mais complexa do que a assumida nos meios de comunicação, que, conseqüentemente geram distúrbios que passam despercebidos em toda a estrutura social.

O signo, imprescindível à representação, é da ordem tanto do inteligível quanto do sensível, é consciência e corpo, que demandam o sujeito na sua totalidade de sua vinculação social, na radicalidade de uma comunhão concreta, para que o sentido possa emergir (SODRÉ, 2016, p. 94).

Nesse sentido, o autor aborda assuntos relativos ao bem comum ou público, denotando como o que está relacionado à cidadania e à autorrepresentação da sociedade, nos dias de hoje, demonstram a extenuação do modelo proveniente da Revolução Francesa de entrelaçamento social e sociedade civil. A tecnologia, atualmente, intermedia o relacionamento do sujeito humano com a realidade, fazendo com que não seja mais o Estado-Nação, mas o mercado global, a referência para a identidade – o que esvazia a cidadania política para dar lugar ao consumidor como novo sujeito social (Sodré, 2016). De acordo com Gorz, esse último é o oposto do cidadão, contrário à “expressão coletiva de necessidades coletivas, contrário ao desejo de mudança social, à preocupação com o bem comum” (Gorz apud Sodré, 2016, p.95). Da mesma forma que colocam Deleuze & Guattari (1996), Sodré (2016) se refere ao capital como a lei máxima de organização das estruturas, em que o comum é produzido pela tecnologia e pela mídia em um espaço sem território, que se amplia em realidades paralelas e virtuais, restringindo drasticamente as demarcações humanas e simbólicas da linguagem.

Sodré ainda traz Holmes, que foi o pensador que salientou que a fotografia estabeleceria um tempo em que a imagem seria mais importante que o próprio objeto. “O objeto, como substância estática e pesada, se tornaria inútil diante das formas expressivas resultantes da desmaterialização das coisas” (Sodré, 2016, p 97).

(...) sob a regência neocapitalista das tecnologias da informação e da comunicação, a imagem torna-se o operador de uma visibilidade programática (...) que comunica o tempo todo a mensagem unívoca do mercado. (...) Uma espécie de prótese ontológica para o controle das relações sociais e das novas subjetividades por tecnologias informacionais (SODRÉ, 2016, p. 98).

O primeiro a reconhecer a constituição de uma nova realidade foi Simmel, em relação à televisão. Décadas mais tarde, hoje temos certeza e participamos do ecossistema tecnológico que se coloca a partir dessa *bios* virtual, um tipo de comunidade afetiva baseada em imagens e impulsos digitais, naturalizada como prática social. Importante grifar que essa forma de viver instaura um novo relacionamento com o real, afetando a dinâmica do espaço tempo. Trata-se de um tipo de controle sobre as representações do real, que afeta a ideia moderna do social e do

exercício de poder (Sodré, 2016). O autor relata um novo tipo de ordem social, se referindo à Sociedade de Controle desenvolvida por Deleuze. Sodré coloca que

o bios midiático é uma espécie de chave virtual aplicada à vida cotidiana, à existência real-histórica do indivíduo. Em termos de puro livre-arbítrio, pode-se entrar e sair dele, mas nas condições civilizatórias em que vivemos (...) estamos imersos na virtualidade midiática, o que nos outorga uma forma de vida vicária, paralela, “alterada” pela intensificação da tecnologia audiovisual conjugada ao mercado. Isso faz do bios midiático a indistinção entre tela e realidade (SODRÉ, 2016, p. 101).

Sendo assim, entende-se que as relações sociais são regidas pela hegemonia do capital global (Sodré, 2016; Guattari, 1990; Tavares & Irving, 2009). Para Sodré,

A espetacularização é (...) a vida transformada em sensação ou entretenimento, com uma economia poderosa voltada para a produção e consumo de filmes, programas televisivos, música popular, parques temáticos, jogos eletrônicos. Efeitos de fascinação, moda, celebridade e emoção a todo curto permeiam sistematicamente essa forma de vida emergente, em que a estesia detém o primado sobre velhos valores de natureza ética. O fenômeno estético torna-se insumo para a estimulação da vida, doravante dirigida para a indústria e o mercado (SODRÉ, 2016, p. 102).

Existe uma absorção que leva o indivíduo a viver virtualmente no espaço imaterial das redes de informação, como já colocado, o *bios* midiático, que age no sentido de um êxtase ou deslumbramento. Em relação a esta forma de viver, o autor alerta para o acúmulo de fantasias e deformação por falta de reelaboração afetiva do vivido. O risco está associado a todo um sistema de representações sem referentes, que se tornam puramente modelos-imagens. Importante reiterar que a imagem, em sua constituição é um signo e uma ação, concomitantemente. O que acontece aqui é que os signos imagísticos, que existem tanto no imaginário discursivo como no imaginário de sistemas que também podem ser não linguísticos, orientam as ações ao serem articulados a desejos e interesses sociais. A questão é que a ambiência não funciona mais na escala de um corpo humano, mas à escala de um sistema “neural”, que leva ao desaparecimento da corporeidade – que por sua vez, é tatilmente substituída por muitos *índices*, que favorecem a intensificação de formas apresentativas (logo, não representativas) e, conseqüentemente, um novo tipo de sensibilidade individual e coletiva” (Sodré, 2016, p. 105-106).

Para melhor compreender a questão da grande circulação indicial se faz importante retomar conceitualmente o índice, que nada mais é do que qualquer coisa que chama a atenção,

que indica algo, não por semelhança, mas por conexão, articulação entre dois elementos. O índice pode ser concomitante a palavras e imagens, e assim, em algumas ocasiões fica menos evidente e relevante do que outros elementos comunicacionais. Em outros momentos, o índice ganha destaque, como por exemplo, em meios como a televisão e a internet. Sodré (2016) coloca que o tipo de texto fugaz e fragmentário desses meios caracteriza a produção da mídia da “*aisthesis* banal”, típica da sociedade do espetáculo. E ainda, revela que se trata de um modelo epistemológico que, alicerçado na estesia, aciona uma outra sensibilidade comunicacional, requerendo o olfato, o golpe de vista e a intuição. De forma mais específica,

o índice é o tipo de signo que predomina largamente nas formas de conhecimento e de transmissão da informação características da sociedade midiaticizada, isto é, movida por tecnologias da informação e da comunicação que se baseiam em dígitos e imagens. (...) O índice configura-se como o signo mais adequado a um novo tipo de relação social carente de dimensões de profundidade semântica ou de valores éticos ordenados, em que predomina (...) a pura contiguidade relacional das redes midiáticas ou cibernéticas. Ele é de fato o principal operador das relações entre a lógica do discurso e as modulações da sensibilidade na esfera do audiovisual (SODRÉ, 2016, p. 109).

Para o autor, as formas perceptíveis são asseguradas pelo índice em seus potenciais operatório, interativo e metafórico. No campo audiovisual, sua predominância é revelada na produção de expressões e emoções no que tange à televisão, enquanto que na internet, mesmo com imagens, escritos e sons, a influência é feita, na maior parte, por abstrações digitalistas. Há que considerar que, na televisão ainda há o registro do corpo humano, tornando viável, de certa forma, as sinalizações para o sentido. Na rede cibernética, não há corpo, apenas uma circulação indicial intensa e tátil, confusa e difusa em seu discurso e ordenamento estético.

Na sociedade do espetáculo há um esgotamento da visão, que está redirecionada: enxerga-se mais do que se vê, devido a uma saturação imagética. A visão, direcionada para o desejo e para a compulsão, tem apenas acompanhado os ícones, sendo direcionada mais pelos índices para integrar o conteúdo do vídeo veiculado em questão. O mesmo pode ocorrer ao se ouvir sem escutar verdadeiramente uma música: não necessariamente sua letra faz sentido, o que fica retido são os índices do ritmo e da melodia. Tais exemplos denotam a perda do espaço dos sentidos, em especial, do sentido da visão para a taticidade. A tecnicidade do tátil pode ser apreendida pelo som e suas conseqüentes vibrações que tocam o corpo de quem o escuta; pela luz impactante de uma imagem; pela apreensão da sensorialidade de um indivíduo dos índices cibernéticos para navegar na internet. “Tateia-se nos itinerários sonoros, visuais e textuais em busca dos índices de conexão ou elos (*links*)” (Sodré, 2016, p.115). Na mídia, os ambientes

dinâmicos são complexos e fazem uso de variados recursos, levando seus usuários à proximidade de um estado de vertigem, inebriados pela excesso de estímulo. É nesse *bios* virtual em que o simbólico ou sógnico são produzidos na esfera do sensível, guiados pela abstração digital. Assim,

o caos estético do hipertexto, o *zapping* da recepção televisiva, o videoclipe publicitário, as imagens dispersas do audiovisual, a fragmentação narrativa influenciam-se mutuamente, concorrendo para a quebra da tradicional linearidade dos repertórios culturais e trazendo o elemento rítmico para o primeiro plano da produção midiática. Vem do ritmo, hoje cada vez mais veloz e frenético, a estimulação tátil que regula a sensorialidade no interior do bios, com o aporte implícito de uma novo tipo de sensibilidade (SODRÉ, 2016, p.115).

O que fica como pergunta para o autor é o papel do imaginário e da realidade nessa nova ordem sensória. Como imaginário, entende-se um repertório individual ou coletivo constituídos pelos produtos da imaginação provenientes das experiências afetivas. Na cultura ocidental, orientada pelo racionalismo, o imaginário é percebido em uma relação de oposição ao princípio da realidade. Peirce não segue por esse caminho, optando pelas categorias fenomenológicas já abordadas anteriormente nesse trabalho: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. Nas palavras de Sodré,

A primeiridade (...) relacionada às noções de acaso, indeterminação e possibilidade, diz respeito ao universo do possível, em que tudo é espontâneo e original, guiado pelo livre curso da imaginação. (...) A secundidade, que é a experiência determinada, material, conflitiva e vivida; e a terceiridade ou esfera da síntese, das conclusões gerais, do hábito e da aprendizagem, que permite pensar as outras categorias (SODRÉ, 2016, p. 117).

O imaginário, nessa nova ordem instituída com um fluxo informacional corrente e ininterrupto, diversamente de sua dimensão tradicional, é realizado tecnologicamente no *bios* virtual e, como já colocado, está enredado e indistinto às representações humanas da vida real. Nas palavras do autor,

o bios é um lugar magneticamente afetivo, uma recriação tecnoestética do ethos, capaz de mobilizar os humores ou estados de espírito dos indivíduos, reorganizando seus focos de interesse e de hábitos, em função de um novo universo menos psiquicamente “interiorizado” e mais temporalmente relacionado ou conectado pelas redes técnicas. Bios midiático ou bios virtual são, assim, expressões adequadas para o novo tipo de forma de vida (...) caracterizado por uma realidade imaginarizada, isto é, feita de fluxos de imagens e dígitos, que reinterpretem continuamente com novos suportes tecnológicos as representações tradicionais do real. Trata-se geralmente de um

imaginário controlado e sistemático, sem potência imaginativa ou metafórica, mas com uma notável capacidade ilocutória (portanto, um imaginário adaptável à produção) (SODRÉ, 2016, p. 121).

Assim, surge um novo tipo de política-polícia, atuante sobre os costumes e regidos pelo mercado, a partir da apropriação da informação coletiva. A mídia com seus dispositivos se entranha culturalmente na vida social e por meio da simulação arquitetada pelo *bios*, mobiliza corpos e institui um imaginário que se mistura com os acontecimentos cotidianos, ficando difícil de discernir o que é imaginário e o que é vida real. Essa simulação se traduz em “uma nova esfera existencial plenamente afinada com o capital, em que o desejo se imponha preferencialmente como desejo de mercado” (Sodré, 2016, p. 122). Por fim, instaura-se uma *estesia* telecomandada, que cerceia o indivíduo de sua singularidade, ou seja,

da vontade, da escolha criativa e da partilha simbólica, logo de uma corporeidade própria e ativa, geradora de sentido, que tende hoje a ser cada vez mais genética e culturalmente controlada – apesar da exalta o do corpo do consumidor pelos automatismos sensoriais da m dia (SODRÉ, 2016, p. 122-123).

Após a leitura de Sodré,   possível retomar as considera es do referencial teórico desta pesquisa com um olhar mais apurado sobre o exercício de poder do Capitalismo Mundial Integrado através dos dispositivos de produ o de subjetividade incutidos na m dia.

Cabe agora, com os resultados de pesquisa a seguir, perceber os movimentos moleculares agitados pela iniciativa *Raízes do Brasil*, com o intuito de perceber se suas linhas de fuga são capazes de escapar pelos segmentos molares. Da mesma forma, poderemos avaliar o quanto a dinâmica intrínseca do micro e do macro, em que “um escapa do outro e o outro det m o um, impedindo-o de fugir mais” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 91), se evidencia no material analisado.

5. Resultados de Pesquisa

É relevante relembrar que a presente pesquisa foi estruturada a partir de vivências reais iniciadas no campus da Praia Vermelha (UFRJ), oportunidade em que conheci e teci relações com os camponeses que, naquela época, montavam suas barracas e vendiam sua produção ao corpo universitário. Sabendo de seus desafios de escoar a produção e de seus planos futuros, procurei colaborar, participando de reuniões e contribuindo com a construção das ferramentas que o grupo entendia como necessárias. Essas vivências, por sua relevância, estão sistematizadas de acordo com os aspectos metodológicos da pesquisa-ação de Thiollent (2003; 2011) e estruturadas com a perspectiva de Peruzzo (2016) no subcapítulo 5.1.

Conforme já colocado, antes da pandemia provocada pela Covid-19, intencionava-se uma segunda etapa em campo com o desenvolvimento de um planejamento participativo consensual junto ao grupo autogestionário responsável pelas diversas operações do *Raízes do Brasil*, a fim de constituir uma dimensão prática, que resultasse de pesquisas de campo e pudesse se constituir como uma colaboração para a iniciativa. Não sendo possível dar continuidade, a segunda etapa da pesquisa foi adaptada no sentido de aprofundar e demonstrar a atuação micropolítica do *Raízes do Brasil* através de uma análise semiótica de seu Instagram das 5 postagens mais curtidas no período de pandemia do ano de 2020, de março a dezembro. A análise, que observa a construção imagética e sígnica veiculada está no subcapítulo 5.2.

Por fim, no subcapítulo 5.3, costuramos as impressões dos subcapítulos anteriores com o referencial teórico trazido, observando algumas pistas e indicações que nos auxiliam a uma maior compreensão dos objetivos e perguntas da presente pesquisa.

5.1 As incursões feitas em campo: conhecendo e explorando a partir de noções de pesquisa-ação⁸

1ª fase: Estudo exploratório para reconhecimento da situação a ser investigada

Nesta fase, de acordo com Peruzzo (2016) estão em voga o reconhecimento das configurações locais e do grupo, seus aspectos culturais, estrutura de classes, nível de organização e forças associativas que levam à sua reunião. São tidos como recursos documentos com devido estudo prévio, levantamento de dados, estabelecimento de contato. Trata-se de uma fase importante para adentrar no ambiente investigado. Assim, segue abaixo o relato da experiência.

Conforme exposto anteriormente neste trabalho, conheci os camponeses do MPA em 2013, durante o projeto de extensão realizado pela Escola de Serviço Social da UFRJ.

Foi naquela época que conheci o Beto, figura que mais tarde descobri ser uma importante liderança do movimento com quem desenvolvi uma relação de amizade. Foi ele quem me relatou a dificuldade de revender os alimentos para pequenos comércios de hortifruti, pela qualidade da produção dos agroecológicos, uma produção muito mais diversa e com pouca quantidade de cada alimento. Essa produção é diferente da que é feita como monocultura com utilização de agrotóxicos, em que é possível obter uma grande quantidade de cada alimento produzido – exatamente o que os hortifrutis pediam.

Naquela época, estava bastante interessada em alimentos produzidos sem agrotóxico por ter tido contato com algumas pesquisas que relacionavam doenças com esses agentes químicos. Eu sofria intensas dores físicas e, sem diagnóstico, procurava outras saídas.

Beto também me relatou que estava procurando entre os alunos da universidade parcerias para atender às demandas do movimento, como por exemplo, estudantes de Psicologia para oferecer algum suporte aos agricultores que desde as chuvas na Região Serrana de 2011, estavam bastante abatidos pela destruição e pela perda de familiares e vizinhos. Uma parceria com administradores apoiaria a estruturação da Cesta Camponesa, já que, em dias de chuva, o movimento no campus da Praia Vermelha caía muito, fazendo com que os agricultores tivessem

⁸ Neste subcapítulo optou-se pelo uso de primeira pessoa para narrar as vivências com o grupo. A pesquisa somente foi possível com uma experiência pessoal próxima, com criação de vínculo entre os envolvidos, viabilizando a confiança e a construção coletiva do projeto.

prejuízo com as vendas. Lembro que nesse período, os agricultores partiam de Teresópolis para fazer a feira com déficit R\$300,00 em virtude do carro alugado para fazer o transporte dos alimentos.

As semanas iam passando e fui tecendo relações. Conheci a filha do Beto, a Ana, que tinha 6 ou 7 anos. Conheci também Adriene, Carlos Henrique e o Ramon, que me explicou em detalhes o projeto da Cesta.



Figura 1: Comprando da Cesta Camponesa no Campus da Praia Vermelha em fevereiro/ 2014 (Fonte: Barraca Camponesa, Facebook)

2ª fase: Início da pesquisa propriamente dita

É nesta fase que se instaura o processo investigativo, a fim de definir e acordar com o grupo pesquisado a sistemática de inserção do investigador e das atividades a serem desenvolvidas (Peruzzo, 2016).

No fim de 2015, colaborei ativamente para a consolidação dos pedidos quinzenais da Cesta. Recebia dos camponeses uma listagem de todos os alimentos produzidos disponíveis para a venda e organizava no Excel os pedidos de cada comprador, fazendo uma consolidação das quantidades totais que deveriam ser levadas para a montagem das cestas para entrega.

Cheguei a passar uma noite no assentamento da Érica, em Vila de Cava, em Nova Iguaçu, para vivenciar e colaborar com a separação dos alimentos e montagem das cestas. Foi um momento marcante, não só por ser a primeira vez em que estive na Baixada Fluminense, mas também por ser a primeira vez que vivi num sentido mais fundamental a organização com que vinha colaborando. Neto (1994) destaca a importância da entrada em campo e pontua a capacidade de empatia e de observação do investigador e de aceitação dele por parte do grupo como fatores decisivos que não são alcançados com simples receitas. O autor descreve a relação com os atores no campo como um ato de nutrir um envolvimento compreensivo ao participar de seus dramas diários, fazendo do campo “um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos” (Neto, 1994 p. 54).

Nessa ocasião, os camponeses me deram a listagem de pedidos na mão e ficaram observando atentos como eu organizava a montagem das cestas. Enumerei a listagem, e fiz uma fileira de sacolas, combinando com eles sua numeração. Dei andamento seguindo a ordem que era indicada por eles, já que também nunca havia vivenciado esse processo, fazendo primeiro a separação dos alimentos secos. Assim, produto por produto, fui falando em voz alta a quantidade de cada um em cada sacola, e eles faziam as alocações, conforme a numeração combinada. Ao longo do percurso, percebi um alívio se instalando no ambiente conforme a sistemática que montamos juntos ia fazendo sentido. De fato, em seguida eles relataram que esse era o momento mais desafiador que eles vinham passando, em especial quando o número de cestas para separação era muito alto. As palavras de Neto (1994) ilustram a minha percepção dessa experiência:

O trabalho de campo, em síntese, é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano. O que atrai na produção de conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho (NETO, 1994 p. 64).

E mais: além de ter aprendido como minha formação em administração poderia ter outra função social, muito além do mercado, colaborar com o movimento social me deu um novo sentido de vida.



Figura 2: Noite organizando as Cestas Camponesas que seriam entregues no dia seguinte - Vila de Cava, Nova Iguaçu, novembro/2015 (Fonte: própria)

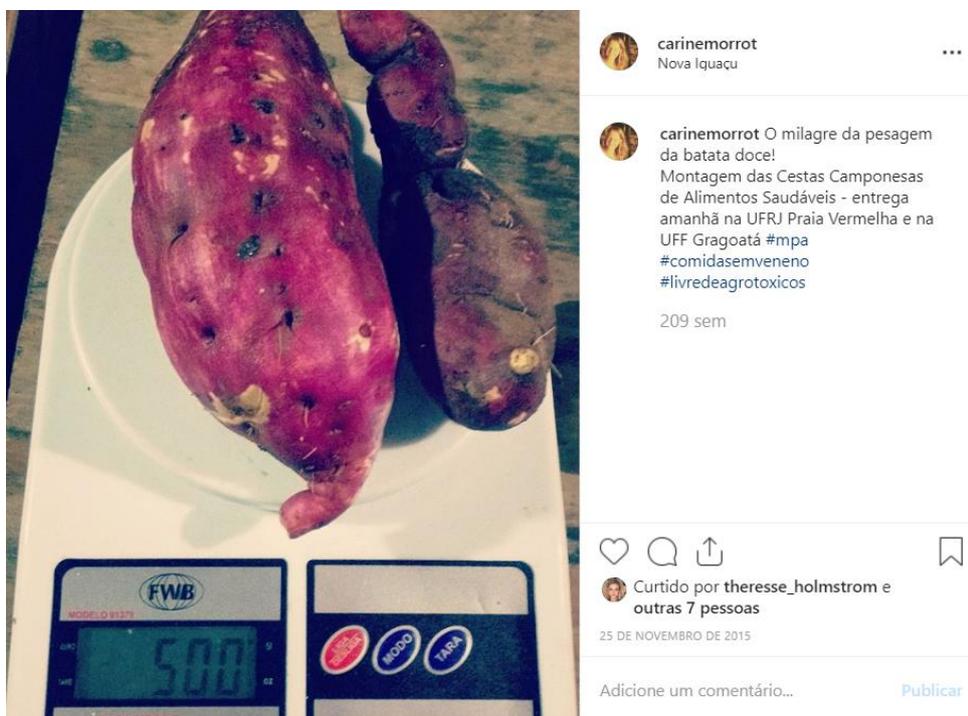


Figura 3: Pesagem da batata doce, noite organizando as Cestas Camponesas que seriam entregues no dia seguinte - Vila de Cava, Nova Iguaçu, novembro/2015 (Fonte: Instagram pessoal)

Continuei participando de algumas reuniões, e decidimos fazer duas entregas com feira no meu prédio, nos dias 28 de novembro e 5 de dezembro de 2015. Abaixo algumas imagens da vivência:

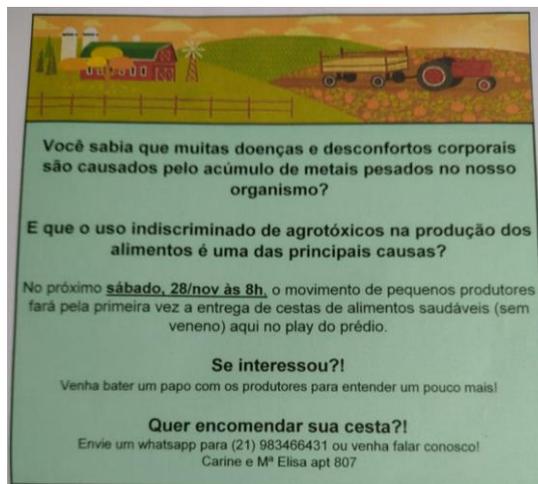


Figura 4: Cartaz de divulgação no meu prédio, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal)

| Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã. | | | | |
|---|----------------------------|-------|---------------------|------------|
| NOME: Dolores | | | | |
| Telefone: | | | | |
| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
| 5 Salsa | UPC Cantinho da Felicidad | 2,20 | 2 | R\$ 4,40 |
| 8 Maxixe (500g) | UPC Cantinho da Felicidad | 4,00 | 2 | R\$ 8,00 |
| 9 Pepino Japonês (500g) | UPC Hayashy (Silvio de Ti | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| 10 Palmito conserva (sem conservante) | UPC Hayashy (Silvio de Ti | 18,00 | 2 | R\$ 36,00 |
| 16 Cocada | Familia Jesus Elias Doña E | 3,50 | 2 | R\$ 7,00 |
| 19 Queijo branco (400g) | Cleber | 10,00 | 1 | R\$ 10,00 |
| 28 Ovos Caipira (1duzia) | Seu Altamir | 12,00 | 2 | R\$ 24,00 |
| 30 Doce de Goiabada cascão | UPC dona Maria (Japones | 11,00 | 1 | R\$ 11,00 |
| 35 Banana variedade Prata (duzia) | UPC Agroecologico Cantin | 7,50 | 1 | R\$ 7,50 |
| 44 Limão Galego (meia duzia) | UPC Agroecologico Cantin | 4,00 | 1 | R\$ 4,00 |
| 55 Jiló verde escuro (+ amargo) 250g | UPC do Mario Tingua | 2,50 | 2 | R\$ 5,00 |
| 59 Couve Manteiga | UPC do Mario Tingua | 2,50 | 2 | R\$ 5,00 |
| 69 Compota de Abobora com coco 250g | UPC Nossa Senhora da C | 13,00 | 2 | R\$ 26,00 |
| 81 Cocada com Leite Condensado | UPC Nossa Senhora da C | 4,00 | 2 | R\$ 8,00 |
| 100 Taioba | UPC Agua Azul (Denise) | 2,50 | 2 | R\$ 5,00 |
| 107 Abacaxi Grande | UPC Agua Azul (Denise) | 6,00 | 1 | R\$ 6,00 |
| 112 Apim descascado e congelado | UPC Thiago Armond | 7,50 | 1 | R\$ 7,50 |
| 114 Alface | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 116 Agrião | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| TOTAL | | | | R\$ 186,40 |

| Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã. | | | | |
|---|---------------------------|-------|---------------------|-----------|
| NOME: Sueli | | | | |
| Telefone: | | | | |
| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
| 11 Palmito in natura (1kg) | UPC Hayashy (Silvio de Ti | 18,00 | 1 | R\$ 18,00 |
| 16 Própolis | UPC Seu Samuel | 12,00 | 1 | R\$ 12,00 |
| 55 Jiló verde escuro (+ amargo) 250g | UPC do Mario Tingua | 2,50 | 2 | R\$ 5,00 |
| 59 Couve Manteiga | UPC do Mario Tingua | 2,50 | 2 | R\$ 5,00 |
| 113 Cenoura (500gr) | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 114 Alface | UPC do Jorginho | 2,50 | 2 | R\$ 5,00 |
| 116 Agrião | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| TOTAL | | | | R\$ 50,00 |

Pepino — 7,00
 Apim — 5,00
 Azeite — 19,00

(72 pg)

Figura 5: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal)

| Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã. | | | | |
|---|---------------------------|------|---------------------|-----------|
| NOME: Carlinhos Lima | | | | |
| Telefone: 983380777 - meu@cdelima.com.br | | | | |
| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
| 20 Leite 1 litro | Cleber | 5,00 | 3 | R\$ 15,00 |
| TOTAL | | | | R\$ 15,00 |

OK
12
15 pg

| Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã. | | | | |
|---|---------------------------|-------|---------------------|-----------|
| NOME: Willow | | | | |
| Telefone: | | | | |
| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
| 42 Bolo de aipim Rustico | UPC Agroecologico Cantin | 5,50 | 1 | R\$ 5,50 |
| 44 Limão Galego (meia dúzia) | UPC Agroecologico Cantin | 4,00 | 2 | R\$ 8,00 |
| 67 Leite 1 litro | UPC Porto Iguassu (Alan) | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| 85 Ambrosia 500 g (doce de leite) | UPC Nossa Senhora da C | 22,00 | 1 | R\$ 22,00 |
| 151 Café Arábica de 500g | MPA-ES | 11,00 | 1 | R\$ 11,00 |
| TOTAL | | | | R\$ 64,50 |

- 5,50
- 7,00
+ 11,00
Café + 15,00
86

| Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã. | | | | |
|---|---------------------------|-------|---------------------|-----------|
| NOME: Beth - filha da vô Ana 810 | | | | |
| Telefone: | | | | |
| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
| 9 Pepino Japonês (500g) | UPC Hayashy (Silvio de Ti | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| 11 Paimão in natura (1kg) | UPC Hayashy (Silvio de Ti | 18,00 | 1 | R\$ 18,00 |
| 35 Banana variedade Prata (duzia) | UPC Agroecologico Cantin | 7,50 | 1 | R\$ 7,50 |
| 43 abobora d'gua (500g) | UPC Agroecologico Cantin | 5,00 | 1 | R\$ 5,00 |
| 56 Jiló Verde Claro (- amargo) 250g | UPC do Mario Tingua | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 59 Couve Manteiga | UPC do Mario Tingua | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 61 Quisno 500g | UPC do Mario Tingua | 6,00 | 1 | R\$ 6,00 |
| 113 Cenoura (500gr) | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 114 Alface | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 115 Cheiro Verde | UPC do Jorginho | 2,20 | 1 | R\$ 2,20 |
| 116 Agrião | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 118 Espinafre | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| TOTAL | | | | R\$ 60,70 |

pg
69,70

| Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã. | | | | |
|---|---------------------------|-------|---------------------|-----------|
| NOME: Luciano Monteiro | | | | |
| Telefone: | | | | |
| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
| 111 Queijo 1kg | UPC Horizonte esquecido | 22,00 | 1 | R\$ 22,00 |
| 141 Manga 6 Unidade | UPC Andorinha (seu Jadir) | 10,00 | 1 | R\$ 10,00 |
| TOTAL | | | | R\$ 32,00 |

23,00
OK
Falta pagar

Figura 6: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal)

Lima 2,00
espinafre 2,50
batata 2,50

Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã.

NOME: Bill
Telefone:

| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
|------------------------------------|---------------------------|-------|---------------------|------------------|
| 9) Pepino japonês (500g) | UPC Hayashy (Silvio de T | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| 12) Goma de Tapioca - 500g | Familia Seus Elias Dona E | 8,00 | 1 | R\$ 8,00 |
| 17) Mel (450ml) | UPC Seu Samuel | 20,00 | 1 | R\$ 20,00 |
| 26) Ovos Caipira (1duzia) | Seu Altamir | 12,00 | 1 | R\$ 12,00 |
| 35) Banana variedade Prata (duzia) | UPC Agroecologico Carlin | 7,50 | 1 | R\$ 7,50 |
| 112) Algem descascado e congelado | UPC Thiago Armond | 7,50 | 1 | R\$ 7,50 |
| 113) Cenoura (500gr) | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 114) Alfaca | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 149) Farinha de mandioca 250G | MPA-ES | 6,00 | 1 | R\$ 6,00 |
| 152) Arroz Branco | MPA-ES | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| TOTAL | | | | R\$ 80,00 |
| Batata doce | | 2,5 | | 82,50 |

- 9,00
- 9,00
- 2,50

Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã.

NOME: Marília Barbosa
Telefone: 992923339

| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
|--|---------------------------|-------|---------------------|------------------|
| 14) Doce de Jaca | Familia Seus Elias Dona E | 4,50 | 1 | R\$ 4,50 |
| 16) Queijo branco (400g) | Cleber | 10,00 | 1 | R\$ 10,00 |
| 31) Gelatina de gelatina | UPC dona Maria (Japones | 11,00 | 1 | R\$ 11,00 |
| 57) Pimenta de Cheiro In Natura (200g) | UPC do Mario Tingua | 5,00 | 1 | R\$ 5,00 |
| 70) Compota de Abobora com coco 300g | UPC Nossa Senhora da C | 15,00 | 1 | R\$ 15,00 |
| 113) Cenoura (500gr) | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 114) Alfaca | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 118) Espinafre | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| TOTAL | | | | R\$ 53,00 |

- 4,50
- 10,00
- 4,00
+ 22,00

Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã.

NOME: Jaqueline Germano
Telefone:

| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
|--------------------------|---------------------------|-------|---------------------|------------------|
| 5) Salsa | UPC Cantinho da Felicidad | 2,20 | 1 | R\$ 2,20 |
| 13) Pão de Açúcar | Familia Seus Elias Dona E | 5,50 | 1 | R\$ 5,50 |
| 14) Doce de leite | Familia Seus Elias Dona E | 4,50 | 1 | R\$ 4,50 |
| 29) Goiabada (Fruta) 1kg | UPC dona Maria (Japones | 4,50 | 1 | R\$ 4,50 |
| 100) Tainha | UPC Água Azul (Denise) | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 107) Abacaxi Grande | UPC Água Azul (Denise) | 6,00 | 1 | R\$ 6,00 |
| 113) Cenoura (500gr) | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 114) Alfaca | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 116) Aquilão | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 141) Manga 6 Unidade | UPC Andorinha (seu Jadir | 10,00 | 1 | R\$ 10,00 |
| TOTAL | | | | R\$ 42,70 |

- 4,50
5,80
3,5
29,50

$6 - 10,00$
 $4 - 2$
 $x = \frac{10}{6} = 6,50$

Figura 7: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal)

Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã.

NOME: **Braznê**
Telefone:

| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
|--|---------------------------|-------|---------------------|------------------|
| 12 Doce de leite - 500g | Família Seus Elias Dona E | 8,00 | 1 | R\$ 8,00 |
| 25 Linguiça semi defumada 1KG (caseiro) | Luciano | 21,00 | 1 | R\$ 21,00 |
| 26 Linguiça semi defumada 500G (caseiro) | Luciano | 12,50 | 1 | R\$ 12,50 |
| 34 Requeijão Natural Citronela 100 ml | UPC Agroecológico Cantin | 7,00 | 2 | R\$ 14,00 |
| 106 Lima pacote 500g descascada | UPC Água Azul (Denise) | 3,20 | 1 | R\$ 3,20 |
| 105 Requeijão 500g latuleta de 10g | MPA Bahia | 10,00 | 1 | R\$ 10,00 |
| TOTAL | | | | R\$ 68,70 |

falta pagar

60,70

*36 meses
4
= 12
6*

18

Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã.

NOME: **Maria Eliza**
Telefone:

| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
|--|---------------------------|-------|---------------------|-------------------|
| 8 Pipino Japonês (500g) | UPC Hayashy (Silvio de T) | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| 10 Palmitei conserva (sem conservante) | UPC Hayashy (Silvio de T) | 18,00 | 1 | R\$ 18,00 |
| 17 Mel (450ml) | UPC Seu Samuel | 20,00 | 1 | R\$ 20,00 |
| 28 Ovos Capira (1duzia) | Seu Altamir | 12,00 | 1 | R\$ 12,00 |
| 32 Lacônia congelada para suco 1 kg | UPC dona Maria (Japones) | 10,00 | 2 | R\$ 20,00 |
| 35 Banana variedade Prata (duzia) | UPC Agroecológico Cantin | 7,50 | 1 | R\$ 7,50 |
| 43 Labadora d'água (500g) | UPC Agroecológico Cantin | 5,00 | 1 | R\$ 5,00 |
| 54 Requeijão Natural Citronela 100 ml | UPC Agroecológico Cantin | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| 61 Queijo 500g | UPC do Mario Tingua | 6,00 | 1 | R\$ 6,00 |
| 62 Queijo branco 750g | UPC Porto Iguassu (Alan) | 18,00 | 1 | R\$ 18,00 |
| 100 Tapioca | UPC Água Azul (Denise) | 2,50 | 2 | R\$ 5,00 |
| 107 Abacaxi Grande | UPC Água Azul (Denise) | 6,00 | 1 | R\$ 6,00 |
| 112 Agem descascado e congelado | UPC Thiago Armond | 7,50 | 2 | R\$ 15,00 |
| 114 Alface | UPC do Jorginho | 2,50 | 2 | R\$ 5,00 |
| 115 Cheiro Verde | UPC do Jorginho | 2,20 | 1 | R\$ 2,20 |
| 116 Açúcar | UPC do Jorginho | 2,50 | 1 | R\$ 2,50 |
| 150 Café arábica 250G | MPA-ES | 6,50 | 1 | R\$ 6,50 |
| 152 Amor Branco | MPA-ES | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| 153 Feijão Vermelho | MPA-ES | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| 156 Bolsas de pão do I Congresso MPA | MPA Brasil | 5,00 | 1 | R\$ 5,00 |
| TOTAL | | | | R\$ 181,70 |

179,70

161,70

20

Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã.

NOME: **Claudia Porto**
Telefone: 998544390

| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
|-------------------------------------|---------------------------|-------|---------------------|-------------------|
| 12 Bolo de Agem | Família Seus Elias Dona E | 5,50 | 1 | R\$ 5,50 |
| 30 Doce de Goiabada caseiro | UPC dona Maria (Japones) | 11,00 | 1 | R\$ 11,00 |
| 32 Lacônia congelada para suco 1 kg | UPC dona Maria (Japones) | 10,00 | 1 | R\$ 10,00 |
| 44 Lima pacote (massa duzia) | UPC Agroecológico Cantin | 4,00 | 12 | R\$ 48,00 |
| 50 Farinha de milho 1kg | UPC Racho do João do B | 37,00 | 1 | R\$ 37,00 |
| 93 Cebola 1kg | UPC Racho do João do B | 27,00 | 1 | R\$ 27,00 |
| 105 Requeijão 500g latuleta de 10g | MPA Bahia | 10,00 | 1 | R\$ 10,00 |
| TOTAL | | | | R\$ 148,50 |

5,50

145,00

145,00

Figura 8: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal)

Cesta Camponesa de Alimentos Saudáveis - Entrega 5/dez, sábado no Maracanã.

NOME: **Ricardo Doria**
Telefone:

| Alimento | Unidade de Prod Camponesa | R\$ | Quantidade Desejada | TOTAL |
|---|---------------------------|-------|---------------------|------------------|
| | UPC Seu Samuel | 20,00 | 1 | R\$ 20,00 |
| 17 Mel (450ml) | UPC dona Maria (Japones) | 4,50 | 1 | R\$ 4,50 |
| 29 Goiabá (Fruta) 1kg | UPC Agroecológico Cantin | 5,50 | 1 | R\$ 5,50 |
| 42 Bolo de aipim Rustico | UPC do Mario Tingua | 5,00 | 1 | R\$ 5,00 |
| 57 Pimenta de Cheiro In Natura (200g) | UPC do Mario Tingua | 5,00 | 1 | R\$ 5,00 |
| 58 Pimenta In Natura pequena, (muito f | UPC Água Azul (Denise) | 6,00 | 1 | R\$ 6,00 |
| 107 Abacaxi Grande | UPC Água Azul (Denise) | 5,00 | 1 | R\$ 5,00 |
| 119 Folha de Anis 150g (chá) | UPC Andorinha (seu Jadir) | 5,00 | 1 | R\$ 5,00 |
| 121 Folha Cidreira 150 (chá) | UPC Andorinha (seu Jadir) | 5,00 | 1 | R\$ 5,00 |
| 147 Pimenta do reino grãos | MPA-ES | 3,00 | 1 | R\$ 3,00 |
| 153 Feijão Vermelho | MPA-ES | 7,00 | 1 | R\$ 7,00 |
| TOTAL | | | | R\$ 66,00 |

5,50

60,50

falta pagar

Figura 9: Impressão dos Pedidos feitos, organizados no Excel, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal)

| Daniel - 516 | | Piero 618 | |
|--------------|--------------------|---------------------|--------------|
| Pepino | 7,00 | Café | 11,00 |
| Alface | 2,50 | Farinha de mandioca | 6,00 |
| quiabo | 4,50 | cachaça 275ml | 15,00 |
| Aipim | 5,00 | salsa | 2,20 |
| | <u>19,00</u> pag | aquele | 2,50 |
| | | aipim | 5,00 |
| | | pimenta | 2,00 |
| | | | <u>43,70</u> |
| | | | pag |
| Joane - 505 | | Marcio 711 | |
| quiabo | 4,50 | Pimenta | 3,00 |
| cenoura | 2,50 | | <u>2,00</u> |
| Alface | 2,50 | | pag |
| couve | 2,50 | | |
| | <u>(12)</u> | | |
| Limão | 4,00 | | |
| | <u>(16,00)</u> pag | | |

Figura 10: Anotações de vendas feitas sem pedido prévio, novembro/2015 (Fonte: arquivo pessoal)

3ª fase: Redefinição e aperfeiçoamento

Neste momento, de acordo com Peruzzo (2016), há a revisão dos procedimentos metodológicos para sua adequação às condições encontradas na situação real. Os procedimentos e as técnicas, ao mesmo tempo em que implicam rigor na sua aplicação devem ser flexibilizados e aperfeiçoados como parte das descobertas feitas no curso da pesquisa. Segue abaixo o relato desta fase da pesquisa exploratória.

Em 2016, no dia 22 de janeiro, participei de uma reunião de planejamento, que tinha como principal objetivo reorganizar a cesta camponesa para aquele ano. Estavam presentes Beto, Ramon, Andrew, Erica, uma pessoa que não recordo o nome e o Fernando, convidado especialmente para colaborar com a logística, entendida como gargalo do MPA naquele momento. Abaixo, fotos das minhas anotações.

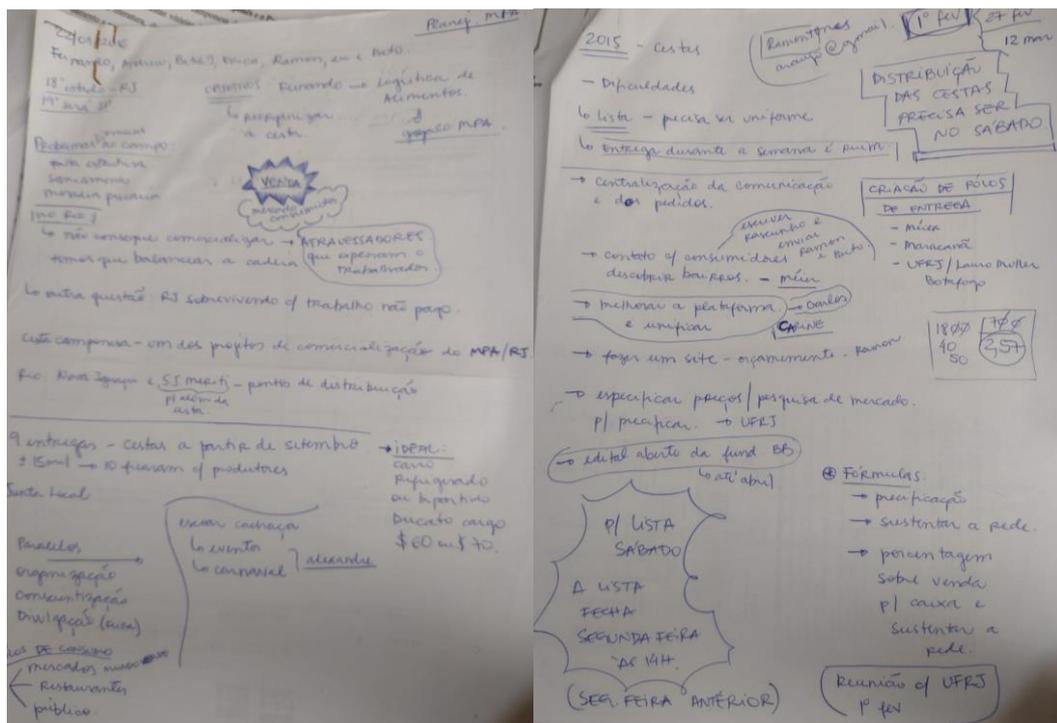


Figura 11: Anotações da reunião feita em janeiro/2016 (Fonte: arquivo pessoal)

Foram colocadas as principais dificuldades e aprendizados em relação à Cesta. Uma das principais definições desse encontro era a melhoria da plataforma e criação do site para a Cesta, em que fiquei como uma das responsáveis. Na semana seguinte, dia 29 de janeiro, nos encontramos e montamos o site na plataforma wix.com. Pensamos a estrutura do site, o código dos produtores, as categorias dos produtos e começamos a colocar o site no ar.

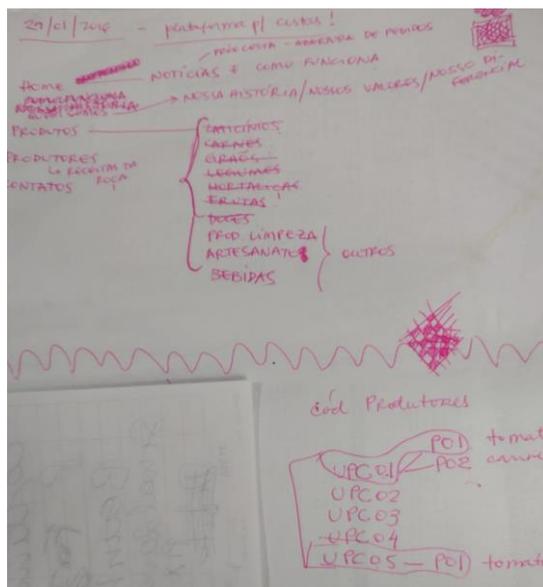


Figura 12: Anotações da reunião para construção do site feita em janeiro/2016 (Fonte: arquivo pessoal)

No dia 11 de março, participei de mais uma reunião e fiquei responsável pela relatoria. Essa reunião especificamente não compartilho imagem por ter muitos detalhes da organização interna do MPA e sua articulações. Lembro que cantamos o hino do MPA e recebi documentos sobre sua organicidade, além do Plano e o Programa Camponês. As Cestas, a essa altura, ainda não haviam retomado suas atividades e havia um planejamento para fazer duas entregas no mês de abril. Saí com a responsabilidade de colocar as fotos dos produtos no site.

Após esse encontro, percebi que um houve um afastamento meu do movimento. As atividades da Cesta esfriaram e politicamente o MPA estava envolvido em Brasília com as repercussões da abertura do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Posteriormente, soube que a mobilização com as famílias camponesas prosseguiu e em 2017, a rede de famílias no Estado do Rio de Janeiro chegou a 74, tendo maior concentração nos municípios do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e Teresópolis e Friburgo, com 22, 14 e 13 famílias respectivamente. As entregas quinzenais das cestas estavam sendo feitas em 9 núcleos de distribuição, nos bairros de Copacabana, Botafogo, Catete, Lapa, Santa Teresa, Estácio, Tijuca, Grajaú e Niterói. Foi em maio deste ano que foi criado o espaço em Santa Teresa, objeto da presente pesquisa intitulado *Raízes do Brasil*.

Em fevereiro de 2018, Beto entrou novamente em contato comigo e me solicitou apoio para esclarecer os custos das iniciativas e colaborar na consolidação de dados, sistematização da operação e organização financeira do espaço. Fui conhecer o *Raízes do Brasil* e entender a problemática que estavam enfrentando, como uma nova espiral das fases aqui relatadas. Abaixo, a síntese de nossa reunião, com objetivos e metas claros:

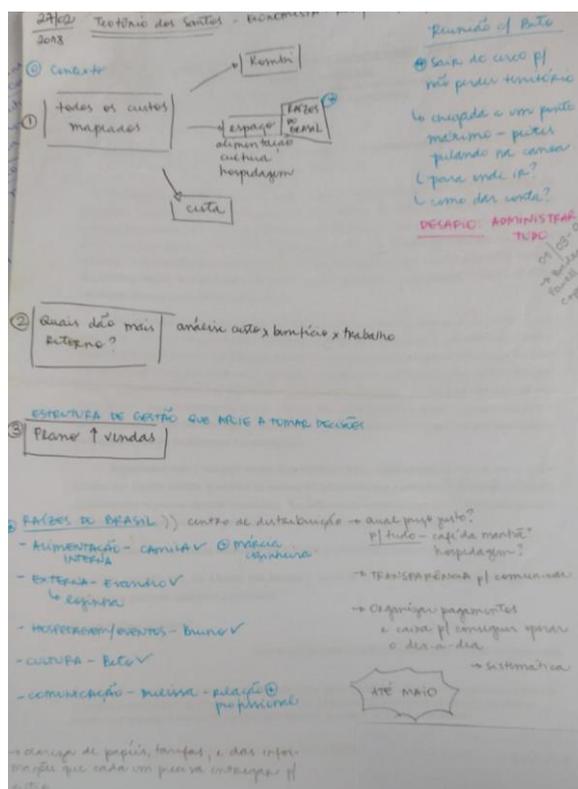


Figura 13: Anotações da reunião no Raízes do Brasil em fevereiro/2018 (Fonte: arquivo pessoal)

Os desafios agora eram mais diretos: gerir uma cozinha, atender o público diretamente, fazer controle de estoque e de pedidos de compras para não haver desabastecimento, fazer todos os pagamentos, manter o espaço limpo, enfim, um espaço com um nível complexo de operação e uma série de atividades que os camponeses estavam aprendendo na prática, no empirismo. Por outro lado, o grupo estava maior e cada um tinha uma frente sob sua responsabilidade. Camila era responsável pela alimentação e Márcia, como cozinheira, a apoiava; Evandro era responsável pela lojinha e pelo transporte; Bruno estava à frente da hospedagem e dos eventos; Beto à frente da cultura e Melissa cuidava da comunicação.

Havia necessidade de entender os custos para poder fazer uma boa precificação, entender quais frentes davam mais retorno e deveriam ser estimuladas e quais precisariam de ajustes. O maior desafio era administrar tudo. Como objetivos, colocamos:

- (1) Mapear todos os custos – da Kombi que fazia todo o transporte, do *Raízes do Brasil* e sua operação com alimentação, cultura e hospedagem e por fim, da Cesta Camponesa;
- (2) Quais dessas operações dão mais retorno? Uma análise de custo x benefícios x trabalho dispendido para operar;
- (3) Um plano de aumento das vendas, apoiado por uma estrutura de gestão que ajude a tomar as decisões.

Dentro do *Raízes do Brasil* foi identificada a necessidade de organizar os pagamentos e o caixa para operação no dia-a-dia e a revisão dos preços dos produtos e serviços de café da manhã e hospedagem. O custo de manutenção era muito alto e havia a necessidade de chegar a um equilíbrio.

Montado o plano, semanalmente passava o dia no espaço para trabalhar junto com o grupo e trabalhar nos objetivos estabelecidos.

4ª fase: Realização plena

Esta fase traz o trabalho de campo realizado, com a continuidade das atividades, reuniões, mobilização, documentos, incluindo-se a coleta e sistematização das informações (Peruzzo, 2016).

Esse foi um período de trabalho intenso: organizamos estoque, entendemos como as contas a pagar e a receber eram registradas, iniciamos uma organização coletiva do caixa para ser possível mapear os custos. Foi possível elaborar alguns dados quantitativos, que trago a seguir, tais como a quantidade de cafés da manhã e almoços servidos aos sábados, durante um mês:

Tabela 1: Refeições servidas de 03 de março a 07 de abril de 2018

| 03 de março de 2018 | | 10 de março de 2018 | | 17 de março de 2018 | |
|---------------------|----|---------------------|----|---------------------|----|
| Café da manhã | 71 | Café da manhã | 37 | Café da manhã | 37 |
| Almoço | 34 | Almoço | 61 | Almoço | 22 |
| Jantar | 34 | Jantar | - | Jantar | - |
| 24 de março de 2018 | | 31 de março de 2018 | | 07 de abril de 2018 | |
| Café da manhã | 31 | Café da manhã | 33 | Café da manhã | 43 |
| Almoço | 72 | Almoço | 18 | Almoço | 70 |

Fonte: própria

Como coloca Neto (1994), “para além dos dados acumulados, o processo de campo nos leva à reformulação dos caminhos de pesquisa, através da descoberta de novas pistas”. O que mais me desafiou naquele momento foi pensar uma gestão de fluxo de caixa inusitada no campo da administração. O caixa do *Raízes do Brasil* era único, e praticamente todos os participantes tinham acesso a ele e faziam movimentações para manter a atividade. Foi um desafio trazer a consciência e construir o hábito de registrar de todas as movimentações. Mapear e identificar os gargalos financeiros era fundamental para se pensar a sustentabilidade da iniciativa e assim fizemos, fazendo uso de um grupo de whatsapp.

Importante relatar que, durante todo esse período, em todos os momentos em que me envolvi em alguma atividade foi a partir do pedido do grupo. Eles apresentavam questões identificadas por eles mesmos e solicitavam apoio na construção da solução. Ou seja, é possível perceber que esses atores sociais já se portavam como pesquisadores do seu modo de viver e saber tradicional e pela vontade social do grupo se articulavam (Freire, 1983) buscando saberes que estavam fora de seu domínio para, através do diálogo e aprendizado mútuo (Santos, 2007), transformarem a situação em que se encontravam.

Assim, a presente pesquisa e sua abordagem utilizada nas incursões em campo, em que a partir das necessidades percebidas foram construídas soluções de forma dialógica e colaborativa e com a Ecologia de Saberes (Santos, 2007) pode ser entendida como uma pesquisa

qualitativa, com revisão bibliográfica, observação participante e diário de campo. Isso se deve ao fato de a abordagem qualitativa investigar os significados das ações e relações humanas. Os dados quantitativos, por sua vez, trazem uma perspectiva complementar (Minayo, 1994) e serão utilizados nessa pesquisa para construir o pano de fundo da ação micropolítica do *Raízes do Brasil*, conhecer a realidade psicossocial da iniciativa e do público que frequenta e apoia suas frentes e suas razões.

5ª fase: Apresentação dos resultados parciais ao grupo

Com acesso a todas as informações e trabalhando em conjunto com Bruno, que fazia o registro nas planilhas dos valores financeiros de entrada e saída, pude elaborar uma estimativa de custos de operação (mensal, semanal e diária) do espaço *Raízes do Brasil* e do carro, a Kombi utilizada para transporte e outros custos que acabavam não sendo contabilizados.

Foi possível também fazer um levantamento das entradas, chegando a uma conclusão do retorno financeiro que cada iniciativa trazia semanalmente (feiras locais, Cesta Camponesa, Café da manhã e almoço nos sábados no *Raízes do Brasil*, lojinha e feira no *Raízes do Brasil*, e outros eventos pontuais dos quais participavam).

Por fim, foi possível descobrir quais iniciativas davam mais retorno financeiro, contrabalanceando os custos estimados para cada uma e suas entradas. Aqui ficou evidente como as feiras livres de modo geral traziam baixo retorno, mesmo sendo estrategicamente relevantes para a ocupação de espaços, levando a discussão a mais locais sobre a importância de alimentos cultivados sem agrotóxicos. Entendi com o grupo a importância de se costurar a aliança campo-cidade, colocando lado a lado trabalhadores do campo e trabalhadores da cidade. O lado financeiro é mais um aspecto, mas não o que determina as ações do movimento. Uma das feiras era bastante forte, não por acaso, a mais antiga. Existe, portanto, um trabalho de desenvolvimento de relações com cada local, que é específico e leva tempo.

Por outro lado, o evento pontual do qual fizeram parte foi responsável por um ótimo retorno, o que pode ser sinalizado para o grupo, que atento poderia investir na participação nessa modalidade de eventos. A Cesta Camponesa também sobressaiu como uma ótima frente estruturada para o movimento.

Abaixo coloco algumas planilhas de consolidação para ilustração, preservando as informações financeiras:

| | | | | |
|----|-------------------------------|-------|--|--|
| 72 | | | | |
| 73 | Cesta Camponesa | | | |
| 74 | | 10/03 | | |
| 75 | Vendas Dinheiro | | | |
| 76 | Vendas Maquininha | | | |
| 77 | Vendas Banco | | | |
| 78 | TOTAL | | | |
| 79 | | | | |
| 80 | Pagto aos agricultores | | | |
| 81 | Custo kombi (120km) | | | |
| 82 | Custos Maquininha | | | |
| 83 | Ajuda de custo | | | |
| 84 | Custos comida | | | |
| 85 | TOTAL | | | |
| 86 | | | | |
| 87 | | | | |
| 88 | | | | |

Figura 14: Consolidação financeira Cesta Camponesa de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal)

| | | | | | |
|----|---|-------|-------|--|--|
| 59 | | | | | |
| 60 | Feira FIOCRUZ - quintas quinzenalmente | | | | |
| 61 | | 12/03 | 22/03 | | |
| 62 | Vendas Dinheiro | | | | |
| 63 | Vendas Maquininha | | | | |
| 64 | TOTAL | | | | |
| 65 | | | | | |
| 66 | Custo kombi (28km) | | | | |
| 67 | Custos Maquininha | | | | |
| 68 | Ajuda de custo | | | | |
| 69 | Custos comida | | | | |
| 70 | TOTAL | | | | |
| 71 | | | | | |
| 72 | | | | | |

Figura 15: Consolidação financeira Feira Fiocruz de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal)

| | | | | | | | |
|----|---------------------------------|---------|-------|-------|-------|-------|--|
| 45 | | | | | | | |
| 46 | Feira Botafogo - sábados | | | | | | |
| 47 | | 03/03 | 10/03 | 17/03 | 24/03 | 31/03 | |
| 48 | Vendas Dinheiro | | | | | | |
| 49 | Vendas Maquininha | | | | | | |
| 50 | TOTAL | R\$0,00 | | | | | |
| 51 | | | | | | | |
| 52 | Pagto aos agricultores | | | | | | |
| 53 | Custo kombi (16km) | | | | | | |
| 54 | Custos Maquininha | | | | | | |
| 55 | Ajuda de custo | | | | | | |
| 56 | Custos comida | | | | | | |
| 57 | TOTAL Saídas | | | | | | |
| 58 | | | | | | | |

Figura 16: Consolidação financeira Feira Botafogo de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal)

| | | | | | | | |
|----|-----------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 32 | | | | | | | |
| 33 | Feira ILHA - sábados | | | | | | |
| 34 | | 03/03 | 10/03 | 17/03 | 20/03 | 24/03 | 31/03 |
| 35 | Vendas Dinheiro | R\$ | | | | | |
| 36 | Vendas Maquininha | | | | | | |
| 37 | TOTAL | | | | | | |
| 38 | | | | | | | |
| 39 | Custo kombi (43km) | | | | | | |
| 40 | Custos Maquininha | | | | | | |
| 41 | Ajuda de custo | | | | | | |
| 42 | Custos comida | | | | | | |
| 43 | TOTAL Saídas | | | | | | |
| 44 | | | | | | | |

Figura 17: Consolidação financeira Feira Ilha do Governador de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal)

| | | | | | | | |
|----|-------------------------------|-----|-------|-------|-------|-------|----|
| 18 | | | | | | | |
| 19 | Feira AMAL - quartas | | | | | | |
| 20 | | | 07/03 | 14/03 | 21/03 | 28/03 | |
| 21 | Vendas Dinheiro | R\$ | | | | | 00 |
| 22 | Vendas Maquininha | | | | | | |
| 23 | TOTAL | | | | | | |
| 24 | | | | | | | |
| 25 | Pagto aos agricultores | | | | | | |
| 26 | Custo kombi (220km) | R\$ | | | | | |
| 27 | Custos Maquininha | | | | | | |
| 28 | Ajuda de custo | | | | | | |
| 29 | Custos comida | | | | | | |
| 30 | TOTAL Saídas | | | | | | |
| 31 | | | | | | | |

Figura 18: Consolidação financeira Feira Associação dos Moradores de Laranjeiras -AMAL de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal)

| | | | | | |
|----|--------------------------|--------------|--------------|--------------|--|
| 1 | | | | | |
| 2 | Evento UFRJ | | | | |
| 3 | | 26/03 | 27/03 | 28/03 | |
| 4 | Vendas Dinheiro | R\$ 1.000,00 | R\$ 1.000,00 | R\$ 1.000,00 | |
| 5 | Vendas Maquininha | | | | |
| 6 | TOTAL Entradas | | | | |
| 7 | | | | | |
| 8 | Custos comida | | | | |
| 9 | Custos preparo | | | | |
| 10 | Custos de taxi | | | | |
| 11 | Custos kombi (12km/24km) | | | | |
| 12 | Custos Maquininha | | | | |
| 13 | Ajuda de custo | | | | |
| 14 | TOTAL Saídas | | | | |
| 15 | | | | | |

Figura 19: Consolidação financeira Evento UFRJ de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal)

| | I | J | K |
|------------------------------|---|-------|--------------------|
| Custos kombi | | | |
| Distância percorrida(km)/ano | | 24000 | |
| Distância percorrida(km)/mês | | 8000 | |
| Km/L | | | |
| Custo combustível/km | | | |
| IPVA + Seguro/ano | | | |
| IPVA + Seguro/mês | | | |
| IPVA + Seguro/km | | | |
| Custo Kombi/km | | | Custo kombi |
| Distância percorrida (km) | | | |

Figura 20: Consolidação financeira Custos da kombi de março/2018 (Fonte: arquivo pessoal)

6ª fase: Conclusão

O estudo feito em colaboração com a equipe do *Raízes do Brasil* trouxe informações relevantes sobre as atividades desenvolvidas, além de novos conhecimentos para todos os envolvidos, possibilitando desenvolver estratégias para fortalecimento do MPA na cidade do Rio de Janeiro. Após essa vivência, decidi procurar linhas de pesquisa para desenvolver esse estudo na academia, sendo aceita no EICOS/UFRJ.

Tendo em vista todo o conteúdo colhido no precedente trabalho de campo, foi possível vislumbrar a possibilidade da junção dos elementos teóricos trazidos nessa dissertação com os inúmeros aspectos que se materializaram quando da percepção do desenvolvimento das atividades do MPA.

De fato, toda a articulação vivida junto ao grupo para encontrar caminhos para escoar a produção dos alimentos produzidos pelos camponeses teve um sentido muito maior do que o almejado aumento de vendas. O desejo de construir o mundo, de instaurar dispositivos, de criar alternativas mais solidárias e mais justas frente ao CMI, estiveram presentes em todos os momentos.

O modo de se relacionar, partindo do pressuposto da confiança, da solidariedade e da luta contra as opressões não é mero discurso. Pude vivenciar distintas ocasiões em que me surpreendi com a práxis deste coletivo: há empenho efetivo, demonstrado em pequenas atitudes e ações, que sustentam a ecossociedade trazida por Guattari (1990). O coletivo em suas interações é fonte de prática de uma ecologia social e mental, e sua atividade fim trabalha para uma ecologia ambiental. Podemos, portanto, apontar sua micropolítica de resistência frente aos avanços do Capitalismo Rizomático.

A seguir a pesquisa segue para sua segunda etapa, constituída de uma análise de natureza distinta, qual seja a análise semiótica.

5.2 Análise semiótica do Instagram @raizesdobrasil.rj

A partir do capítulo que traz o embasamento teórico da análise semiótica de C. S. Peirce, através da leitura de Lucia Santaella e contribuições de Muniz Sodré, as fotografias das 5 publicações veiculadas e mais curtidas no Instagram do *Raízes do Brasil* @raizesdobrasil.rj serão trazidas e analisadas em relação à forma como se configuram visualmente, com o intuito de investigar seus significados e sentidos propagados. Importante ressaltar que foram priorizadas imagens pertencentes ao paradigma fotográfico (Santaella e Nöth, 2001) ou seja, aquelas fotografadas no mundo real, sendo desconsideradas as imagens sintéticas produzidas com fundos artificiais e letras ou similares a encartes e painéis de divulgação. Foi considerado que tais imagens não contribuem de forma relevante para o intento dessa pesquisa, que é

desvelar os elementos, seus significados e respectivas camadas de sentido veiculados nas publicações.

Como já foi visto, este método de análise possibilita o entendimento dos signos e intenções compartilhadas nas mensagens em diferentes dimensões. Partindo da noção de signo, seus fundamentos e sua relação aos conceitos de ícone, índice e símbolo é possível analisar a presença de elementos semióticos específicos, a fim de compreender as camadas de sentido que compõem as imagens compartilhadas. Ainda, será possível perceber a reflexão da realidade trazida nas imagens fotográficas e se as mesmas vão no sentido de transformar ou deformar o que é refletido (Machado, 1984). Assim, ao estudar as imagens compartilhadas e seus signos, a busca de compreensão não apenas do processo sógnico, mas da própria realidade propagada pelo Instagram do *Raízes do Brasil*.

Para tanto, foi utilizada a plataforma Ingramer (2021), que compila diversos indicadores da conta de Instagram indicada, tendo originalmente sido criada como uma solução de marketing multiuso. A ferramenta, que pode ser utilizada pelo navegador, é capaz de realizar análises de qualquer conta pública, através da compilação de indicadores do perfil do Instagram indicado, entre eles: número de seguidores, postagens mais comentadas e postagens mais curtidas. Abaixo seguem as figuras da análise do perfil @raizesdobrasil.rj - coletadas no dia 02 de fevereiro de 2021:

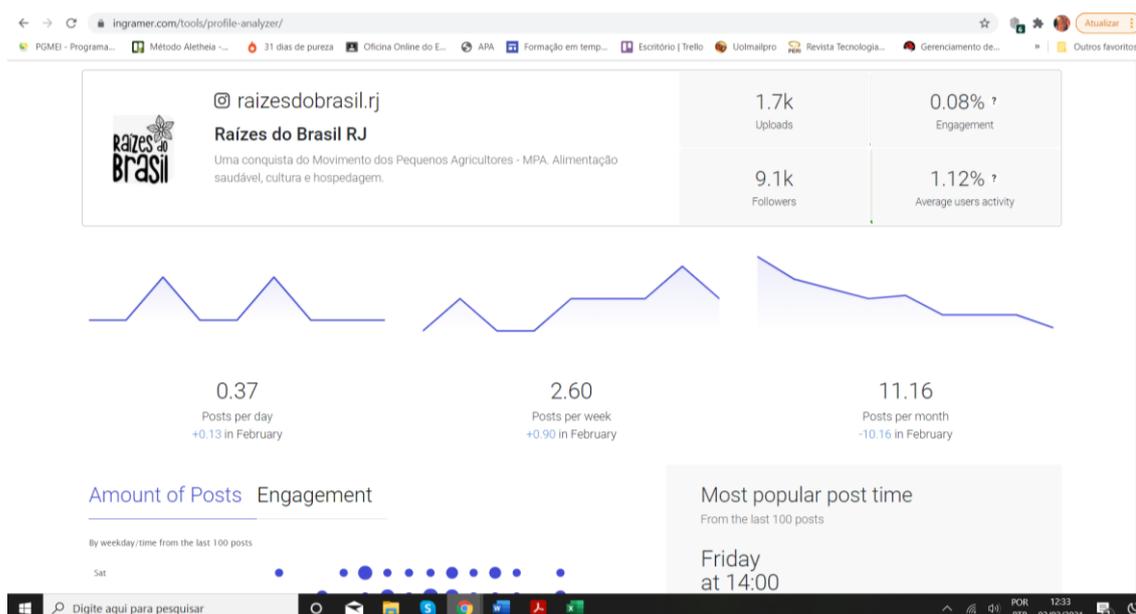


Figura 21: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria)

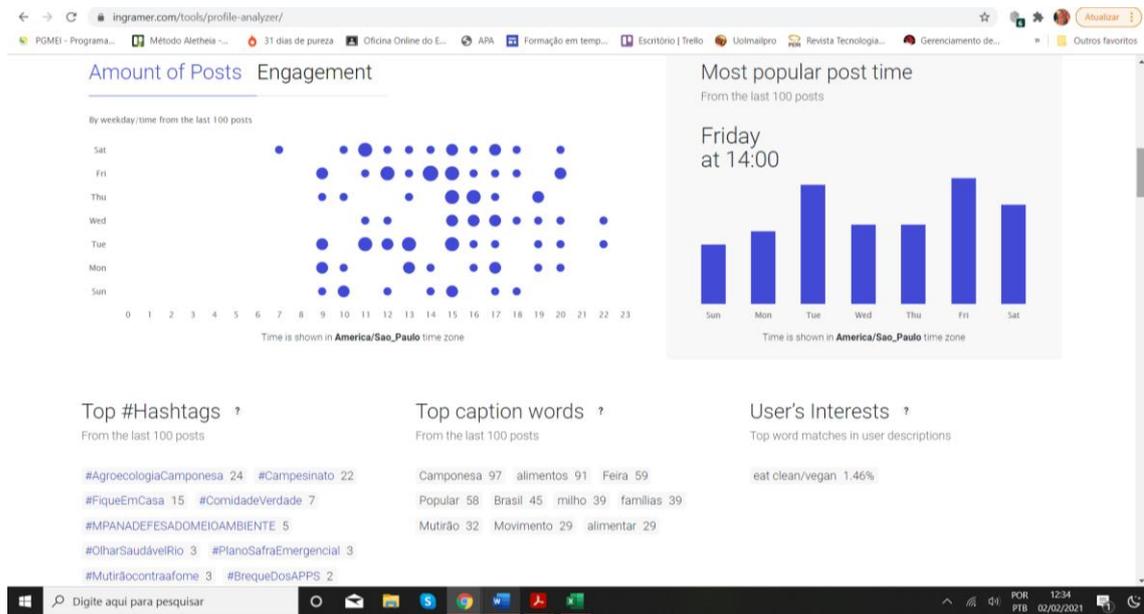


Figura 22: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria)

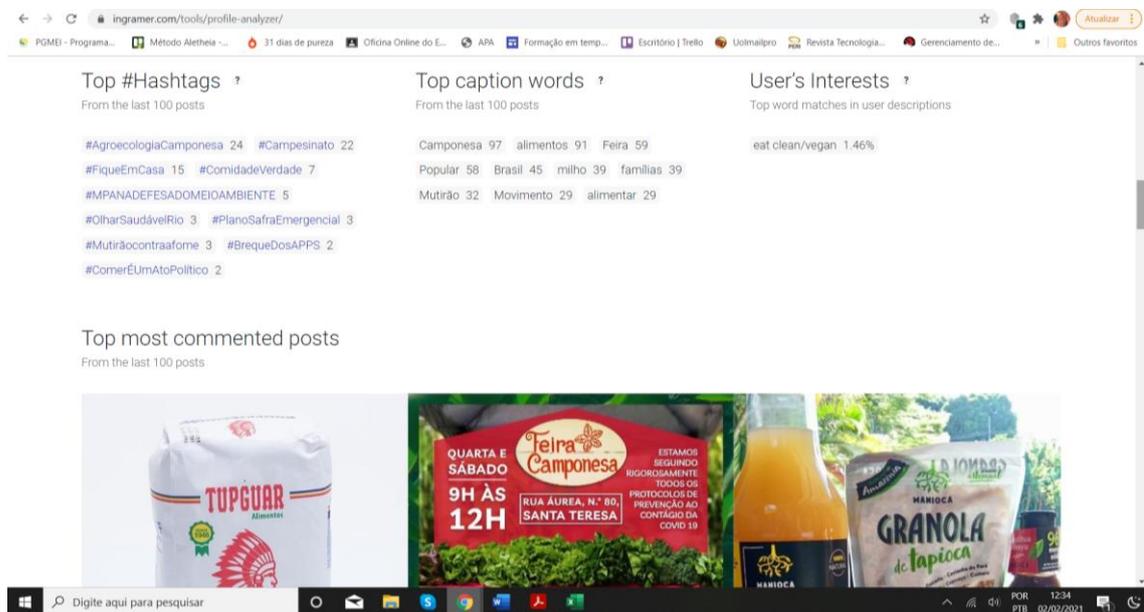


Figura 23: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria)

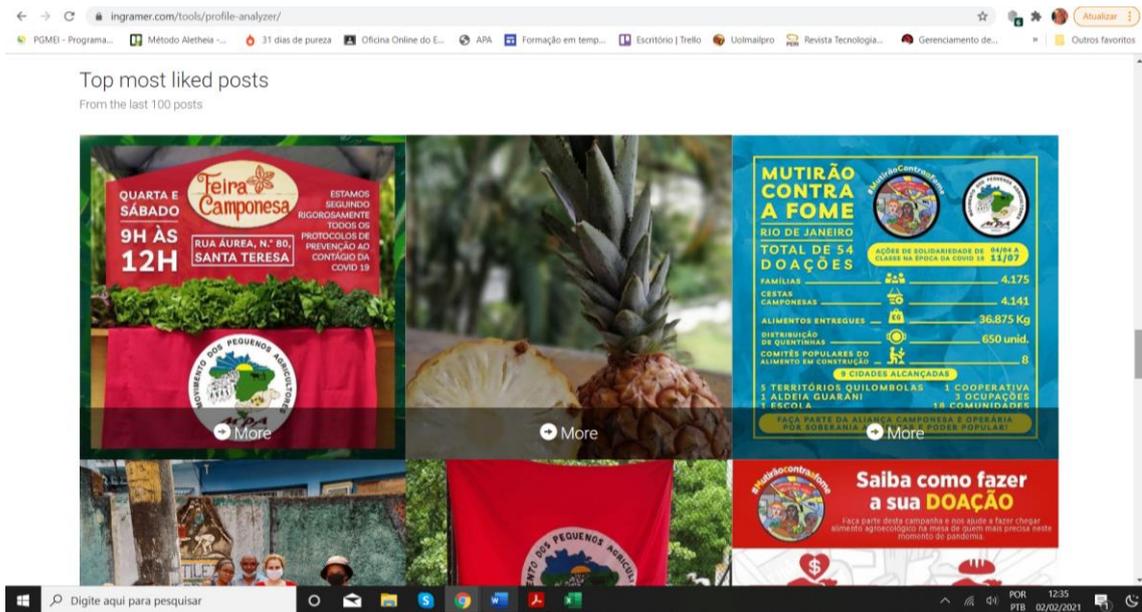


Figura 24: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria)

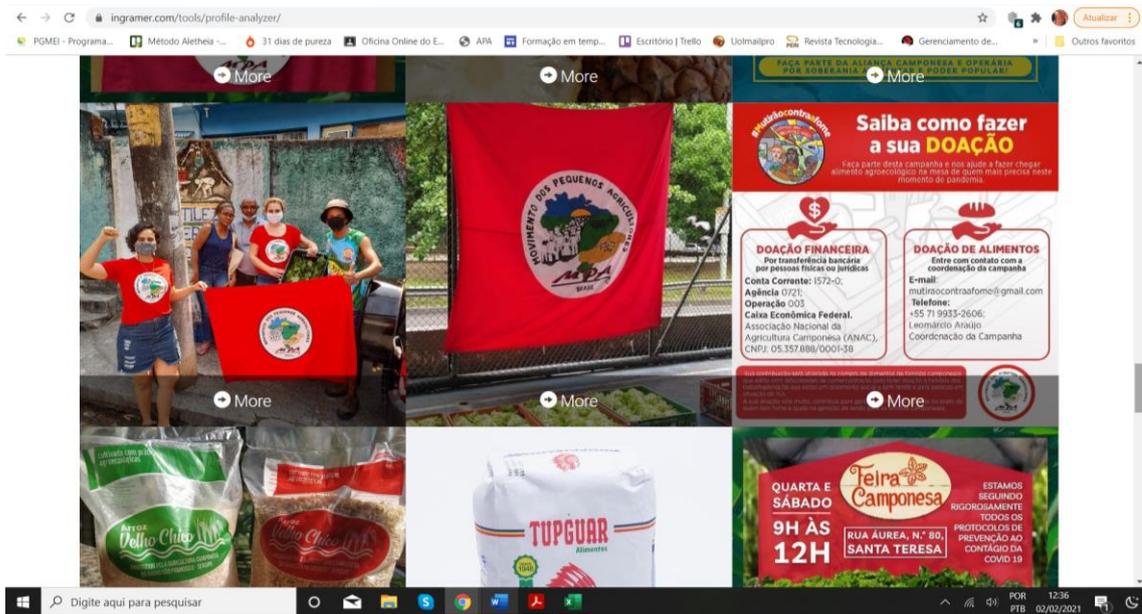


Figura 25: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria)

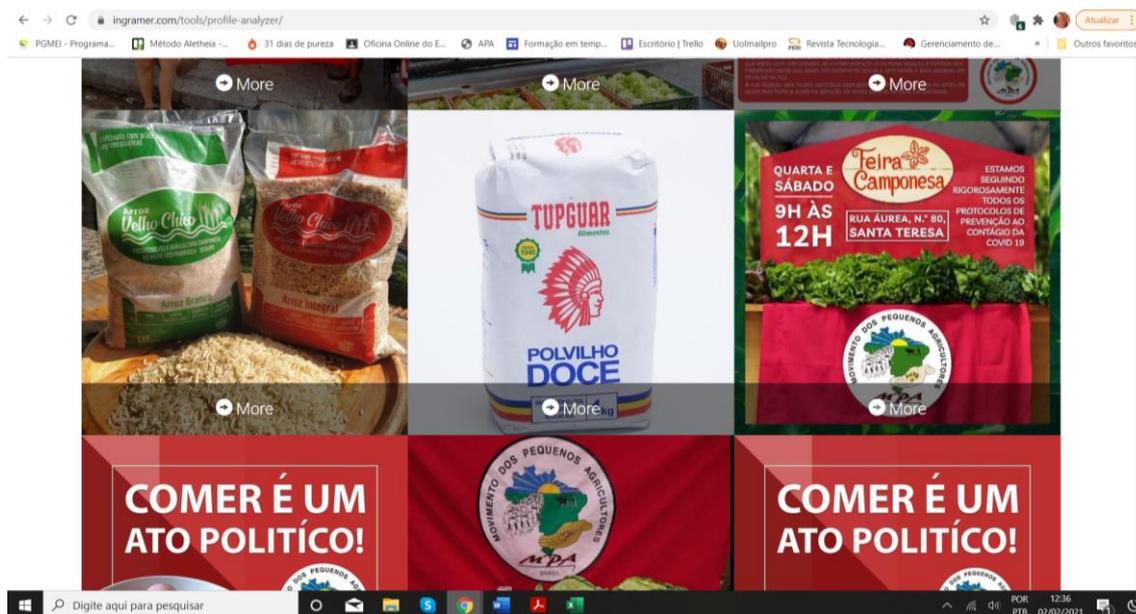
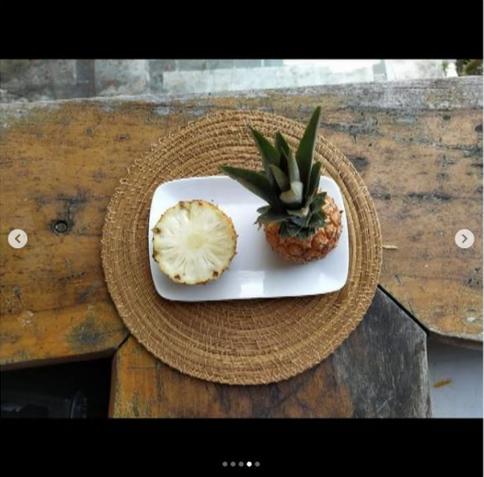


Figura 26: Página da ferramenta Ingramer com análise do perfil @raizesdobrasil.rj (Fonte: própria)

A seguir serão trazidas as fichas das imagens fotográficas das 5 publicações mais curtidas do Instagram do *Raízes do Brasil* @raizesdobrasil.rj - durante período de pandemia do ano de 2020, ou seja a partir do dia 11 de março, data do decreto oficial da Organização Mundial da Saúde de que se tratava de uma pandemia, quando mais de 120 países já haviam declarado casos de infecção, até o dia 31 de dezembro de 2020. A data da coleta dos dados foi feita no dia 02 de fevereiro de 2021. Em cada ficha é possível identificar a data da postagem, a quantidade de imagens veiculadas, a quantidade de curtidas, link para acesso direto à postagem na rede social, e texto veiculado em conjunto com as imagens. Após cada ficha, é feita a análise semiótica das imagens fotográficas com base em Peirce e suas categorias fenomenológicas: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Também são observados a noção de signo, seus fundamentos e sua relação aos conceitos de ícone, índice, símbolo para perceber a presença de elementos semióticos específicos, e assim compreender as camadas de sentido que compõem as imagens compartilhadas.

5.2.1 Postagem em 1º lugar em número de curtidas

| Data | Quantidade de comentários | Quantidade de curtidas | Tipo post |
|------------------------|---------------------------|------------------------|-----------|
| 14 de novembro de 2020 | 10 | 794 | Carrossel |

| | | | |
|---|--|--|-------------|
| | | | (4 imagens) |
| Link | | | |
| https://www.instagram.com/p/CHkrvMFpNAu/ | | | |
| Texto | | | |
| <p>🍍 Tem Abacaxi na Feira Camponesa!</p> <p>🍍 Este abacaxi é cultivado pelo Heleno, no Assentamento Boa Esperança, em Japeri - na Baixada Fluminense, por meio de práticas agroecológicas.</p> <p>📝 A Feira Camponesa acontece às quartas e aos sábados das 9 ao meio-dia. Nosso endereço é Rua Áurea 80 em Santa Teresa.</p> <p>#AgroecologiaCamponesa #Campesinato #ComidadeVerdade</p> | | | |
| Imagem (ns) | | | |
| Imagem 1: | | Imagem 2: | |
|  | |  | |
| Imagem 3: | | Imagem 4: | |
|  | |  | |

Fonte: Dados coletados pela autora no Instagram @raizesdobrasil.rj (2020)

Como aspectos da Primeiridade de Peirce, é possível perceber as qualidades das fotografias veiculadas. Na primeira imagem, há um fundo de natureza com uma mureta de cor clara desfocados, e no primeiro plano um abacaxi de aparência saudável, cortado pela metade, com seu interior levemente amarelado aparecendo e outro ao lado, aparecendo a coroa e parte superior da fruta, de aspecto bonito. Na segunda imagem, é possível observar uma quantidade razoável de abacaxis enfileirados em duas fileiras e empilhados de maneira organizada e harmônica, com as coroas voltadas para dentro em um chão de cimento. A foto está na diagonal e os abacaxis têm um aspecto de estarem maduros, frescos e saudáveis. A terceira imagem tem ao fundo a natureza e no primeiro plano, uma plantação razoavelmente grande, organizada e simétrica, com folhas pontudas. Por fim, a quarta imagem é uma foto de vista superior de uma metade de abacaxi, com seu interior aparecendo, ao lado de um abacaxi inteiro, visto de cima, pela perspectiva da coroa. Ambos estão apoiados em um prato retangular branco de porcelana, que está em cima de um aparato artesanal redondo rústico, de palha ou juta. O aparato está apoiado sobre uma mesa de madeira rústica e desgastada, com algumas áreas acidentadas. É também possível ver o chão de cimento.

Em relação à Secundidade, em decorrência da percepção do interpretante, é possível indicar que as imagens demonstram a produção de abacaxis em uma certa localidade, de modo rústico e artesanal, demonstrados em diferentes elementos imagéticos, bem como de maneira organizada e harmônica, obtendo-se um produto de qualidade. Deduz-se que a terceira imagem é da própria plantação de abacaxis.

Na Terceiridade, é possível apreender o sentido simbólico contido na mensagem. Percebemos a valorização do abacaxi em sua forma original, na plantação, como alimento in natura; e também nas edificações junto à plantação. O cenário utilizado tem características rústicas, cimento, madeira desgastada e ao mesmo tempo, há indícios de valorização estéticos, como o ângulo das fotografias, que são inusitados e a utilização de elementos como o prato de porcelana e o aparato redondo em juta ou palha. Juntamente com o texto veiculado, percebemos um caráter de personalidade e afirmação de uma realidade. Há a indicação e nomeação de quem é o agricultor, há a declaração da localidade periférica da plantação: “este abacaxi é cultivado pelo Heleno, no Assentamento Boa Esperança, em Japeri”.

É interessante notar a intenção do cuidado na produção fotográfica, seu conteúdo indicial e a afirmação do cultivo de abacaxis em Japeri pelo agricultor Heleno. Vemos o abacaxi na sua fonte, em seu formato original, sendo veiculado em uma publicidade com conteúdo

sígnico diferenciado. É possível depreender aspectos semióticos nesta postagem que vão de encontro ao conteúdo publicitário de massa característico do Capitalismo Mundial Integrado.

5.2.2 Postagem em 2º lugar em número de curtidas

| Data | Quantidade de comentários | Quantidade de curtidas | Tipo post |
|--|---------------------------|------------------------|------------|
| 20 de setembro de 2020 | 2 | 336 | Foto única |
| Link | | | |
| https://www.instagram.com/p/CFXw0nOpm80/ | | | |
| Texto | | | |
| <p>▶ Ação de Solidariedade de classe do Mutirão Contra a Fome / RJ 🌐 Ontem (19/09), 30 famílias do Morro da Formiga, comunidade localizada na Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, receberam uma variedade de hortaliças doadas pelas famílias camponesas do Vale dos Lucios (Teresópolis) em mais uma ação de solidariedade da Campanha Mutirão contra a fome do Movimento dos Pequenos Agricultores. ▶ Além de combater a fome e a insegurança alimentar, a entrega dos alimentos vai acompanhada das ideias de um projeto popular para o Brasil. Campo e cidade na construção do Poder Popular! 🗣️ Nos ajude a continuar levando comida de verdade para quem tem fome. Faça a sua doação! Quem tem fome tem pressa! Link na bio! https://www.vakinha.com.br/vaquinha/mutirao-contra-a-fome</p> | | | |
| Imagem (ns) | | | |
| Imagem 1: | | | |



Fonte: Dados coletados pela autora no Instagram @raizesdobrasil.rj (2020)

Em relação à Primeiridade, ou seja, qualidades que podem ser reconhecidas na fotografia, antes de tudo, o contraste que o vermelho da bandeira e das camisas de duas mulheres fazem com o restante da imagem é o que mais chama a atenção. O vermelho é brilhante e captura o olhar. O fundo da imagem é composto por uma parede de chapisco que possui um trecho de pintura em verde-água e outro em branco, com uma imagem e escritos que não são identificáveis. A pintura é antiga, apresentando trechos escurecidos e desbotados. No lado esquerdo da imagem, há um poste de concreto, também com aspecto envelhecido, talvez sujo e com restos de papel que foram colados e arrancados da sua superfície. O chão também é de cimento, mas apresenta um tom mais claro e uma fissura com rachaduras no meio-fio, próximo ao meio na parte inferior da foto. Um pouco mais ao fundo no lado esquerdo, é possível ver uma escada com 3 degraus de cimento em um novo trecho verde-água de parede cimentada, com partes escurecidas. Existem cinco pessoas na foto, duas estão com camisas vermelhas, como dito anteriormente, são mulheres brancas e usam máscaras, sendo que a que está à esquerda, tem o punho fechado e levantado. A outra mão, segura a bandeira. A outra mulher de camisa vermelha segura uma caixa plástica com verduras dentro. Ao seu lado esquerdo, mais atrás, estão mais duas pessoas, uma mulher negra jovem de óculos, blusa azul-marinho e sem máscara, que posa para a foto, ligeiramente voltada para o homem negro ao seu lado, que aparentemente tem mais idade, e usa uma blusa polo azul-claro com listras amarelo-claro, óculos pendurados no pescoço e máscara abaixada e presa no queixo. A quinta pessoa está mais à direita da foto, usa máscara e um chapéu de pano em tom claro, usa uma blusa com tons de azul, verde-bandeira, com uma inscrição em amarelo na frente que não é visível. Com uma de suas mãos, segura a bandeira e tem o polegar levantado.

Em relação à Secundidade, devemos observar os signos no seu aspecto existencial como parte de outro existente e sua capacidade de indicá-lo, representá-lo. A fotografia, portanto, é um registro de uma situação real, uma evidência concreta de uma realidade física, uma comunidade de baixa renda ou favela. Assim, o conteúdo indicial apreendido aponta para a existência do local com todas as suas qualidades anteriormente mencionadas, seus indivíduos e da situação.

Em relação à Terceiridade, observamos aspectos pertinentes com a atuação da lei, ou seja, a conformação do que é singular à generalidade. Podemos perceber a bandeira e as camisas vermelhas como aspecto simbólico do Movimento dos Pequenos Agricultores, bem como o punho erguido e a cor vermelha, como símbolo de enfrentamento e resistência, utilizado por diversos movimentos de esquerda ao longo da história. Simbolicamente, veicular tal imagem no Instagram, que cada vez mais tem sido alvo de críticas por valorizar aspectos mercadológicos e pasteurizados através de seu algoritmo, é relevante e ressalta o contrafluxo da imagem veiculada. Podemos inferir a micropolítica da iniciativa em demarcar a existência de comunidades e pessoas em vulnerabilidade social durante o período de pandemia na cidade do Rio de Janeiro.

5.2.3 Postagem em 3º lugar em número de curtidas

| Data | Quantidade de comentários | Quantidade de curtidas | Tipo post |
|--|---------------------------|------------------------|-----------------------|
| 16 de outubro de 2020 | 1 | 316 | Carrossel (7 imagens) |
| Link | | | |
| https://www.instagram.com/p/CGbFKj5puk8/ | | | |
| Texto | | | |
| <p>Jornada de Luta Contra a Fome e por Soberania Alimentar Hoje (16/10), em ação da Jornada de Luta Contra a Fome e por Soberania Alimentar, o MPA/RJ realizou uma ação na favela da Rocinha, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Essa ação de solidariedade foi organizada pelo Comitê Popular do Alimento (CPA) da Rocinha. Foram doados cerca de 2 toneladas de alimentos agroecológicos produzidos por famílias camponesas do Vale dos Lúcios (Teresópolis/RJ) no dia mundial da alimentação. As famílias se uniram em um bate</p> | | | |

papo sobre alimento saudável e a importância de fortalecer a relação Campo-Cidade na luta por Soberania Alimentar e Poder Popular! 📣 Nos ajude a continuar levando comida de verdade para quem tem fome. Faça a sua doação! Quem tem fome tem pressa! Link na bio!

<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/mutirao-contra-a-fome>

Imagem (ns)

Imagem 1:



Imagem 2:

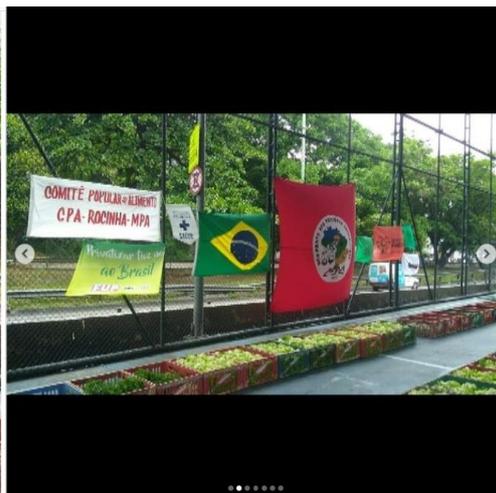


Imagem 3:

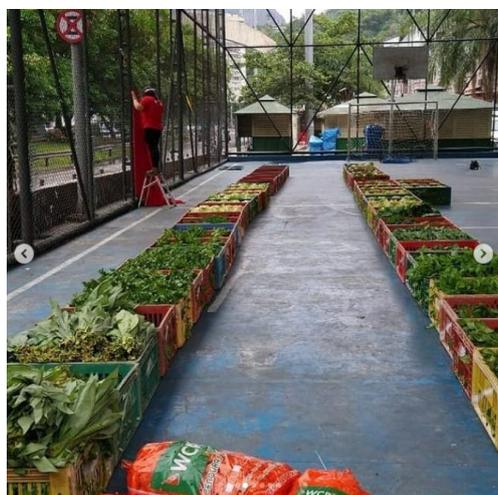


Imagem 4:



Imagem 5:



Imagem 6:



Imagem 7:



Fonte: Dados coletados pela autora no Instagram @raizesdobrasil.rj (2020)

Na primeira fotografia pode-se observar uma bandeira vermelha grande do MPA amarrada à grade de uma quadra poliesportiva, que tem seu chão azul com uma pintura que está desbotando. Ao fundo existem duas ruas, intercaladas por um canteiro gramado, folhagens de árvores na parte superior. Na parte inferior da fotografia, há uma fileira de caixotes de feira de plástico com verduras arredondas de cor verde clara, se assemelhando a pés de alface. Há um espaçamento e um novo caixote mais à direita, em que não é possível identificar seu conteúdo. Na segunda fotografia podemos perceber o mesmo espaço da fotografia anterior, só que agora, em uma tomada mais distante. Existem outras faixas presas à mesma grade. Do lado direito, podem ser contabilizadas quatro, duas verdes, uma vermelha de tom mais claro e uma branca, todas com inscrições ilegíveis. Ao lado esquerdo da bandeira do MPA existe uma bandeira de tamanho menor do Brasil. Mais à esquerda, uma flâmula branca com letras azul escuro ilegíveis,

com um símbolo que se assemelha ao do Sistema Único de Saúde (SUS). Mais à esquerda, uma faixa branca com letras maiúsculas em vermelho, com a inscrição “Comitê Popular do Alimento – CPA – Rocinha – MPA” e abaixo dela uma faixa menor e cor de fundo degradê verde e amarela com a inscrição “Privatizar faz mal ao Brasil”, com três logomarcas, apenas a da Federação Única dos Petroleiros – FUP legível. Ao fundo é possível perceber as folhagens das árvores, duas vias públicas com canteiro gramado no meio, um posto com uma placa amarelo fluorescente e outra, logo abaixo, de proibido parar e estacionar. Ao fundo mais ao lado esquerdo, um carro branco do tipo Fiorino com adesivos de cor azul passando pela via. É possível perceber a fileira de caixas de feira de plástico mais extensa, cortando inteiramente a fotografia em uma linha diagonal na parte inferior, com verduras diferentes. A luminosidade na parte superior direita da foto se assemelha a um dia nublado, e escurece a parte da imagem dentro da quadra poliesportiva, deixando a cor do chão com um tom mais acinzentado. Na terceira fotografia podemos visualizar toda extensão de duas fileiras de caixas de feira plásticas organizadas na quadra com legumes e verduras variados. Ao fundo, podemos visualizar as traves, o gol e a tabela de basquete da quadra poliesportiva. Do lado de fora da quadra, algumas árvores, um poste, três construções que se assemelham a quiosques. Alguns detalhes que não são possíveis de identificar, cobertos com plástico azul claro. Na parte lateral esquerda, que foi o fundo das fotos anteriores, é possível observar a via pública, o canteiro gramado e árvores ao fundo, e mais próximo, as grades da quadra, sem as bandeiras descritas nas fotos anteriores. Existe uma pessoa, com camisa vermelha e calça preta junto à grade, em cima de uma escada, com um pano vermelho, que, pelas outras fotos, deve ser a bandeira do MPA. Na parte inferior da foto, podemos visualizar dois sacos vermelho-alaranjados, com uma faixa verde, sendo possível ler “cenouras”. É possível ver o chão da quadra em azul desbotado. Na quarta fotografia, podemos visualizar uma fileira de mesas com verduras variadas ao longo da profundidade da quadra, com as traves, o gol e a tabela de basquete ao fundo, levemente à esquerda. O verde chama a atenção nessa fotografia, existe um contraste do verde das árvores do lado de fora da quadra, com uma luminosidade considerável na parte superior esquerda da foto, com o verde das verduras ao longo da fileira de mesas. Existem cerca de dez pessoas ao longo dessa fileira de mesas, olhando, mexendo e embalando as verduras. Ao fundo direito da foto é possível ver construções de alvenaria de três andares, na cor bege. Existem pessoas ao fundo, bem como pontos em azul claro não distinguíveis no lado esquerdo. No lado direito, essa parte em azul é referente a galões de água. A quinta fotografia tem um tom laranja claro que captura a atenção. Pode-se ver bem ao centro da foto uma mesa de madeira com pedaços de

tamanhos variados cortados de abóboras. É possível ver seu miolo, suas sementes, que também estão espalhadas pelo chão, e uma abóbora inteira em um plano mais ao fundo dos pedaços, apoiada na mesa. Em cima da mesa também tem um facão, mas só é possível ver sua lâmina. Existem duas pessoas em pé atrás da mesa: um senhor de óculos, máscara sobre a boca, boné vermelho, camisa social azul com listras verticais brancas, usando relógio, calça jeans de azul escuro e sapato preto, descasca uma banana. A outra pessoa não aparece inteiramente na foto, mas veste uma camisa bege, um casaco preto, calça jeans e tênis preto, segura uma abóbora inteira com uma mão, e neste braço carrega uma sacola plástica e, com a outra mão segura um pedaço de abóbora. Ao fundo podemos ver uma parede amarela, a rede do gol, um banner pela metade com inscitos ilegíveis e marca d'água do MPA, duas cadeiras plásticas brancas, uma mochila e itens que parecem ser sacolas retornáveis. Sobre uma das cadeiras, um item azul marinho não identificável. A sexta fotografia tem cinco pés de alface em seu centro, com uma mulher de braços abertos, numa postura expositiva. Ela usa máscara preta e uma blusa em degradê em preto e amarelo. Ao seu lado, uma outra pessoa posa e sorri para a foto, com a máscara abaixada, segurando uma abóbora cortada ao meio. Pela roupa é possível deduzir que se trata da mesma pessoa descrita na foto anterior. As alfaces estão sobre uma mesa plástica vermelha, estando visível apenas uma de suas quinas na parte inferior esquerda da foto. Há também uma garrafa plástica de água sobre a mesa. Ao fundo, é possível visualizar a grade da quadra com as bandeiras descritas na segunda foto, mas agora de uma outra perspectiva. A sétima e última foto tem como fundo a grade com as bandeiras. Do lado externo existem árvores e um poste com placas de sinalização, vistos de forma posterior. A parte inferior da foto possui pés de alface, em toda a sua extensão. É possível visualizar o chão azul e uma mesa vermelha no lado esquerdo, com uma caixa de papelão em cima. No centro da foto, à frente das bandeiras, um grupo de cerca de 25 pessoas posa para a foto.

Em relação à Secundidade, depreende-se que não há preocupação com a produção e enquadramento das fotos, o que indica que o registro do acontecimento real era mais importante do que a produção e qualidade das fotos. A entrega de alimentos em uma quadra poliesportiva na Rocinha é um fato real que deve ser documentado e divulgado.

Em relação à Terceiridade, mais uma vez é possível perceber a bandeira vermelha como aspecto simbólico do Movimento dos Pequenos Agricultores. Novamente, a iniciativa ressalta comunidades e pessoas em vulnerabilidade social durante o período de pandemia, representando sua existência para além da estética predominante em uma rede social como o Instagram. O foco é a veiculação de seu trabalho de solidariedade e o pedido de contribuição,

com fotos que retratam as pessoas da favela da Rocinha recebendo os alimentos produzidos, em fotografias reais e não simuladas, alteradas, ou padronizadas, como em sua maioria, são as fotos do Instagram.

5.2.4 Postagem em 4º lugar em número de curtidas

| Data | Quantidade de comentários | Quantidade de curtidas | Tipo post |
|--|---------------------------|------------------------|------------|
| 22 de setembro de 2020 | 5 | 276 | Foto única |
| Link | | | |
| https://www.instagram.com/p/CFcGxLfJUAT/ | | | |
| Texto | | | |
| <p>Arroz Velho Chico! 🌿 O Arroz Velho Chico é produzido em comunidades ribeirinhas de Ilha das Flores (SE) por camponeses e camponesas do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), bem próximas de onde o Rio São Francisco encontra com o mar! Esse arroz que chega na sua mesa faz parte das 150 toneladas colhidas no mês de fevereiro, por 13 famílias camponesas da região. Nessa produção só foram usados defensivos orgânicos como o extrato da castanha com álcool e óleo de nim! 🧑🧑 Por isso reafirmamos que comer é um ato político. Comprando na Feira Camponesa você está colaborando para o fortalecimento da agroecologia camponesa e com a construção de uma alternativa ao agronegócio. 🍷 A alta no preço do arroz é uma consequência da política bolsonarista de apoio ao agronegócio, que não tem nenhum compromisso com o povo brasileiro. No primeiro semestre deste ano vocês acompanharam a luta dos movimentos camponeses para aprovação do Plano Safra Emergencial. Com muita luta conseguimos aprovação na Câmara e no Senado do PL 735, que teve todos os artigos em apoio ao campesinato vetados por Bolsonaro. 🍷 🌿 A Feira Camponesa acontece às quartas e aos sábados das 9 ao meio-dia.</p> <p style="text-align: center;">Nosso endereço é Rua Áurea, 80 em Santa Teresa.</p> | | | |
| Imagem (ns) | | | |
| Imagem 1: | | | |



Fonte: Dados coletados pela autora no Instagram @raizesdobrasil.rj (2020)

Na fotografia, é possível perceber duas embalagens de sacos de arroz de cores diferentes posicionados em pé sobre uma tábua redonda de madeira. O jogo de luz chama atenção, já que a embalagem à esquerda, verde, fica favorável à luz e é possível ler as informações. A embalagem à esquerda, vermelha, fica sombreada. Percebe-se que as embalagens tem o mesmo design e cores diferentes para diferenciar o tipo de arroz, a verde é a de arroz branco e a vermelha, arroz integral. Ambas as embalagens, de forma mais específica, são transparentes, permitindo a visualização do seu conteúdo e possuem uma faixa superior com a inscrição “cultivado com práticas agroecológicas” em letras brancas, arredondada, sem serifa. A parte superior da faixa é retangular e a inferior é côncava, com uma borda de espessura fina na cor branca. Um pouco mais abaixo, um grande círculo oval, maior em comprimento do que em altura, de cor verde na embalagem à esquerda e de cor vermelha, na embalagem à direita, ambos com borda fina em cor branca, traz a marca do arroz: “Arroz Velho Chico” em branco. A palavra “arroz”, alinhada à esquerda, é escrita com fonte com bordas retas, sem serifa. Abaixo, vem a inscrição “Velho Chico”, também alinhada à esquerda, com uma fonte que se assemelha com a escrita à mão. Ao lado, estão desenhos da planta do arroz, com aparência próxima à da colheita, com traços finos, também em cor branca. Logo abaixo da inscrição “Velho Chico”, duas linhas sinuosas, assemelhadas a ondulações, vão de um lado a outro do círculo oval, sublinhando a inscrição e tocando os desenhos da planta de arroz, fazendo uma alusão ao seu cultivo na vida real, já que o arroz é cultivado em áreas alagadiças. Abaixo das linhas sinuosas, escrito em caixa alta, com letras retas e centralizado a seguinte inscrição: “produzido pela agricultura camponesa do baixo São Francisco – Sergipe”. Mais abaixo, um retângulo reto, da cor verde ou vermelha, é sobreposto na parte superior com uma faixa em branco com um inscrito “arroz branco” em verde na embalagem em que a cor predominante é verde e na outra embalagem, em

que a cor vermelha prevalece, o inscrito é “arroz integral” em letras vermelhas. Abaixo do retângulo branco, vai uma tabela com as informações do produto: tipo, grupo, subgrupo e classe. Mais abaixo, ao lado esquerdo está a inscrição informativa “1 Kg” e alinhado, ao lado direito, uma logomarca composta de seis losangos, dispostos em formato que remete a uma flor, com a inscrição “campesinato” abaixo.

Ocupando a centralidade da tábua redonda de madeira, e a parte central e inferior da fotografia, encontra-se uma porção considerável de arroz, sem embalagem. A tábua redonda de madeira está apoiada em madeira rústica com partes desbotadas e na lateral esquerda da foto é possível visualizar a continuidade da madeira em outro material de cor mesclada, acinzentado e preto. O fundo da foto é pouco visível, e dá a impressão de ser um gramado com sombreamentos. Essas são as qualidades que podem ser apreendidas como aspectos de Primeiridade da fotografia.

Em relação à Secundidade, podemos ressaltar os desenhos da planta do arroz e as linhas sinuosas indicando o cultivo do arroz, como é feito na vida real e o rio onde é cultivado, o Rio São Francisco, respectivamente.

Em relação à Terceiridade, o conteúdo simbólico do nome do arroz “Velho Chico” remete ao rio onde é produzido e tem um significado de grande importância para o nordeste do país, sendo um dos cursos d’água mais relevantes para o Brasil. A escolha dos elementos da embalagem têm a intenção de trazer o campo, o cultivo, a produção do arroz em sua origem para o consumidor final.

Existe uma interseção em razão da análise realizada com aquela que ficou em primeiro lugar em número de curtidas: certo que também destaca a construção de uma publicidade, tendo realce em seu texto quanto à qualidade do produto cuja produção utilizou apenas defensivos orgânicos e quanto à procedência das comunidades ribeirinhas de Ilha das Flores (SE) por famílias camponesas. O claro teor político destacado no texto que acompanha a imagem do arroz também denota a essência da micropolítica de resistência relevante na construção desse trabalho.

5.2.5 Postagem em 5º lugar em número de curtidas

| Data | Quantidade de comentários | Quantidade de curtidas | Tipo post |
|---|---------------------------|------------------------|---------------------|
| 20 de junho de 2020 | 17 | 272 | Carrossel (3 fotos) |
| Link | | | |
| https://www.instagram.com/p/CBqM9yiprkS/ | | | |
| Texto | | | |
| <p>🍷 A mandioca, também conhecida como “aipim” ou “macaxeira” é considerada o pão de cada dia dos povos nativos do Brasil. Os Tupis-Guaranis foram os responsáveis pelo domínio comestível da mandioca e pela sua difusão ao longo do continente. Para conseguir usar a raiz como base de sua alimentação, os índios a deixavam de molho por três dias nas águas dos rios para que suas cascas se soltassem. Elas eram então raladas e a massa resultante era espremida para a remoção de todo o líquido, de onde era extraído o polvilho através do processo de decantação. A massa seca era torrada, resultando na farinha de mandioca. 🤔 Polvilho é tudo igual? Em geral, dentro de qualquer pacote de polvilho só tem fécula de mandioca mesmo. Porém, muitas vezes os aditivos não fazem parte do produto em si, porque eles “só” foram utilizados no processo de produção. O polvilho artesanal é livre de aditivos químicos para acelerar a fermentação, levando assim de 20 a 40 dias para fermentar, enquanto o processo industrial leva em torno de 24 a 48 horas - acelerado pelo uso desses aditivos. 🍷📖 Por isso, quando falamos de comida de verdade, estamos falando sobre como os alimentos são cultivados e, também, sobre como eles são beneficiados. Os processos artesanais foram desenvolvidos e melhorados de geração para geração e não é uma simples máquina ou uma fórmula química que poderá substituir tudo isso. 📌 Os produtos TUPGUAR tem como base os polvilhos produzidos de forma artesanal e natural, secos naturalmente ao sol. O Polvilho Azedo passa ainda por um processo cuidadosamente controlado de fermentação espontânea, sem aditivos químicos indutores, aceleradores ou micro-organismos senão os que se encontram na atmosfera local de Conceição dos Ouros – MG. 📖 Escrito coletivamente por Jenny Tanaka, Tupguar Alimentos e Brigada de Comunicação do MPA RJ Seguimos na Aliança Camponesa e Operária por Soberania Alimentar e Poder Popular</p> | | | |

Imagem (ns)

Imagem 1:



Imagem 2:



Imagem 3:



Fonte: Dados coletados pela autora no Instagram @raizesdobrasil.rj (2020)

As qualidades, ou aspectos de Primeiridade, que podem ser assimiladas nas imagens acima se distinguem ligeiramente das imagens analisadas anteriormente. A começar pelo branco, que é a cor predominante nas três fotografias, tanto por seu fundo fotográfico, que pode ter sido feita em estúdio, tanto por sua embalagem, predominantemente branca, passa a sensação de limpeza, pureza, esterilidade. As embalagens são de papel e são relativamente iguais, mudando apenas uma das cores utilizada na identificação do tipo do produto. A marca “Tupguar” do produto é escrita em vermelho, em caixa alta com uma fonte estilizada e serifa geométrica, centralizada na parte superior da embalagem. Logo abaixo, em verde e em uma fonte mais arredondada, alinhado à direita da marca, vem a palavra “Alimentos”, apenas com a primeira letra maiúscula. De ambos os lados da marca, três linhas horizontais e finas

circundam a embalagem. A cor da primeira linha está relacionada com o tipo do produto: azul-royal é a cor do polvilho doce, verde-esmeralda é a cor do polvilho azedo e marrom é cor do polvilho especial, para pão de queijo. As cores das outras duas linhas, para todas as embalagens são amarelo e vermelho. Mais abaixo e centralizado na embalagem existe a imagem de um índio de cocar em vermelho, que se assemelha a um índio Apache ou Sioux. Ao lado, existe um selo, acompanhando as cores de cada embalagem, com a inscrição “desde 1948”. Abaixo do índio, nas cores respectivas de cada tipo produto vem suas descrições, em caixa alta, em fonte reta: polvilho doce em azul-royal, polvilho azedo em verde-esmeralda e polvilho especial para pão de queijo em marrom. Abaixo da descrição, uma pequena tabela com informações sobre o produto e a inscrição “1kg”, sobrepostas a três linhas com o mesmo padrão das linhas da parte superior da embalagem, só que mais grossas.

Em relação a aspectos de Secundidade, as embalagens causam uma certa confusão, pois seu nome “Tupguar” remete aos índios Tupi-guarani, predominantes no território brasileiro que, como explicitado no texto que acompanha as imagens, foram responsáveis pelo domínio do cultivo da mandioca, matéria-prima do polvilho e a imagem utilizada como logo é um indígena que alude aos índios norte-americanos. O selo com a inscrição “desde 1948” remete a algum tipo de premiação, indicando com a mensagem um aspecto de tradição e qualidade do produto, por continuar sendo comercializado durante tanto tempo.

No que tange aos elementos de Terceiridade, relativa à inteligibilidade e significação dos signos, há a insistência de elementos contraditórios. O texto que acompanha as imagens é informativo e faz um relato que valoriza o processo artesanal de fabricação dos produtos. Todavia, a não ser pela embalagem de papel, que resguarda um certo aspecto tradicional, os demais signos das imagens estão associados a limpeza, esterilidade e padronização, trazendo um aspecto mais industrial ao produto. É possível observar que a postagem deste produto se destaca, possuindo elementos divergentes das demais postagens que também veiculam uma publicidade. Sob o aspecto imagético, pode-se dizer que a publicação em análise caminha em contraponto com a essência do Movimento Pequenos Agricultores e demais publicações analisadas, o que se observa pela qualidade fotográfica e outros conteúdos semióticos em comparação às demais.

5.3 Algumas inferências dos resultados de pesquisa

Conforme visto em capítulo próprio, a análise semiótica possibilita o entendimento dos signos e intenções compartilhadas nas mensagens em diferentes dimensões. A tríade Primeiridade-Secundidade-Terceiridade desenvolvida por Peirce viabiliza adentrar em camadas mais profundas das mensagens veiculadas, para captar como são concebidas, arquitetadas e articuladas, com seus procedimentos e vetores de referência não só em uma conexão mais imediata, mas também em um cenário mais amplo, uma vez que “em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz” (Santaella, 2018, p. 5).

Sabendo que as imagens fotográficas refletem a realidade e, nesse ato, podem transformar e até mesmo deformar o que é refletido (Machado, 1984), com as análises das fotografias apresentadas das 5 postagens veiculadas e mais curtidas no Instagram do *Raízes do Brasil* @raizesdobrasil.rj no período da pandemia de março a dezembro de 2020, podemos inferir não só seu processo sógnico, mas a própria realidade propagada pela iniciativa e os efeitos que tais mensagens podem produzir em seus interpretantes, a partir de uma síntese intelectual de sua representação e sentido.

Por fim e não menos importante, as contribuições de Muniz Sodré trazem o aspecto de como o afeto coletivo está sendo encaminhado politicamente pelas forças articuladas pela mídia transnacional do mercado, em um movimento para conformar esteticamente a dimensão do sensível. Nesse sentido, é possível dialogar e retomar as considerações do referencial teórico desta pesquisa com um olhar mais apurado sobre o exercício de poder do Capitalismo Mundial Integrado, inferir os movimentos moleculares agitados pela iniciativa *Raízes do Brasil*, com o intuito de perceber se suas linhas de fuga são capazes de escapar pelos segmentos molares e jogar luz à dinâmica intrínseca do micro e do macro, em que “um escapa do outro e o outro detém o um, impedindo-o de fugir mais” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 91) que se evidencia no material analisado.

Em relação às postagens, podemos perceber dois eixos temáticos. O primeiro, referente à divulgação e publicização de produtos produzidos e comercializados pela agricultura camponesa, com três postagens. O segundo tema se refere à divulgação de ações de solidariedade do Movimento dos Pequenos Agricultores com doação de alimentos em áreas de

vulnerabilidade social na cidade do Rio de Janeiro com pedido para contribuições espontâneas. São duas postagens com essa temática.

Vamos olhar para cada eixo temático separadamente.

Em relação à divulgação dos produtos produzidos, podemos inferir uma valorização dos mesmos, em um exercício de publicidade, de tornar público. Os produtos são: abacaxi, em um sequência de fotos que demonstra sua produção; o arroz, com uma foto que busca valorizar o produto e sua embalagem com logotipo diferenciada; e o polvilho, que destoa das demais produções fotográficas, mais artesanais e rústicas. Esse último, além de possuir uma embalagem com signos confusos, parece ter sido fotografado em estúdio, com fundo branco. Tal fato revela uma não-uniformização estética do conteúdo veiculado na rede social, se afastando das estratégias de mercado alicerçadas no branding, na padronização, pasteurização e simulação dos conteúdos divulgados.

De forma mais específica, quando fica explícita a valorização do abacaxi, cultivado em Japeri pelo Heleno, seu produtor e do arroz, produzido por famílias ribeirinhas em Ilha das Flores, junto com seus conteúdos imagéticos, podemos depreender uma conexão com as três ecologias, abordadas em capítulo anterior. A valorização de seus locais periféricos bem como de seus produtores, traduzem um sentido de ecologia ambiental e social. E à medida que em que há publicização de tais informações, tanto no sentido textual quanto no imagético, bem como atuação no sentido das duas outras ecologias e trabalho para uma produção singular e remodelação das relações humanas, empreendemos na direção de uma ecologia mental.

O polvilho, como viemos abordando, fabricado em Conceição dos Ouros, tem como referência de produção a empresa “Tupguar Alimentos”- o que acaba por ser compatível com a mensagem imagética confusa transmitida pelas fotos e pela sua embalagem. Com este produto é possível captar algum aspecto de reterritorialização capitalística: mesmo sendo um produto produzido de forma artesanal e livre de químicos de acordo com o texto informativo, seu conteúdo imagético causa dúvida em seus interpretantes. Ainda que esteja relatado que não há processo químico envolvido e que o processo de fermentação espontânea do Polvilho Azedo é feito de forma rigorosa, sem aditivos químicos indutores ou aceleradores, a mensagem transmitida em sua estética deixa dúvidas. Dessa forma, elementos do Capitalismo Rizomático se fazem sensivelmente presentes nos aspectos de divulgação do produto em questão, fazendo com que as características principais do polvilho comercializado não se mostrem tão diferenciadas daqueles que utilizam matéria prima com aditivos químicos, sob o ponto de vista

comercial. Conclui-se, portanto, que sob o aspecto imagético a postagem em análise caminha em contraponto com a essência do Movimento e demais publicações analisadas.

Em relação aos objetivos e questões da presente pesquisa, com este primeiro eixo temático podemos perceber a atuação do movimento na participação da sociedade de consumidores, divulgando e fazendo publicidade de seus produtos de maneira geral, de uma forma significativamente distinta da dominante, com conteúdos e aspectos semióticos com linhas de fuga que são capazes de escapar pelos segmentos molares. Podemos entender a valorização dos locais periféricos bem como a nomeação de seus produtores e seu conteúdo imagético como um exercício ecosófico que provoca uma certa agitação molecular sobre os corpos e os espíritos. No sentido de Sodré,   através da inquieta o produzida por esses signos que podemos criar uma instabilidade sensível que nos leva a refletir sobre o nosso agir  tico-político coletivo, para assim atuar em uma micropolítica de resistência.

A postagem do polvilho Tupguar pode ser entendida como a representa o de um ponto da dinâmica molar-molecular em que uma linha de escape   detida e reterritorializada, aspecto amplamente abordado no referencial teórico desta pesquisa. Trata-se de um produto que a priori,   agroecológico, mas que transmite signos capitalísticos, reforçando esses valores.

Em rela o ao segundo eixo temático, que aborda as a o es de solidariedade com doa o de alimentos em áreas de vulnerabilidade social, entendemos que essas fotos demonstram ter sido feitas com um sentido de importância de registrar um acontecimento relevante. Conforme abordado, não há produ o fotográfica, muitas das imagens possuem enquadramento torto ou cortam as pessoas fotografadas e nem sempre a luminosidade favorece a imagem captada. De maneira geral, seu conteúdo indicial se afasta abruptamente do conteúdo indicial padrão das redes sociais. Existe expresse o pedido de doa o, com um apelo: “Nos ajude a continuar levando comida de verdade para quem tem fome. Faça a sua doa o! Quem tem fome tem pressa!”. Contudo, quando observamos a cartilha utilizada por institui o es que visam capta o de recursos para doa o, podemos concluir que a produ o imagética e discursiva se difere da quais estamos analisando, em termos de produ o, discurso e assertividade. Assim, em um primeiro momento, afirmamos que essas postagens apontam para a existência de indícios de escapes, contrafluxos e resistência no *bios* virtual, dominado pela m dia capitalística.

Ao resgatarmos o referencial teórico desenvolvido neste trabalho, nos deparamos com uma reinterpreta o de Sodré sobre a obra de Peirce em rela o aos grupos sociais organizados

que muito se relaciona com o que foi experimentado nas vivências a campo – o que reforça a nossa leitura.

Sodré depreende o *socius* a partir das vinculações econômicas, políticas, culturais e afetivas que constituem o ser social. Sendo que vincular-se tem um sentido profundo e simbólico, pois está relacionado às esferas existenciais constitutivas do ser humano e sua partilha com o Outro, “uma lógica profunda de *deveres* para com o *socius*” (Sodré, 2016, p. 93) – muito além de um simples processo interativo ou de qualquer racionalismo instrumental. Sendo assim, há a possibilidade do indivíduo se disponibilizar para algo em comum, uma tarefa em comum, que implica o coletivo, uma comunidade, em oposição ao que é particular. Para além de estar junto em um mesmo território, existe um compartilhamento implícito que gera obrigações e deveres com o Outro, como uma dívida simbólica. Há uma diferenciação e uma identificação dos indivíduos que partilham tal dinâmica de comunidade.

Nesse mesmo sentido se constitui a comunicação linguística coletiva. Essa “radicalidade simbólica da vinculação” é “necessária aos códigos de funcionamento da comunicação humana. O vínculo faz aparecer o sentido (...) e se converte em realidade intersubjetiva e social” (Sodré, 2016, p. 93-94). Em outras palavras, nos processos interativos de discursos sociais há uma realidade efetivamente mais complexa do que a assumida nos meios de comunicação, que, conseqüentemente geram distúrbios que passam despercebidos em toda a estrutura social.

O autor, dessa forma, parece explicar a motivação por detrás da campanha de solidariedade feita pelo Movimento, que como já trouxemos em outros momentos desse trabalho, tinha o desejo de levar alimentos agroecológicos para as favelas. O momento pandêmico, de agravamento das vulnerabilidades sociais, foi fator determinante para a atuação, demonstrando essa “radicalidade simbólica de vinculação”.

Também é importante ressaltar que as postagens desse eixo foram tiradas do ar, não sendo mais possível acessá-las no Instagram. Para além de especulações sobre a razão dessa ação, o *Raízes do Brasil* parece não querer construir seu posicionamento em função das doações feitas. Em um contexto de Capitalismo Mundial Integrado, relembramos que Guattari (1990) afirma que o caminho é através de uma tentativa de ressingularização das subjetividades, como uma saída do ser por ele mesmo em detrimento ao domínio do capital. Ou seja, a recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios é um trabalho a ser feito, a fim de reconstruir sua plenitude subjetiva através do viés ecosófico para renova as relações humanas por meio de

uma nova ética, política e estética, para que as bases da sociedade, que é permanentemente atravessada pelo capital, sejam repensadas.

Desse modo, em relação objetivos e questões da presente pesquisa, este segundo eixo temático denota uma sustentação em relação de oposição à máquina de produção de subjetividades capitalísticas, uma vez que se pode perceber a construção de modos de sensibilidade e relação com o outro. É perceptível “uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos” (Guattari & Rolnik, 1986, p. 17). Dessa forma, partimos para as considerações (não) finais da pesquisa.

6. Considerações (não) finais

A partir do referencial teórico apresentado neste trabalho, pode-se compreender a Sociedade de Controle, em que são criadas demandas e mercados a partir da produção das subjetividades. Através da multiplicidade de sentidos e valores, a sociedade se dá, então, por meio de uma moldagem autodeformante, baseada na perspectiva rizomática, ou seja, em constante movimento, seja de criação, transformação ou desconstrução. Trata-se de uma rede de tessituras e agenciamentos de produção como um organismo vivo, em permanente criação que produz subjetividades reguladas pelo desejo e pelo consumo nos mais diversos platôs e contextos, sem que nenhuma atividade humana fique fora de seu controle.

Assim, o capitalismo rizomático ressignifica e maximiza o sentido de lucro, uma vez que opera em uma expansão desterritorializada, em estratégias de terceirização, produtivização do que antes não era produto – semiotizando a própria natureza como valor de consumo e marca, na gestão de inovação tecnológica, no discurso da “responsabilidade” socioambiental e novos agenciamentos possíveis. A expansão do capital desterritorializada se alastrou pelos mais variados domínios, inclusive os subjetivos, atravessando instâncias psíquicas, sociais e ambientais através de uma atuação em rede.

As relações sociais e de consumo passaram a ser reguladas pela lógica do Capitalismo Mundial Integrado que exerce poder através dos dispositivos de produção de subjetividade. A lógica capitalística é descentralizada e policêntrica, engloba dimensões diferentes da vida política, cultural, ambiental, social, etc. e produz comportamentos sociais. Assim, em nível mundial e integrado, subjetividades são modelizadas em função da construção de novos mercados de consumo.

Dado esse cenário, a recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios é um trabalho a ser feito, a fim de reconstruir sua plenitude subjetiva através do viés ecosófico, que renova as relações humanas por meio de uma nova ética, política e estética. Tal caminho é uma tentativa de ressingularização das subjetividades. Para refutar modos de manipulação e telecomando, são necessárias a construção de modos de sensibilidade, relação com o outro e criatividade que sejam capazes de produzir uma subjetividade singular, a convivência em grupos de variados tamanhos de investimento afetivo e pragmático, em um sentido de ação direcionada à remodelação das relações humanas, de cultivar o dissenso e a produção singular de existência, uma vez que a subjetividade capitalística está manufaturada. Por fim, a

organização de novas práticas micropolíticas e microsociais, com novas solidariedades, novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente para que as práticas sociais e políticas deixem de trabalhar somente para as semióticas capitalísticas, mas para a humanidade como um todo urgem no mundo em que vivemos.

Em busca das linhas de recomposição da ação humana, que focalizam na ressingularização individual e coletiva dos dispositivos de produção de subjetividade, considerou-se importante investigar a atuação de movimentos sociais que possuem olhar crítico e oferecem resistência ao Capitalismo Mundial Integrado. Assim, foram escolhidos como foco da presente investigação o Movimento dos Pequenos Agricultores e o tecido social molecularmente por ele agitado, organizado em torno do *Raízes do Brasil*, um espaço no bairro de Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro, que serve como ponto de organização e distribuição da Cesta Camponesa, além de feiras, eventos culturais e hospedagem.

Sendo assim, o objetivo norteador dessa dissertação foi estudar a iniciativa do *Raízes do Brasil*, para compreender o tecido social que emerge a partir de um movimento social organizado que estimula o consumo de produtos agroecológicos sob a perspectiva da psicossociologia, com o viés da micropolítica. Portanto, observou-se como a iniciativa constrói sua rede de consumidores, ao mesmo tempo em que atua em relação à questão da fome enquanto um problema político, a luta pela SAN e a lógica de produção agroecológica que preserva a natureza e as suas consequências sociais, ambientais e econômicas.

Algumas perguntas que serviram como guia para essa pesquisa, tendo como base a visão micropolítica de resistência: de que forma a iniciativa afeta os processos de subjetivação na produção de consumo? Em que medida o *Raízes do Brasil*, atravessado pela cultura capitalística e inserido na sociedade de consumidores, vem contribuindo microsocialmente no cultivo de novas solidariedades e novas estéticas? É possível dizer que essa prática social e política trabalha para além de uma semiótica capitalística?

Considerando essas inquietações de pesquisa, o percurso metodológico adotado, dividido em duas etapas, possibilitou uma imersão que trouxe pistas que colaboram no entendimento da atuação da iniciativa estudada. Em sua primeira etapa, foram utilizadas as vivências em campo da pesquisadora, ocorridas de 2013 a 2018, neste último ano no espaço *Raízes do Brasil*, organizadas e estruturadas como uma pesquisa-ação (Thiollent, 2003; 2011) sob a perspectiva de Peruzzo (2016). Esta etapa foi assimilada à pesquisa para ser percebido como a proposta teórica do movimento social vem sendo aplicada e vivida micropoliticamente.

Em sua segunda etapa, à luz da semiótica de Peirce, através da leitura da pesquisadora e autora Lucia Santaella, com contribuições valiosas de Muniz Sodré, foi feita uma análise semiótica das imagens fotográficas das 5 publicações mais curtidas do Instagram do *Raízes do Brasil* @raizesdobrasil.rj, durante período de pandemia do ano de 2020, ou seja do dia 11 de março a 31 de dezembro de 2020. Partindo da noção de signo, seus fundamentos e sua relação aos conceitos de ícone, índice, símbolo foi possível perceber a presença de elementos semióticos específicos, compreender as camadas de sentido que compõem as imagens compartilhadas.

No que tange às perguntas de pesquisa, há indícios relevantes sobre o papel e a atuação do Movimento dos Pequenos Agricultores e sua iniciativa *Raízes do Brasil* a serem consideradas, pontuadas a seguir.

Em primeiro lugar, torna-se indispensável retomar a pesquisa bibliográfica feita, em especial, o trabalho desenvolvido por Tanaka, que traz aspectos relevantes que reforçam a presente investigação.

Concordamos que a incorporação do consumo político pelo MPA é um fenômeno consistente que amplia sua ação política e tem relação com um projeto político que objetiva fortalecer alianças com os consumidores urbanos. Em um cenário de expansão do Capitalismo Mundial Integrado, e, portanto, dos impérios agroalimentares, a agricultura camponesa se desenvolve a partir da valorização dos potenciais ecológicos e socioculturais locais e de um modo de produção multifuncional. Ou seja, além da produção de alimentos em quantidade, qualidade e diversidade, seu formato é baseado na manutenção de relações positivas com os ecossistemas – o que significa adaptabilidade aos contextos de mudanças climáticas, dinamização das economias locais, diversificando atividades e criando empregos estáveis. Fica evidente o diálogo que tal formato de desenvolvimento estabelece com a proposição das três ecologias de Guattari.

Há que se destacar a centralidade da questão do consumo, do poder de compra e das motivações dos consumidores ganham importância e se tornam pontos chave para a reconstrução da aliança entre campo e cidade, sendo o alimento o elo principal que une essas duas esferas. A alimentação saudável, com “comida de verdade” e a “aliança com a cidade” se tornam o foco da luta política do movimento e são evocadas através de diversos símbolos. Para além do objetivo de escoamento da produção, a análise da experiência indica uma estratégia política de formar e fortalecer alianças, compromissos e solidariedades entre MPA e

consumidores urbanos. A questão financeira, em momentos críticos como o da pandemia de Covid-19, pode até ser relegada a segundo plano – como foi, com o início das campanhas de solidariedade para pessoas em vulnerabilidade em favelas na cidade do Rio de Janeiro. Conforme já explicitado no trabalho, alcançar o público das favelas com sua produção agroecológica era um sonho expresso antigo do movimento, que ainda não havia sido concretizado pelo fato dos alimentos agroecológicos possuírem valor mais elevado se comparados com a produção mecanizada da agroindústria. A campanha de doação expressa com vigor as prioridades e valores cultivados pelo movimento, ao mesmo tempo que o fato de terem sido removidas do ar demonstra que o *Raízes do Brasil* parece não querer construir seu posicionamento em função das doações feitas.

Tal indício reforça o pressuposto da presente pesquisa, de que para além dos objetivos de mercado relacionados ao consumo, o *Raízes do Brasil* é uma iniciativa micropolítica de resistência, incitando novos devires e novos arranjos sociais, podendo ser entendida, como colocam Portilho e Castañeda, como uma organização física, política, afetiva e moral, onde ocorrem trocas sociais concretas e há a construção coletiva de propostas, sonhos e visões de mundo, sendo um espaço intermediário entre escolhas e responsabilidades da esfera privada e coletiva. Trata-se de um processo de singularização, reconhecido como um gosto de viver, construir e transformar o mundo no qual vivemos, atuando de forma a modificar os valores e formatos sociais impostos.

Ainda assim, é relevante mencionar que a iniciativa não é um espaço homogêneo e sua rede de consumidores não constituem uma comunidade, mas há a percepção de que o objetivo de articular e organizar o movimento é exercido, expandindo consideravelmente suas ações. Os trabalhadores do campo e da cidade, em apoio mútuo, são núcleo de uma estratégia política que viabiliza o rompimento com a lógica capitalística. Ambos, em sinergia, seriam capazes de gerar uma mudança sistêmica que promove uma alimentação saudável livre de químicos, em que o alimento é mais do que uma simples mercadoria.

Importante registrar que a relação entre as esferas de produção e consumo é mencionada através da expressão “integrar a agroecologia camponesa e a sociedade urbana através da alimentação saudável”. As palavras de ordem “comer é um ato político” e “comida de verdade no campo e na cidade” estão declarados no espaço *Raízes do Brasil*, nas redes sociais e no discurso, demonstrando que as discussões vão além da questão da produção. A esfera do consumo também abarca a temática do que se come. No que se refere ao consumo, sob a ótica

da politização do consumo, que é o entendimento de que o ato de consumir se torna uma prática de participação em um cenário de disputas sobre a produção social, suas formas e significados, incorporando no ato da compra ideais e valores éticos, direitos e outros aspectos não econômicos, a escolha de consumir alimentos agroecológicos produzidos por camponeses é valorizada e tida como benéfica no sentido de construção de novas possibilidades.

Concordamos que o *Raízes do Brasil* é um ponto de interface concreto entre movimento social e consumidores urbanos que popularizou a distribuição e acesso a produtos camponeses. Sua característica marcante é sua multifuncionalidade, sendo além de base para organização do movimento na cidade do Rio de Janeiro, tem servido de palco para atividades de formação política, debates, saraus, visitas de estudantes e intercambistas e exibição de filmes, representando, portanto, um ponto de encontro, de escolhas, de responsabilidades e de utopias.

Em relação à produção do consumo, o MPA atua no sentido do consumo político através das pautas “comida saudável” e “aliança com os trabalhadores da cidade”, promovendo uma cadeia alimentar curta, com a valorização da origem dos alimentos e da aproximação de produtores e consumidores, criando uma relação de confiança. Assim relatamos algumas das interferências que a iniciativa micropolítica do *Raízes do Brasil* tem na esfera psicossocial e na produção de subjetividades daqueles que permeiam e estão na sua esfera de ação. Tal constatação reforça os pressupostos da presente pesquisa.

Seguindo com a exposição e fazendo valer também as vivências de campo, destaca-se o cultivo de novas solidariedades e novas estéticas firmado pela iniciativa, em diversas camadas. O convívio e o trabalho em conjunto, o aspecto coletivo fortalecido, baseado no apoio mútuo, na atenção, na escuta, na confiança e transparência foram vivenciadas e deixam marcas de significado e afeto. Não se trata de um ambiente organizacional capitalístico, muito pelo contrário – esses dois ambientes tem uma relação de oposição.

Portanto, pode-se afirmar que a construção se deu no sentido abordado na teoria da presente pesquisa, de recomposição da ação humana e que focalizam na ressingularização individual e coletiva dos dispositivos de produção de subjetividade, exemplificados pelo símbolo de se ter um caixa único e aberto com acesso para toda a equipe exercer suas atividades com autonomia e confiança. Da mesma forma, a decisão de manter as feiras mesmo sem retorno financeiro significativo, e o desejo sempre explicitado de levar alimentos cultivados sem aditivos químicos para as favelas e pessoas mais vulneráveis – o que foi realizado em ano de

pandemia, de forma solidária – ressaltam valores e tomadas de decisão em contrafluxo ao CMI. Podemos assim afirmar a atuação do movimento para uma Soberania Alimentar na práxis, provocando mudanças sociais.

Nessa mesma direção, em relação a segunda parte da pesquisa, podemos indicar que a análise semiótica das imagens veiculadas denotam, de maneira geral, uma outra estética, mais atreladas ao real, à representação do que costuma ser escondido ou ficar às margens em uma semiótica capitalística. É evidente que não existe branding ou dispositivos de marketing elaborados na produção de tais conteúdos. Não é possível reconhecer a pasteurização e homogeneização característica e dominante do Instagram na amostra analisada e certamente tais fatores implicam em uma menor visualização por parte dos usuários na plataforma, devido aos algoritmos capitalísticos da plataforma. Tais aspectos não foram foco da discussão do presente trabalho, mas é importante esclarecer que existem discussões na sociedade civil relativas aos algoritmos que favorecem ou prejudicam a publicização de determinados conteúdos. Não é surpreendente que aqueles que são favorecidos correspondem aos padrões estéticos capitalísticos amplamente abordados na pesquisa. De toda forma, ainda que haja boicotes, as ações e os conteúdos permanecem sendo veiculados e noticiados.

Assim, o presente estudo buscou trazer contribuições para o campo da psicossociologia do consumo, em um recorte transdisciplinar sobre a atuação de um movimento social organizado em uma de suas iniciativas. Importante declarar os poucos estudos encontrados na mesma linha temática, tanto em especial, no que tange à análise semiótica. Em sua maioria, os estudos retratam peças publicitárias de grandes corporações ou de iniciativas que estão alinhadas ao CMI.

O *Raízes do Brasil*, no entendimento dessa pesquisa, constitui uma micropolítica de resistência perante ao Capitalismo Mundial Integrado, por suas diversas frentes de ação demonstradas: além de uma luta política e cultural, que trabalham para uma ecologia social e mental, também promovem uma ecologia ambiental por trabalharem em conjunto aos ecossistemas naturais. Dessa forma, registra-se a intenção de fomentar, para além de pesquisas, ações que promovam o fortalecimento de iniciativas micropolíticas que atuem para semióticas de resistência, no sentido de uma ecosofia e da ressingularização individual e coletiva indispensáveis à cultura capitalística e rizomática contemporânea.

Referências

- Barbier R. (2002). A pesquisa-ação (Vol. 3). Líber Livro.
- Barbosa, L. (2004). Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2001). Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2008). Vida para Consumo. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1999). Globalização. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2005). Identidade. Rio de Janeiro: Zahar.
- Debord, G. (1997). A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Deleuze, G. (1992). Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: Conversações. Rio de Janeiro, v. 34, p. 219-226.
- _____. & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 1. São Paulo.
- _____. (1996). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 3. São Paulo.
- Desroche, H. (2006). Pesquisa-ação: Dos projetos de autores aos projetos de atores e vice-versa. In M. Thiollent (org.). Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche. São Carlos: Editora UFSCar., p. 33-68.
- Dionne, H. (2007). Pesquisa-ação para o desenvolvimento local. Tradução de Michel Thiollent. Brasília: Liber livro Editora.
- Ferrarezi, F. C. (2018). O Olhar do Viajante: Uma Análise Semiótica de Fotografias de viagem do Instagram. Monografia de conclusão de graduação apresentada à Faculdade de Comunicação como requisito para obtenção do título de Bacharela no curso de Jornalismo pela Universidade de Brasília - UnB.
- Ferreira Neto, J. L. (2015). Micropolítica em Mil Platôs: uma leitura. Revista de Psicologia da USP, 26(3), 397-406.
- Foucault, M. (2011). Microfísica do Poder. 29. ed. São Paulo: Editora Graal.
- Freire, P. (1983). Ação cultural para a liberdade. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Grisa, C. & Schneider, S. (2014). “Três gerações de políticas públicas para a agricultura e formas de interação entre sociedade e estado no Brasil”. Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília, Vol. 2. supl. 1, Brasília, p. 125-146.
- Guattari, F. (1990). As três ecologias. Campinas: Papirus.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). Micropolítica – Cartografias do Desejo. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Hardt, M. (2000). A sociedade mundial de controle. In: Alliez, E. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34.

- _____ & Negri, A. (2001). *Império*. São Paulo: Record.
- Haguette, T. (2010). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 12 ed. Petrópolis: Vozes.
- Ingramer. (2021). Ferramenta para análise de perfil do Instagram. Disponível em: <https://ingramer.com/tools/profile-analyzer/>
- Lachtermacher, A. & Tandler, S. (1994). *Josué de Castro, Cidadão do Mundo*. [documentário]. Rio de Janeiro: Bárbara Produções.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Lewin, K. (1946). Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, n. 2, p. 34-36.
- Machado, A. (1984). *A ilusão espetacular: introdução à fotografia*. Brasiliense: Funarte.
- Maisonneuve, J. (1977). *Introdução à psicossociologia*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo.
- Maluf, R. (2007). *Segurança Alimentar e Nutricional*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Morin, A. (2004). *Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada*, Rio de Janeiro: DP&A.
- Moscovici, S., & Hewstone, M. (1985) De la ciência al sentido comum. In: Moscovici, S. (org.). *Psicologia Social*. Barcelona: Paidós, p. 679-710.
- Movimento dos Pequenos Agricultores. (2018). Folder de divulgação.
- _____. (2021). Disponível em: <https://mpabrasil.org.br/>
- Minayo, M. (1994). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Deslandes, S. Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes.
- Nasciutti, J. (1996). Reflexões sobre o espaço da psicossociologia. *Documenta Eicos*, n.7, 1996.
- Neto, O.C. (1994). O trabalho de campo como descoberta e criação. In: Deslandes, S. Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes.
- Niemayer, C. (2014). *Movimentos sociais como produtores de conhecimento: a soberania alimentar no Movimento de Pequenos Agricultores (MPA)*. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos. Rio de Janeiro.
- Pelbart, P. (2003). *Vida capital*. Ensaios de biopolítica, São Paulo: Iluminuras.
- Peruzzo, C. (2016). Epistemologia e método da pesquisa-ação. Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. Recuperado de

http://www.compos.org.br/biblioteca/epistemologiaem%C3%A9tododapesquisa-a%C3%A7%C3%A3o...ciciliaperuzzo.modelocompos2016._3270.pdf

- Ploeg, J. (2009). Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: Petersen, P. (Org). Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, p. 17-32.
- Poker, J.G. & Abarotti, A. (2015). *Movimentos sociais: o que há de novo?* In: Simonetti, M. (org.) Territórios, Movimentos Sociais e Políticas de Reforma Agrária no Brasil. Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Pontes, F., & Tavares, F. (2017). *Ecosofia das Marcas – As três ecologias na publicidade verde*. Curitiba: Appris.
- Portilho, F. (2005). Consumo sustentável: limites e possibilidades de ambientalização e politização das práticas de consumo. Cad. EBAPE.BR [online], vol.3, n.3, p.01-12.
- Portilho, F. (2009). Novos atores no mercado: movimentos sociais econômicos e consumidores politizados. Revista Política e Sociedade. Dossiê Sociologia Econômica, v. 8, n. 15, p. 199-224.
- Portilho, F. & Castañeda, M. (2008). Certificação e confiança face-a-face na feira de produtos orgânicos. In: Encontro Nacional Anppas, 4., Anais. Brasília: ANPPAS, p. 1-15.
- Rolnik, S. (2006). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina Editora UFRGS.
- Santaella, L. (2018). *Semiótica aplicada*. 2ª ed. São Paulo: Cengage Learning.
- _____. (2012). O que é semiótica. Coleção Primeiros Passos; 103. São Paulo: Brasiliense.
- Santos, A.B. (2015). Colonização, Quilombos. Modos e Significações, 9-15. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa.
- Santos, B.S. (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos - CEBRAP* n.º 79, São Paulo. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000300004&script=sci_arttext Acessado em 21 de novembro de 2019.
- Statista. (2018). Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/253577/number-of-monthly-active-instagram-users/> acesso em 16 fev 2021.
- Tanaka, J. (2019). “Comer é um ato político”: O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e a politização do consumo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Tavares, F. (2004). O consumo na pós-modernidade: uma perspectiva psicossociológica. *Revista Comum da OHAEC*, v. 9, n. 22, p. 122-143 Rio de Janeiro.
- _____. (2007). *Natureza S/A? O consumo verde na lógica do Ecopoder*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ>

- _____. (2014). “Sustentabilidade líquida”: o consumo da natureza e a dimensão do capitalismo rizomático nos platôs da sociedade e da economia. *Sinais Sociais*, v. 9, n. 26, p. 73-97. Rio de Janeiro.
- _____ & Irving, M. (2009). *Natureza S/A? O consumo verde na lógica do Ecopoder*. 1. ed. RIMA, v. 1. 272p
- Thiollent, M. (2019). Aula de Metodologia de Pesquisa, EICOS/IP, no dia 07 de novembro.
- _____. (2011). *Pesquisa-ação nas organizações*. São Paulo: Atlas.
- _____. (2003). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. SP: Cortez, 12a ed.
- Trentmann, F. (2004). Beyond Consumerism: New Historical Perspectives on Consumption. *Journal of Contemporary History*, v. 39, n. 3, p. 373-401.
- Trentmann, F. (2007). Citizenship and consumption. *Journal of Consumer Culture*, v. 7, n. 2, p. 147-158.
- UFRJ. (2014). Disponível em: <https://eventos.ufrj.br/evento/barraca-camponesa-de-alimentos-saudaveis/> acesso em 28 nov 2019.
- Via Campesina (2021). Disponível em: <https://viacampesina.org/en>